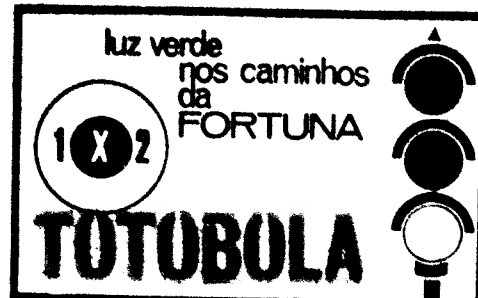


Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANÇO DIRECTOR A. RUELLE RAMOS
TERÇA-FEIRA, 8 DE ABRIL DE 1969 N.º 16 631 ANO 49.º UM ESCUDO



Edward Kennedy e Richard Nixon defrontar-se-ão como candidatos à eleição presidencial de 1972, segundo se afirma em Washington

Atacado com foguetões o porto de Eilath

TEL-AVIV, 8 — (F. P.) — Aviões israelitas bombardearam esta manhã, ao alvorecer, rampas de lançamento de foguetões situadas, em território jordano, próximo de Akaba.

Este ataque seguiu-se a um bombardeamento com foguetões efectuado pouco antes, a partir de território jordano contra

a cidade e o porto de Eilath — declarou um informador israelita. Treze pessoas ficaram feridas, sem gravidade e há

casas e veículos destruídos — precisou.

Travou-se na realidade no primeiro ataque de envergadura lançado contra o por-

to de Eilath a partir de território jordano. Os observadores consideram muito grave este incidente.

A operação da aviação israelita, cerca das 5 horas

(Continua na 14.ª página)

NOVO DUELO DE ARTILHARIA NO SUEZ

TEL-AVIV, 8 — (F. P.) — O novo duelo de artilharia israelo-egípcio sobre o canal de Suez já dura há mais de hora e meia — anuncia-se em Tel-Aviv.

Os tiros de artilharia são trocados numa frente de perto de 60 km, entre Port Tewfik e o Lago Amargo.

TROCA DE INVECTIVAS

O Canal de Suez onde as artilharias das forças israelitas travam frequentes duelos, é desde há algum tempo, também teatro de duelos de outro género. Com efeito, os israelitas instalaram potentes altifalantes ao longo do canal, empregando-os para explicar em árabe, aos soldados egípcios, as razões por que têm de ripostar aos seus tiros e para anunciarem os danos que são inflingidos às posições egípcias. Os egípcios por seu turno, também instalaram altifalantes, e na maior parte das vezes, há tiros e troca de invectivas.

De ambos os lados recorreu-se aos «slogans» escritos em enormes painéis que os atiradores não tardam a utilizar como alvos. Por fim, os israelitas têm orgulho numa coisa: acham-se mais respeitadores das regras de ortografia árabe.

NIXON E KENNEDY PODERÃO DEFRONTAR-SE NA ELEIÇÃO DE 1972

WASHINGTON, 8 — (Por Elizabeth Warton, da U. P. I. — A. N. I.) — O presidente Nixon já pensa que

o senador democrático Edward Kennedy será seu

(Continua na 15.ª pág.)



Vista geral da sala durante o jantar comemorativo do 48.º aniversário do «Diário de Lisboa»

Juventude e sã camaradagem caracterizaram o jantar comemorativo do 48.º aniversário do «Diário de Lisboa»

Mais de trezentas pessoas, entre as quais todos os trabalhadores do «Diário de

HOJE SE PAGINAS DESADO PELA CENSURA

Lisboa, e muitos dos seus colaboradores e amigos, estiveram presentes. A noite não podia ser mais agradável, com a música de fundo e a presença de tantos trabalhadores da imprensa, que é tão comum.

para isso, se tem revelado uma grande solidariedade, e a presença de tantos trabalhadores da imprensa, que é tão comum.

A mesa de honra era presidida pelo chefe director, sr. dr. António Pedro Ruel. Ramos, que estava lado a lado com o sr. dr. Pedro

(Continua na 11.ª página)

Franco Nogueira em Washington

A fim de participar na reunião ministerial do Conselho de Negocios Extra-negocios, de Franco Nogueira.

da N. A. T. O., que este ano se efectua em Washington, seguiu esta tarde para aquela cidade a missão portuguesa chefiada pelo ministro dos

Franco Nogueira vai a Nova York NAÇÕES UNIDAS, (Nova York) 8 — (R.) — O minis-

(Continua na página seguinte)

Edição da noite

 **Conta Universitária**
BANCO DO ALENTEJO

DO BRASIL À ÁFRICA

por Joel Serrão

Para se compreender historicamente que o alcance do ultimato inglês de 11 de Janeiro de 1890, que Basílio Teles classificou como «o acontecimento mais considerável que, desde as invasões napoleónicas, abalou a sociedade portuguesa», quer o teor da crise por ele desencadeada, incontestavelmente e mais severa, talvez a mais decisiva» ojuiza Eça de Queirós, «que esta geração tem afrontado», torna-se necessário remontar um tanto no fito de encontrar as pontas do novelo tão enredado.

A bem dizer, na perspectiva otocentista da expansão europeia burguesa pelo Mundo, o primeiro óbice enfrentado pelos direitos históricos de Portugal a terras por ele descobertas foi o princípio estabelecido pelo Congresso de Viena (1815) acerca da liberdade de navegação nos grandes rios, alguns dos quais passavam a estar ao abrigo da teoria e da prática do *mare liberum*, há muito estabelecidas, no que a navegação oceânica respeitava. Entre outros, o Zaire e o Zambeze, tradicionalmente considerados na esfera portuguesa, eram desse modo, virtualmente abertos à navegação estrangeira, o que, porém, só viria a correr no último quartel do século XIX, quando a Europa industrializada se lança à conquista e à partilha das terras africanas. «Com o triunfo das instituições europeias na América e com o seu insucesso na Euro-Ásia», explica Morazé, «a Europa sofre duplamente. Dum lado, concorrência; do outro, resistência. Causas profundas da crise lenta, duradoura, que obriga a Europa desde o final do século XIX a levar ao extremo o seu esforço de industrialização e a sua reforma social. Nunca as

exigências do capitalismo tinham sido tão fortes, e o seu imperialismo mais patente. Um continente permanece livre, a África. Desprezada durante muito tempo, na altura dos êxitos fáceis da América e da Ásia, durante muito aliás impenetrável, à falta de métodos e técnicas convenientes, aparece então como o último recurso da Europa. É a última grande vitória europeia, que termina desta forma a sua volta ao mundo e atinge por todo o lado os limites extremos do seu poder. Eis a Europa no auge da sua carreira humana.»

É no contexto desse auge expansionista europeu que se situam a fulminante carreira colonialista da Bélgica, firmemente estabelecida na imensa bacia do Zaire ou Congo, a expansão inglesa para o norte, a partir da África do Sul, o tardio nas almas a tempo o despertar africano da Alemanha bismarckiana, logo instalada no Sudoeste Africano e no Langanhica. E é esse mesmo auge da expansão europeia que obriga Portugal a defender, em precárias circunstâncias de competição internacional, os seus direitos históricos sobre boa parte da África Meridional, postos em causa pelo novo candicionismo, advindo da concorrência com povos que se encontravam, então, na dianteira mundial da civilização e da força.

Entretanto, e muito antes da partilha africana, desencadeada pela competição das potências industrializadas em busca de novos mercados e de matérias primas, é de justiça acentuar que, pelo menos, de 175 até às grandes explorações de Capelo e Ivens, (1877-1880), estão documentadas doze sortidas portuguesas no *hinterland* de Angola e Moçambique, das quais se deve destacar, de 1804 a 1806, a longa viagem dos pombeiros Pedro João Baptista e Amaro José, de Cassange, em Angola ao Kazembe e dali a Tete, na costa oriental, e, em 1853, a tentativa de travessia do Bié à

contra costa, por Silva Porto. Antes, pois, da África ser retalhada pelas potências europeias recém-chegadas a esse continente, portugueses percorriam já livres de qualquer competição, as terras que, em 1886, viriam a estar num contexto novo, então criado, na origem do roseeo sonho do *Mapa Cor de Rosa*, causa próxima do diferendo luso-britânico.

De 1820 a 1890, nas suas sucessivas metamorfoses, o projecto luso de regeneração nacional, defronta-se, por um lado, com as consequências da perda do Brasil (1822), que punha em causa as bases da vida tradicional da grei, e, por outro, aspira a preencher, logo que possível, esse vácuo na vida nacional, com novos «brasas» africanos.

Enleado — e de que modo! — na questão brasileira, o vintismo, encarando o futuro, considerava por este modo, e nas palavras de Manuel Fernandes Tomás, as longínquas virtualidades africanas: «... à vossa sabedoria (falava aos constituintes) não há-de escapar que nas críticas circunstâncias em que nos achamos, é necessário dar uma particular atenção aos nossos estabelecimentos d'África, e das ilhas adjacentes a Portugal. Quem sabe quais serão um dia os nossos recursos, e nossos meios? Quem pode conhecer qual será em toda a sua extensão o nosso estado futuro, e futura situação de nossas relações comerciais com os portos do Brasil e da Ásia?» E, de modo sibilino, como quem falava exclusivamente para entendidos, comentava: «Em Política, senhores, uma hora desfaz os planos mais bem combinados, e que por muitos anos pareceram fazer honra à inteligência humana». Com efeito, o vintismo jogara, sobretudo, a cartada brasileira: perdendo-a, perdeu-se a si mesmo, esfumando-se em retórica. Restavam, porém, e restariam «os nossos estabelecimentos d'África», de reserva para o que desse e viesse, para o ensejo mais adequado.

Nota do dia

ÚLTIMAS HORAS DE «SUSPENSE»

POIS QUE DIRA ESTA NOITE o Prof. Marcello Caetano? Eis a pergunta que hoje se faz um pouco por toda a parte, um pouco por toda a gente, mesmo por aqueles que estendem o belço em certo jeito de desinteresse para discretamente sublinhar uma decepção que não queiram exprimir. O Presidente do Conselho lançou este uso salutar e desejável de nos dizer «umas coisas» de vez em quando, nunca se sabe bem quando nem o quê, com o que gera uma expectativa que só por si nos parece útil nos dois sentidos: para o País, na medida em que com isso se reconstitui o hábito, tão esquecido, do interesse pela coisa pública; para ele próprio porque o seu estilo «à lazeira», de «chá e simpatia», agrada ao comum das gentes, como cada um de nós terá ouvido: «este tão menos dá-nos contas!»

Que contas é que dá? Pois evidentemente está em posição de escolher. Dá as que julga oportunas, as que escolhe, no fundo as que lhe apetece. Mas vai-as dando. Discretamente? Sim, discretamente. Com a mesma discrição com que nós lhas vamos pedindo, a tactear, escolhendo também, devagarinho, com cautelas, para não quebrar a loiça toda, com o que, bem nos parece, ninguém ganhava e todos perdiam. São passos. Passos que se vão dando, porventura lentos, mas num caminho que se julgou possível quando se ouviram as suas primeiras palavras ao País após a sua tomada de posse.

Com decepções e tudo (não escondemos as nossas) são passos que seria preciso dar. Mais depressa? Mais devagar? Mais largos? Mais estreitos? Havemos de reconhecer que é o próprio que se decidiu por eles quem está em condições de decidir também por onde e de que tamanho. Conforme lhe convém? Naturalmente, claro, conforme lhe convém, conforme convém à política que traçou e que pretende executar, com as cautelas a que não se pode furtar qualquer responsável por uma política, qualquer que ela seja. Havemos de ser capazes de entender que o jogo tem as suas regras e que é dentro delas que se pode jogar.

Nesta sua comunicação de hoje, que é a n.º 5 desde a sua chegada ao Poder, que vai dizer o Prof. Marcello Caetano? Talvez não diga nada do recenseamento nem das eleições deste ano para deputados à Assembleia Nacional. As operações do recenseamento decorreram normalmente, supomos nós que com regular interesse das pessoas, queremos dizer dos cidadãos. Estamos em Abril, temos Maio e Junho, metem-se as férias, há muito tempo para uns preparativos discretos e deixar de certo modo esquecer um fenómeno que sempre se receia seja fonte de inquietações. Depois vem Outubro e abre-se então um pouco a torneira.

De que vai então falar? Se bem nos parece, há-de vir lembrar-nos que está há seis meses no Governo. Poderá dizer-nos alguma coisa, mesmo que já se saiba, da recente remodelação ministerial, procurar dar uma ideia do sentido que a inspirou, uma palavra sobre o salto que deu a Washington e os contactos que teve, outra sobre a evolução económica, que é, no nosso tempo, o conteúdo essencial de uma política. E vai-nos falar, porventura mais de espaço, do problema ultramarino e também da sua evolução. Em vésperas de partida para o Ultramar e tendo na mão a carta dos macondes, aí o Presidente do Conselho vai jogar forte. Daqui a poucas horas saberemos o resto.

A «IFALPA» contra a pirataria aérea

O congresso internacional das Associações dos Pilotos de Linha (IFALPA), que acaba de terminar os trabalhos em Amsterdão, preocupou-se em especial com o problema muito actual dos desvios forçados e dos atentados de que os aviões comerciais são objecto há certo tempo a esta parte.

O recrudescimento destes actos de «pirataria aérea»,

A moção votada pelo congresso prevê que a IFALPA tentará — antes de recorrer a estas medidas extremas — obter a libertação da tripulação por contactos diplomáticos ou pelo envio de uma delegação. Se estas diligências não tiverem êxito dentro de 48 horas, os pilotos ameaçam boicotar sem aviso prévio os aeródromos do país detentor do aparelho e da sua tripulação.

Primeiro por uma razão de facto. Os pilotos só prevêem a boicotagem nos casos em que a tripulação desviada não seja libertada ao fim de 48 horas. Ora, na maior parte dos casos, em especial tratando-se de Cuba, a tripulação e os passageiros — se não o avião —

os perigos concretos que fazem correr aos passageiros e às tripulações e a ausência, em muitos países, de uma legislação que permita sanções, levaram os pilotos a prever medidas de boicotagem se fossem novamente retidas tripulações, como se deu nomeadamente em Julho de 1968, quando um avião israelita foi desviado para Argel por comandos palestinos.

são em geral autorizados a voltar a partir menos de dois dias após a sua chegada. O processo previsto só raramente, portanto, terá ocasião de ser aplicado.

De resto, será desejo dos pilotos terem de executar estas ameaças? Divergências de interesses e mesmo de concepção política podem, de facto, existir entre

as diferentes associações nacionais. Os pilotos talvez se sintam menos solidários uns com os outros (recordamos de memória as relações difíceis entre pilotos franceses e americanos) para com a companhia que os emprega. Ora estas companhias seriam, sem contesta-

(Continua na página seguinte)

RECTÂNGULOS DA VIDA

BRASILEIROS EM LISBOA

Quase quatrocentos e setenta onos depois da nossa primeira ida às terras de Vera Cruz, os brasileiros começam a visitar-nos com certa assiduidade, trazendo-nos uma das coisas mais belas que possuem: a sua música. Os últimos no tempo foram Vinícius de Moraes, Márcia, esse fabuloso Baden Powell, Edu Lobo e Joyce. Na verdade tinhamos muito que aprender — se quiséssemos, se quiséssemos humildade para tanto — com todos estes jovens (Vinícius de Moraes entra na conta, claro está), com todos estes jovens portanto, discretos, não pedestres, jovens que não precisam de aprender a naturalidade porque ela nasceu com eles, que cantam como quem fala, como quem respira, como

quem vive. As vezes não são cantores, melhor, nunca são cantores. São, isso sim, servidores quase ascéticos da música que fazem ou se limitam a transmitir. Neles nada de vedetismo. Joyce apresentou-se de blusa de mar-

por
MARIA
NÚDITE
DE
CARVALHO



gas compridas e com uma saia amarrada. E causou espanto a muito boa gente aquela noite de gala para apresentação de Vinícius. Porque o luxo da plateia não estava de acordo com o que se passava no palco.

Joyce, sentadinha num banco alto, cantou agarrando o microfone ou dedilhando o violão. Cantou? Não haverá uma palavra melhor? Quem ouve Edu, Márcia, Joyce, não sente que a canção foi fabricada mas que ela nasceu a pouco e pouco dentro do coração de alguém, e foi a pouco e pouco sendo música e poema. Música — dor, amor, urgência de comunicação, melancolia às vezes, alegria quase sempre. Nunca música-exibição, nunca por nunca ser música para lançar ou manter canções no *hit-parade*.

Venham mais brasileiros mais vezes. Aqui em Portugal, gostamos muito de vocês.

Cofres de aluguer



Av. República 3
BANCO DO ALENTEJO

HOTEL RIOMAR

CENTRO DE LAGOS (5 minutos das praias)

Passe as suas férias no mais confortável Hotel de 2.ª classe do mundo. Preços atractivos. Redução especial de 10% durante o mês de Abril. Todos os quartos com casa de banho e aquecimento central. Salas de convívio com ar condicionado. Marcação pelo telef. 490.

AS PREOCUPAÇÕES DA «IFALPA»

(Continuação da pág. anterior)

ção, mais duramente afectadas pelas medidas previstas do que pelos desvios, os quais a maioria delas, de resto, nunca tiveram que sofrer.

Além disso, a consideração dos casos de desvios de rotas para Cuba — de longe os mais numerosos (houve 15 entre 1 de Janeiro e 3 de Março de 1969) — a bolcotação certamente que só poderia ser aplicada pelos pilotos de companhias

que mantêm serviços regulares para este país. Ora em geral não são destas companhias os aviões desviados. Só os pilotos mexicanos e espanhóis, cujas companhias têm ligações regulares com Cuba, deveriam aplicar as instruções da IFALPA. Teriam de assumir toda a responsabilidade da sua acção para com as respectivas companhias que seriam as únicas a sofrer um importante prejuízo, resultante da sua acção.

Os desvios para Cuba explicam-se por uma situação cuja característica principal é o bloqueio de que este país é objecto há cerca de dez anos em consequência das ligações regulares entre o continente americano e a ilha. Poder-se-á razoavelmente esperar que em tal contexto o Governo cubano tome medidas severas de repressão contra aqueles dentre os seus partidários que desviavam aviões americanos ou venezuelanos? Os Governos em causa podem de resto recusar sempre tomar a responsabilidade dos actos de pirataria cometidos por indivíduos que, por seu lado, não se sentem forçosamente ligados pelos acordos que os Estados a favor de quem eles pretendem actuar assinam.

No estado actual das coisas as únicas medidas eficazes parece serem medidas práticas como as já adoptadas pelas companhias e as autoridades aeroportuárias: pesquisa sistemática dos passageiros, aferimento das cabinas de pilotagem, estacionamento dos aparelhos longe das aerogares, acompanhamento dos aviões por agentes especializados, etc.

Para ir além disso, como desejaria a Organização Internacional da Aviação Civil (O. A. C. I.), e poder verdadeiramente dissuadir os responsáveis por estas «viagens-surpresas», seria preciso que uma certa normalização das relações internacionais permitisse a elaboração de uma convenção pela qual todos os Estados se comprometessem a reprimir severamente estas acções. A realização de semelhante unanimidade suporia, dir-se-á, que se instaurassem novas relações entre os Estados e que o respeito pelo direito se tornasse a regra primordial da sua acção. Mas nesse caso esta convenção teria ainda qualquer utilidade?

AINDA NÃO RECOMEÇOU A ACTIVIDADE DAS TRINEIRAS DA SARDINHA EM SETÚBAL

SETÚBAL, 8 — Após dois meses de defeso da pesca da sardinha (terminados no dia 31 do mês findo), ainda não começaram as actividades das respectivas «trineiras», e ao que consta ainda não se matricularam, como é mister, grande parte das respectivas tripulações, cujas condições de trabalho e remuneração devem ser iguais às da última campanha.

Se, porém, for abolido como consta, o imposto de 10 por cento sobre o pescado, e que meche da respectiva importância deste imposto venha a reverter para as tripulações das trineiras, como, também, consta, as tripulações verão assim um pouco

melhoradas as suas remunerações.

O custo de vida

A despeito das providências já tomadas ou anunciadas pelas autoridades competentes, para deter a subida do custo de vida, tais providências não se têm feito sentir nesta cidade. Sobretudo, nos dois mercados, tanto os produtos hortícolas como o peixe têm atingido, nos últimos dias, preços verdadeiramente proibitivos para as classes menos favorecidas, sem que para isso se encontre outra explicação que não seja a ganância do lucro.

Bom será que as brigadas da I. G. A. tornem mais frequentes as suas fiscalizações para pôr cobro a tais especulações.

ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO VEGETARIANA PORTUGUESA

A Associação Vegetariana Portuguesa que tem sede provisória na Rua Castilho, 17, 1.º, em Lisboa, divulgou agora o seu programa de actividades para o mês de Abril que começa a ser cumprido esta noite, às 21 e 30, com uma conferência do sr. Osvaldo de Almeida Saralva sobre «Panorama do movimento zófilo português».

No dia 15, o dr. José Castro falará sobre o tema «Da alimentação cerealífera à macrobiótica Zens» e no dia 22, o sr. José Galambos discorrerá sobre «Incompatibilidades entre pais e filhos». Estas duas palestras realizar-se-ão na sede da Associação às 21 e 30.

No dia 29, às 20 horas, o dr. José Castro é homenageado com um jantar (para o que estão abertas as inscrições) no restaurante vegetariano «A Colmeia».

«ARTEIRO FERIDO POR CAIR DA MOTORIZADA»

ÉVORA, 8 — Um carteiro caiu da motorizada em que seguia e ficou em estado grave, pelo que foi internado no Hospital da Misericórdia desta cidade.

Próximo de Santiago Maior o sr. António Rosato Freire, de 27 anos, carteiro natural de Santiago Maior e residente na Aldeia da Venda, caiu do veículo de duas rodas em que seguia, segundo ele por sua exclusiva culpa. Muito ferido, foi conduzido de ambulância para esta cidade e aqui ficou no hospital.

EXPOSIÇÃO DE JOIAS NO ESTORIL

Com grande afluência de visitantes, continua patente ao público na Junta de Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Estoril) uma exposição de jóias e desenhos de Albert Gordillo que, tendo apenas 25 anos, é já considerado mestre, pois desde muito jovem se dedica ao desenho e à joalharia.

Nos últimos quatro anos, Albert Gordillo tem-se dedicado exclusivamente às jóias e em todas as ourivesarias de Lisboa podemos ver reproduções de trabalhos seus.

A exposição está aberta todos os dias das 10 às 22 horas e a entrada é livre.

GRIPE

PARA O PROBLEMA DAS EPIDEMIAS GRIPAIS

ARGOTONE

ANTI-SÉPTICO E DESCONGESTIONANTE DAS VIAS NASAIS

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

ora diga-nos...

— Já viste algum filme de Charlot?

Veja-se aqui o homenzinho das botas, uma para cada lado, de bengalinha de mão e chapéu-de-coco na cabeça... (Conselho sem invenção para todos).



José Manuel Casquilho de Abreu:

— Tenho visto vários na TV.

— Nunca no cinema? Sabes o que é um cinema?

— Nunca no cinema. Clubes conheço vários...

— Vários...?



Disse-nos Júlio Henrique Castro, compositor:

— Ah, já!

— Muitos?

— Muitos...

— No cinema?

— Na TV.

— És capaz de dizer o nome de um desses filmes?

— Não...

— Não...

Aluno do 3.º ano comercial, afirmou-nos



Timpeira, aluno da 3.ª classe:

— Sei lá quem é esse senhor! Nunca fui ao cinema...

— Nunca foste ao cinema...?

— Nunca. A mãe não me leva...

— Oh, rapas! Vai um dia às escondidas! Junta um dinheirinho e vai ver um filme... Olha que vale a pena! Ou, então, no dia dos teus anos, pede à mãe para te levar ao cinema...

Finalmente, respondeu à nossa pergunta José Pedro de Oliveira

VIDA MUSICAL

Concerto da banda da G. N. R. no Tivoli

Termina amanhã, às 18 e 30, no Tivoli, a série de concertos que a banda de música da G. N. R. sob a direcção do maestro Silva Dionísio, ali tem vindo a realizar.

Serão interpretadas as seguintes obras: 3.ª Sinfonia «Heróica», de Beethoven; Concerto n.º 2 para Trompa, de Haydn (Solista: 2.º sargento Silva Rodrigues) e Os Mestres Cantores — Fragmentos Sinfónicos — de Wagner.

Os bilhetes que restarem serão distribuídos gratuitamente na bilheteira do Tivoli à hora do concerto.

Cinco anos no comando da Guarda Fiscal

Por motivo da passagem do 5.º aniversário da posse do general Mário Silva como comandante-geral da Guarda Fiscal, recebeu aquele oficial-general, hoje, pelas 12 horas, no seu gabinete, uma representação de oficiais, sargentos e praças da corporação, que lhe foram apresentar cumprimentos.

No decorrer da cerimónia foram exaltadas as qualidades de comando do general Mário Silva, que tem pugnado pela promulgação de diplomas referentes à melhoria dos serviços da Guarda Fiscal e de carácter social para o seu pessoal.

Foi ainda sublinhado o elevado «espírito de corpos» que o comandante-geral soube imprimir à Guarda Fiscal nestes cinco anos.

O voo das aves

REGUENGOS DE MONSARAZ, 8 — Foi encontrado morto numa vinha, no lugar dos Moendes, nos subúrbios desta vila, pelo trabalhador rural sr. Manuel Pedro Bico, um pássaro vulgarmente denominado «Pardal do Mato», portador de uma anilha com a inscrição «S 210840 MOSCWA».

C. G. O. LA COMPAGNIE GÉNÉRALE D'ORGANISATION

2 — Avenue de Ségur — PARIS (7ème)

CONSULTORES EM PROCESSAMENTO DE DADOS E IMPLANTAÇÃO DE SISTEMAS INFORMÁTICOS

COLABORA COM O

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO NO ESTUDO E DESENVOLVIMENTO DO SEU CENTRO ELECTRONICO

O DISCO VEM AÍ

Para a etiqueta «Carrere» (da «Alvorada») a francesa Sheila acaba de gravar um «45 rotações» que inclui «Arlequin» (Claude Carrère-Jacques Plante), «La Ville» (Carrère-Schneider-Aber-Plante), «Sheila-la-la» (Kluger-Carrère-Aber-Plante) e «Quelqu'un et quelque chose» (Jacques Monty-Claude Carrère). Os arranjos pertencem a Jean Clandric.

Robert Livi em acetato para a C. B. S.: «Apaixonado» (Keith Colley-Paul Rubio-Rossini Pinto), «Se esta rua fosse minha» (Elisabeth), «Ódio o muro de Berlim» (Robert Livi-Paulinho da Fonseca) e «Parabéns queridos» (Roberto Corrêa-Sylvio Son).

A «Belter» edita um L. P. em que o lugar de honra é logicamente oferecido a Salomé, que interpreta «Vivo cantando», «Abrazame otra vez», «Amigos, amigos», «Esperare», «La feria» e «Puedo morir mañana». Outras vozes para outras canções do mesmo disco: «Cristina e Los Tops» («Que viva el amor»), «Los 3 Sudamericanos» («La luna ya está en el bote»), «Los Mismos» («Ay, pobrecito papa»), «Conchita Bautista

(«La venda»), «Los Gritos» («Veo visiones») e Michel («Rosinas»).

Um L. P. da «Sonoplay», denominado «Canciones de oro», apresenta a orquestra de Larry Page em «Light my fire», «Wichita Lineman», «Happily ever after», «My special angel», «Rezo una pequeña oración», «Las bicicletas de béisbol», «Those were the days», «Scarbro

fair», «Elenore», «Dream a little dream», «Hey Jude» e «Little green apples».

Silvana num disco «Copa-cabana»: «En Aranjuez con teu amor» (Joaquim Rodrigo Vidre, adaptação de David Mourão Ferreira), «Nenhum de vocês» (Kramer-Pallavicini-Nazareno de Brito) e «Fé, bem feliz, tão feliz» (António Francisco Perez-Luiz Vagner Dutra Lopes).

UM TLXTO CHEIO DE CRÍTICA SADIA NO TEATRO ABC

O êxito alcançado pela revista que José Miguel apresenta em terceiro mês no teatro ABC tem por base um texto cheio de crítica sadia, oportunidade e graça que foi escrito pela parceria Paulo da Fonseca-César de Oliveira-Rogério Bracilha, servido por música de João Nobre e João de Vasconcelos e pela extraordinária interpretação de um elenco cheio de en-

tusiasmo á frente do qual se encontram Ivone Silva, Nicolau Breyner e Henriqueta Maya e de que fazem parte Natalina José, Carlos Gonçalves e a artista americana Gill Christy, além de um numeroso grupo de jovens artistas, tudo ainda como aliados principais a estreia em revista do actor José de Castro e a atracção nacional Tony de Matos.

«Ela é que sabem!» tem uma montagem concebida e dirigida por Mário Alberto que também desenhou os figurinos que, nos «ateliers» Paiva, foram executados por mestra Josefina Soares.

A revista foi coreografada por «mestre» Charles que dirige um grupo de baile de 20 figuras.

RECINTOS DE DIVERSÕES

- * A etiqueta estúdio vai produzir um L. P. com alguns dos maiores êxitos dos últimos tempos e no desempenho dos quais participam alguns dos nossos principais artistas.
- * Para a mesma etiqueta gravou recentemente um disco o conhecido agrupamento «Os Flyers».
- * O cantor Alfredo Duarte Junior está a actuar na «Nau Catrineta».
- * Em Alfama, continuam os preparativos para a

abertura da nova casa da artista Eduarda Maria.

- * A artista Maria de Lurdes Resende vai gravar um disco com as suas melhores canções.
- * Já retomou a actividade artística o cantor humorístico Joaquim Cordeiro.
- * Regressou dos Açores a artista Maria Pereira.
- * A artista Alice Maria actua dentro de dias na Emissora Nacional, num programa em que também participa o antigo cantor Julio Viçtas.

* Parte esta semana para Madrid a artista Maria Valejo que, na capital espanhola, se apresentará num programa televisivo.

* Decorrem em bom plano as negociações para a artista Ada de Castro se apresentar ainda este ano no Brasil.

* A artista Celeste Rodrigues vai dentro em breve cumprir um contrato em Los Angeles.

Teatro Capitólio

TEL. 32 03 79
HOJE ÀS 21.45 H.
(a preços reduzidos)
e sensacional êxito
de S. Mrozek
TANGO
Tradução de
FERNANDO FRAGOSO
M/ 17 anos
Amanhã, às 18.30 h.
«OS VISIGODOS»
de Jaime Salazar Sampaio

AMANHÃ, ESTREIA SENSACIONAL ÀS 21.45 H.

UMA HISTÓRIA CHEIA DE ACTUALIDADE VIVIDA NO MUNDO DE HOJE MUITO BREVEMENTE (ADULTOS)

VARIEDADES

VASCO MORGADO apresenta
EUNICE MUÑOZ * PAULO RENATO * FERNANDO GUSMÃO
na admirável peça de BUERO VALLEJO
FERNANDA ALVES
MORAIS E CASTRO
CARTAS NA MESA

(LAS CARTAS BOCA ABAJO)
Tradução de EGITO GONÇALVES
com
Cenário de JOÃO VIEIRA
Encenação de FERNANDO GUSMÃO
...DE UM LADO UM MUNDO VELHO E JÁ MORTO;
DO OUTRO UM MUNDO QUE NASCE CHEIO DE ESPERANÇA
BILHETES À VENDA
As marcações só se respeitam até às 20 horas do hoje

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO OLÍMPIA

TÍTULO — «O Roubo das Jóias» («Too Many Thieves»).

REALIZADOR — Abner Biberman, 1966.

INTERPRETES — Peter Falk, Britt Ekland, Joanna Barnes, etc.

Inesperadamente a presente temporada de estrelas do popular Olímpia tem oferecido alguns agradáveis momentos de cinema. Há duas semanas atrás foi a vez de assistirmos a um excelente filme de Terence Fisher, uma obra com indiscutíveis qualidades plásticas e uma efabulação fantástica e onírica dignas de melhor sorte do que aquela que lhe foi reservada na nossa capital.

René Predal (in «Cinema 68»), falando do filme, afirmou: «Fisher prova-nos que os grandes mitos do fantástico podem ainda constituir belos pontos de partida para obras apaixonantes, desde que sejam constantemente enriquecidos com elementos novos e servidos por um realizador de talentos». Por seu turno, nos «Cahiers du Cinema», Jean-André Fieschi

não hesitou em escrever: «Baseado numa inversão sistemática de certos dados convencionais do filme de terror, o último Fisher (e o melhor) repousa num argumento admirável que a lógica das imagens respecta quase sempre, quando não o transcende. Como em «L'Homme au Crâne Rasé», ele articula-se sobre um duplo ritual de horror (duas cenas de guilhotina extremamente belas) e o prazer (as cenas de sedução na segunda parte) ligados um ao outro pela calma experimentação do célebre bardo... Estes exemplos são unicamente dois entre muitos outros que se poderiam recolher em quase toda a Imprensa especializada a francesa, inglesa e espanhola. Um filme a reter, portanto, e resusitar, se possível.

Quanto à estreia de ontem, «O Roubo das Jóias» é um filmezinho menor, mas curioso, realizado com um certo sentido de humor e uma secreta discrição, onde um ou outro elemento sobressai pela sua tonalidade inesperada. Uma quadrilha de gatinhos resolve roubar uma jóia valiosíssima e é perseguida, após a consumação do acto, por um advogado americano em decadência (Peter Falk). O roubo da jóia processa-se logo no pré-générico e Abner Biberman dirige a sua película sobretudo no sentido do estudo do comportamento humano de um grupo de pessoas, conseguindo esboçar um certo tipo de relações humanas relativamente bem observadas e alguns casos até desenvolvidas, ainda que dentro de uma linha certamente linear. Actores seguros completam o quadro.

No prosseguimento da sua programação deste ano, o

cinema Olímpia tem anunciado para breve alguns filmes para que convém desde já chamar a atenção (sobretudo dos leitores interessados no cinema fantástico). Assim, para já «The Lost Continent» («O Continente Perdido»), de Michael Carreras (mais uma produção Hammer). Depois «City Under the Sea» («A Cidade Submarina»), de Jacques Tourner. E finalmente «O Misterioso Dr. Lao», de George Pal. Enfim, uma temporada que promete larga dose de emoções fortes.

LAURO ANTÓNIO

«CARTAS NA MESA» DENTRO DE DIAS NO VARIEDADES

Vasco Morgado reabre as portas do Teatro Variedades dentro de dias, para apresentar a sua nova companhia na peça «Cartas na Mesa» (Las Cartas Boca Abajo) de Buero Vallejo, com tradução de Egito Gonçalves, cenário de João Vieira, encenação de Fernando Gusmão e notável desempenho de Eunice Muñoz, Paulo Renato, Fernando Gusmão, Fernanda Alves e Moraes e Castro.

«Cartas na Mesa» resulta num admirável espectáculo. O seu tema é o problema do desentendimento de gerações; de um lado, o mundo velho, já morto; do outro, um mundo que nasce cheio de esperança e que obriga os mais fracos a mentir, por não terem a coragem de aceitar uma verdade dura e cruel.

«Cartas na Mesa» reúne pela primeira vez em teatro dois categorizados artistas, Eunice Muñoz e Paulo Renato, em duas extraordinárias criações.

AMANHÃ GRANDE ESTREIA CINEMA MUNDIAL



TECHNICOLOR SCOPE
FILMES LUSOMUNDO
Maiores de 17 anos

TRÊS DIAS MOVIMENTADOS DE ALEGRIA E DANÇAS NAS RUAS...
CENTENAS DE MILHARES DE PESSOAS CHEGAM AO RIO DE JANEIRO DURANTE O CARNAVAL, PARA SE DIVERTIREM...
MAS, NESTA OCASIÃO 4 HOMENS APROVEITAM-SE DAS FESTAS E REALIZAM UM DOS ROUBOS MAIS SENSACIONAIS DO SÉCULO!

PARA O REALIZAREM

...20 MINUTOS ERA O TEMPO DE QUE DISPUNHAM!

...20 MINUTOS QUE NÃO DEIXAVAM MARGEM PARA ERROS!

JANET LEIGH

ROBERT HOFFMAN

EDWARD G. ROBINSON

ADOLFO CELI - KLAUS KINSKI

O ÚLTIMO TRUNFO

10-11-12 e 13 de abril

O «retrato» de um povo ao ritmo de música actual

MANOLO DIAZ

Um tipo de canção imediata e directa

50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES
TEATRO VILLARET
6,30 DA TARDE
SHOW • RECITAL



Agradecimento de Simone aos órgãos de Informação

—Eu que não sou nada humilde, com toda a minha humildade vos agradeço.

Simone disse isto quase com lágrimas nos olhos, quando ontem reuniu a sua volta, no Hotel Mundial, os jornalistas que se tinham deslocado a Espanha em função de repor-

tagem do Eurofestival da Canção. Foi um gesto bonito da popular artista, secundado (apoiado, digamos) pelo seu empresário Marques Vidal, que não se esqueceu de salientar que, depois de amanhã, pelas 18 e 30 horas, Simone estará no Cinema Império vestida exactamente como no Festival de Madrid.

Além de Simone, outros artistas da Agência Marques Vidal compareceram na reunião: Maria Adelaide, Maria Custódia, Maria Dilar, João Fernando, Fernando Gonçalves, Teodoro Saraiva, Joaquim Gouveia, Carlos Areias, Moniz Trindade, Artur Garcia e a espectacular cancionista italiana Andrea.

—Fiquem com a alma mais quente, porque todos estiveram a meu lado.

Simone não se escusou, por um minuto sequer, de frisar bem o seu agradecimento aos órgãos informativos, que a apoiaram nesta Jornada Internacional que considerou «a coisa mais bela da minha vida».

CONDE DE AGUILLAR

Partiu hoje, de avião, para a Argentina, com destino a Buenos Aires, o lusitano português Conde de Aguillar, que vai tomar parte na Semana Internacional de Magia e Ilusão, que se realiza de 14 a 20 deste mês, na cidade de Salta.

TEATRO T. 555133

MONUMENTAL

HOJE, não há espectáculo para descanço oficial da companhia AMANHA, às 21.45 h.

Repre. A farsa de sentença CLAUDE MAGNIER

Tradução de Mariana de Moraes

QUANDO ELA SE DESPIU...

com CAMILO, FLORBELA, CARLOS COELHO, Cármen Mendes, Yola, Linda Silva, Aida Pinto, Alice Carla

Encenação de SANTOS CARVALHO

SABADO

2 sessões, 20.45 e 23 h.

COLISEU

HOJE, às 21.30 (Maiores de 6 anos)

A deliciosa comédia

GARRAS DO AMOR

com TONY RENIS

• famosas vedetas da TV italiana

— Preços populares —

Quando **IAN FLEMING** (criador de James Bond) escreveu

CHITI CHITI BANG BANG

— o carro mágico —

um livro de aventuras para jovens de todas as idades, algo de mágico aconteceu!

O FILME VAI ENCAIXAR... PORQUE O LIRO É MARA! ILIUSOI

R.S. Chamamos a atenção para a qualidade artística das ilustrações de John Birmingham

PORTUGALIA EDITORA

Av. da Liberdade, 12-13 LISBOA

ABC

Às 20.45 e 23 horas

Amanha não há espectáculo para descanço oficial da companhia

TEL. 36 67 45

(ADULTOS)

Tony de Matos

Elas é que sabem

REVISTA com Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Maya, José de Castro, Natália José, Jili Christy, Carlos Gonçalves e Tony de Matos



LENNY KUHR

CANTARÁ EM PORTUGAL

Lenny Kuhr, representante da Holanda no recente Festival da Eurovisão, vem a Lisboa, no próximo mês, exactamente a 8 de Maio, para um espectáculo organizado pela Emissora Nacional, no palco do Cinema Tivoli.

Outros artistas, de popularidade ao grande âmbito, estão também preparados para se deslocarem a Portugal. Salvatore Adamo, Nana Mouskouri, Mireille Mathieu e Rika Zaray, devem actuar no decorrer dos próximos sessenta dias, no Hotel Algarve, cujo director (Jean Routin) em estreita ligação com o agente artístico Artur Pereira, está a organizar espectáculos periódicos comandados por consagradas vedetas. Um exemplo: Amália Rodrigues, que ali actuou no último fim-de-semana.

A propósito, saliente-se que Amália cobrou trinta mil escudos por cada um dos três espectáculos em que participou. E que Lenny Kuhr, pela sua viagem a Portugal, receberá mil e quinhentos dólares; cerca de quarenta e dois mil escudos.

ODYR ODILLON VAI SER HOMENAGEADO POR ARTISTAS PORTUGUESES

Odyr Odillon, o festejado artista brasileiro que há dezito anos e oito meses de mandou palcos portugueses, vai ser homenageado pelos seus colegas, num grande espectáculo que se realizará a 15 do corrente, pelas 21 e 45 horas, no Teatro Monumental.

Odyr, que teve uma época de grande aura popular, apresentou no nosso País composições que rapidamente foram assimiladas pelas plateias dos espectáculos radiofónicos: «Papai Adão», «Filomena», «Tomara que chova», «Daqui não saio», «Será», «Ninguém me ama», «Ave Maria no morro», «Terra Seca» e «Caminheiros».

Chegado a Portugal na Companhia Brasileira de Comédia (comandada por Alma Flora e Delongos Caminha) Odyr Odillon destacou-se, por várias vezes, ao nosso Ultramar, onde organizou concursos de promoção da comunidade luso-brasileira, nomeadamente as eleições das «Rainhas da Simpatia» (de Angola e Moçambique), cujos títulos valiam passaportes a terras brasileiras.

Raul Solnado, Hermínia Silva, Fernando Farinha, Mário Silva, Eugénia Lima, Ma-

ria de Lurdes Resende, Beatriz Costa, Tony de Matos, Carlos Villaret, Eunice Muñoz, Fernando Gusmão, Manuel de Almeida e o Conjunto Sem Nome já aderiram a esta homenagem a Odyr Odillon: o cancionista brasileiro que, quatro anos e cinco meses depois da sua última actuação pública, subirá ao tablado do Monumental para evocar alguns dos sucessos que, há mais de quinze anos, o distinguiram como figura aplaudida pelas grandes massas populares.

Politeama «UM HOMEM SEM MEDO» com MARLON BRANDO

Lotações esgotadas no Politeama. Era de esperar, desde que no elenco do espantoso filme «Um Homem Sem Medo» (Appaloosa) figura o excepcional actor Marlon Brando em todo o fulgor do seu talento. Há que vê-lo e admirá-lo em pormenor, para se sentir a extraordinária força de domínio que irradia da qualidade rara e espectacularmente impecável da sua prodigiosa criação, através de uma infernal e diabólica perseguição, onde o ódio contrasta com o ódio.



a ternura com a vingança, a coragem com a fraqueza.

«Um Homem Sem Medo» foi realizado por um mestre: Sidney J. Furie. Reune em si, num admirável technicolor, a grandeza dos factos que processam o contentamento do público, acentuados, a cada passo, com um realismo que abala os nervos.

No desempenho saltitante, ainda, a formosa vedeta Anjanette Comer, John Saxon, Emilio Fernandez e Alex Montoya.

MARIA VITÓRIA • JÁ ESPERA POUCOS DIAS PARA VER UMA NOVA REVISTA!

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO, apresentam:

MÃOS À OBRA!...

Escrita por ANIBAL NAZARÉ, SALVADOR e JOSÉ VIANA, com música de JOÃO NOBRE e CARLOS DIAS

• UM GRANDE ELENCO COM:

SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA

Max • Anita Guerreiro • Dora Leal • Vítor Mendes Mariano Franco • Helena Cardinali • Vítor Espadinha e a atracção francesa May Avri! com Alberto Graziano

ADULTOS

May Avri!

MÓVEIS IMPÉRIO

COMPRAM-SE

Telef. 32 27 28

TRINDADE

— F. N. A. T. —

HOJE, às 21.45

O T. N. P. (sub pelo Fundo do Teatro) apresenta o sensacional peça de Samuel Beckett

A ESPERA DE GODOT

36 ATÉ DOMINGO

(M/ 17 anos)

NO **TEATRO VILLARET** **SÓ MAIS 2 SEMANAS** **A PREGUIÇA** com **RAUL SOLNADO**

VASCO MORGADO APRESENTA EM

5.º MÊS

UMA COMÉDIA POPULAR

FERNANDA BORSATTI • ALINA VAZ • MÁRIO JACQUES • ANTÓNIO MONTEZ • DAVID SILVA

HOJE, às 21.00 e 23.00 H.

AGUARDENTE VELHA

St. Paul

40% ALC/VOL

Manhã na praça

O PREÇO DO LINGUADO

Estava a 54\$00. O quiló, é claro. Caro ou barato? O repórter não sabe. Mas gosta, aprecia. Quem lhe disse foi a vendedeira. E repetiu, alegre, de olhos



No mercado da Ribeira. Caro ou barato?

guiatos, bonita. E repetiu e repetiu. Jovem, a sorrir, a brincar:

— Olhe, que é um belo linguado. Ora veja. Não gosta?!

— Se gosto!

Foi ali no Mercado da Av. 24 de Julho. A vendedeira chama-se Ana Emilia («Ana... Ana Emilia. Chega?!»).

Depois Maria José, a colega ao lado, acrescentou o resto dos preços.

E Ana Emilia repetiu:

— Olhe, o linguado a 54\$00.

Ana Emilia sorriu e o Mercado sorriu.

PREÇO DOS PRODUTOS

O quiló das favas estava a 3\$50-4\$00; o da batata a 2\$70 (a nova a 5\$30); das cenouras a 5\$50 e 6\$00; das cebolas a 8\$00, dos alhos a 7\$00 e 9\$00; dos tremçoos a 3\$00; das azeitonas a 7\$00 e 8\$00 (— Olhe, sabe que os senhores da Inspeção I. G. A., não querem que vendamos quantidades grandes aqui no Mercado, que isso é ser armazenista. Então os fregueses chegam aqui, querem 5 ou 6, 8 ou 10 quilos e nós não podemos vender?!).

PEIXE

Sável a 28\$00 o quiló; peixe-espada a 12\$00; goraz a 35\$00; robalo a 47\$00; cherne a 42\$00; xaputa a 11\$00; pescada congelada a 12\$00; a sardinha a 8\$90. Ah!... E o linguado a 54\$00... Quanto aos mariscos vimos melhorar a 30\$00 o quiló, também; conculha a 10\$00; burriá a 12\$00; gambas a 70\$00 e o berbigão a 3\$50.

FRUTA

O quiló da laranja ia de 5\$20 a 8\$00; da pera

de 13\$00 a 16\$00; da maçã de 13\$00 a 16\$00; das bananas a 11\$70 e 12\$30; dos pêros a 16\$00 («bravo-de-smolito») e 13\$00, 14\$30 e 15\$00 («golden») e do ananás a 21\$00, 21\$00 e 26\$00.

CRIAÇÃO

O quiló da criação via vendia-se aos seguintes preços: galinha a 21\$00, coelho a 25\$00, frango a 22\$00 e 23\$00. Quanto à criação morta, limpa, vimos-la assim: galinha a 27\$00 e o frango a 28\$00 e 29\$00.

FLORES

Havia flores. Muitas flores, renovado já o abastecimento, após a larga saída pascal. E os preços também já não eram de Páscoa. Vimos, assim, os cravos amarelos a 40\$00 a dúzia. Isto quanto aos de primeira, que os de segunda eram a 30\$00 e os de terceira a 20\$00; os lírios a 30\$00; os lírios amarelos a 5\$00; os jarros a 10\$00. Quanto às rosas havia-as a 40\$00 o ramo (duas dúzias). Havia flores. Havia alegria e o importante é a rosa. Ana Emilia.

NOVAS TENTATIVAS PARA PÔR A FLUTUAR O ARRASTÃO QUE SE VOLTOU NA RIA DE AVEIRO

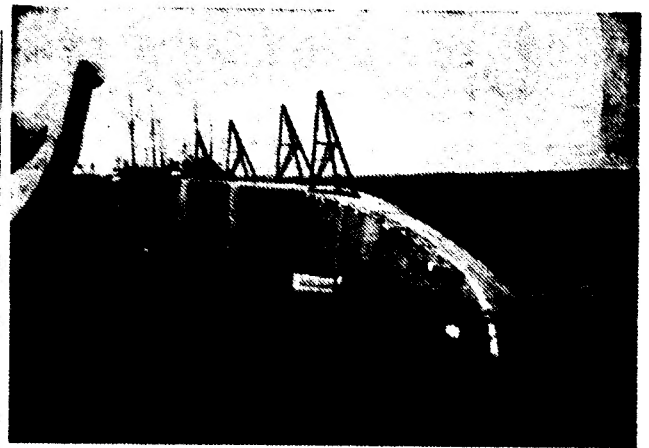
AVEIRO, 8 — Estão a ser feitas novas tentativas para por a flutuar o arrastão «Cidade de Aveiro» que no dia 8 de Março, se voltou na ria desta cidade, junto aos locais de atracação.

A primeira tentativa, em 25 de Março, resultou infrutífera, já que as quatro «aranhas» (peças onde são fixados cabos aéreos que vão sendo puxados por guinchos) colocados sobre

o casco se manifestaram insuficientes.

Para esta nova tentativa de colocar o arrastão em posição de navegar — o que se espera seja conseguido — vão ser colocadas mais duas «aranhas».

Entretanto, os prejuízos avolumam-se, totalizando já alguns milhares de contos. E mesmo que seja recuperado, o «Cidade de Aveiro» (arrastão de 2300 toneladas, pertencente à firma João Maria Vilari-

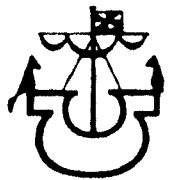


O arrastão «Cidade de Aveiro» que, há um mês, se voltou junto aos locais de atracação da ria de Aveiro, não foi ainda recuperado. Mas as tentativas continuam.

nho, Sucessores, desta cidade) terá de receber reparações que não permitirão o seu retorno à acção antes do fim do ano.



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA



EMIÇÃO DE OBRIGAÇÕES

5 3/4 %

para prosseguimento do rede do Metropolitano

200 000 OBRIGAÇÕES DO VALOR NOMINAL DE 1000\$00

Decreto-Lei n.º 48 885 de 1 de Março de 1969. Despacho ministerial de 20 de Março de 1969
Deliberação da C. M. L. de 1 de Abril de 1969

Preço de subscrição	1000\$00
Vida máxima	12 anos
Vida média	8 anos aproximadamente
Vantagens fiscais	Isenção total do imposto de capitais e do imposto complementar
Juro líquido	5,5 % aproximadamente
Vencimento de juros	15 de Abril e 15 de Outubro
Pagamento do 1.º cupão	15 de Outubro de 1969
Amortizações	Ao par, em 20 sorteios semestrais c/ início em 15 de Outubro de 1971

Estas obrigações estão equiparadas a títulos da Dívida Pública Portuguesa para as Companhias de Seguros e a sua admissão à cotação nas Bolsas de Lisboa e Porto será requerida até à data do pagamento do 1.º cupão.

Subscrição pública, sujeita a rateio, de 7 a 15 de Abril nos seguintes estabelecimentos de crédito que a tomaram firme

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
Montepio Geral
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fomsecas & Burnay
Banco Lisboa & Açores

Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Alliança
Bank of London & South America, Ltd.
Credit Franco-Portugais
Augustine Reils & C.ª
Pauçada, Morais & C.ª
Pinto de Magalhães — Banqueiros

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 950232

Informamos os nossos Ex.ºs Clientes que depois de amanhã, quinta-feira, dia 10, as nossas «SALAS» e «TERRAÇO» se encontram totalmente reservadas para um LANCHE DE CASAMENTO E BANQUETES, não nos sendo possível servir neste dia, os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.

A DIRECÇÃO

Para futuras datas, agradecemos que os pedidos de mesas para os Jantares sejam feitos até às 19 horas.

CRONOLOGIA PELO CARBONO 14 (I)

A radiação cósmica e a formação do carbono 14

Antes da descoberta da radiação cósmica, as radiações mais penetrantes que se conheciam limitavam-se aos raios gama das substâncias radioactivas, capazes de atravessar vários centímetros de chumbo. Sabia-se, é verdade, que um electoscópio isolado, se descarregava lentamente com o tempo. Atribua-se este efeito às radiações penetrantes provenientes de substâncias radioactivas existentes na crosta. Admitia-se, além desta hipótese, que as radiações viessem da própria atmosfera terrestre. Em 1910, o suíço Gockel enviava um electoscópio num globo até à altitude de 4500 m, observando um aumento de ionização a partir dos 2 quilómetros. Porém foi o prof. V. F. Hess, em 1911, o primeiro a mostrar, que a velocidade da descarga aumenta com a altura, fazendo observações até 5200 metros. Depois, Kolhörster, em 1914 com determinações à altitude de 9000 metros acha uma velocidade de descarga 13 vezes maior do que no solo. R. A. Millikan e Bowen enviam aparelhos até 15 500 metros e concluíram que o agente ionizador que descarregava o electoscópio era uma radiação que nascia fora da atmosfera, razão por que se lhe deu o nome de radiação cósmica, multissimulada e penetrante que a radiação conhecida; Millikan concluiu que a referida radiação cósmica proveniente do espaço exterior tinha um poder de penetração 18 vezes maior do que a radiação conhecida. Não nos podemos esquecer dos voos históricos levados a efeito pelo prof. Piccard, na estratosfera. Na ascensão feita num globo com cabina hermética levava aparelhos que estabeleceram duma maneira definitiva a existência e o predomínio a grandes alturas da radiação cósmica. Regener em sondagens feitas a 26 km de altura, mostrou ser a intensidade da radiação 150 vezes superior à que se observa no nível do mar (fig. 1).

Depois deste trabalho pioneiro, começaram en-

tão a estudar-se os seus efeitos, à superfície e na atmosfera da Terra. Assim pouco depois da descoberta do neutrão verificou-se a presença de neutrões nas altas camadas da atmosfera, provavelmente como radiações secundárias, produzidas pelo impacto da verdadeira radiação cósmica, na atmosfera terrestre. Estudo feito no laboratório acerca da acção dos neutrões no oxigénio e azoto, principais elementos constituintes do ar, mostraram ser o segundo muito mais reactivo. Com neutrões térmicos na região 0.4-1.6 eV, a reacção



tem grande probabilidade de acontecer. A reacção eficaz, para a captura de neutrões térmicos, para o ^{16}O é muito inferior, cerca de 1/1000 da do ^{14}N . Os neutrões

térmicos actuam então de acordo com a equação acima, contribuindo para a formação de carbono 14, isotopo radioactivo do carbono, de período cerca de 5570 anos.

Não quer dizer que pelo impacto neutrónico na variedade 14 de azoto, só possa ocorrer a reacção citada. Os neutrões formados pela radiação cósmica, inicialmente muito mais energéticos (5 a 10 Mev) ao atingirem a energia térmica por sucessivas colisões e ao serem absorvidas pelo ^{14}N para formarem o carbono 14, a reacção dominante, poderão originar outros isotopos. O esquema da (fig. 2), corresponde à formação do carbono 14. Veja-se a equação anterior.

Distingue-se nitidamente a diferença de aspecto dos dois ramos — a trajectória curta, do recuo do átomo de carbono formado, e a outra bastante comprida, que corresponde ao protão.

É curioso notar que a atmosfera terrestre é mais rica em ^3He que a crosta. Uma vez que o ^3H , que também se forma no bombardeamento neu-

trónico do ^{14}N , variedade

radioactiva do hidrogénio, o trítio, se desintegra pela formação de ^3He compreende-se que um dos efeitos do bombardeamento cósmico, seja a introdução de ^3He na atmosfera e a conse-

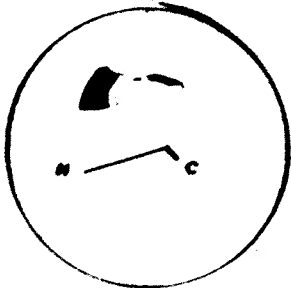


Fig. 2 — Esquema correspondente a uma fotografia obtida na Câmara de Wilson

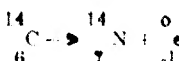
quente desproporção existente entre este isotopo e o ^3He , na atmosfera e na crosta.

O princípio do método

Este carbono 14 formado na alta atmosfera pela radiação cósmica é depois oxidado a $^{14}\text{CO}_2$, misturado na atmosfera pela circulação atmosférica, passando à biosfera, sofrendo pois o seu ciclo por intermédio dos organismos vivos, pois o carbono é o elemento básico na estrutura química dos seres vivos. As complexas moléculas que os constituem são formadas de cadeias e anéis onde figuram os átomos de carbono. E estes átomos de

Por ARTUR MARQUES DA COSTA

carbono não só são do isotopo normal, carbono 12, mas também do carbono 14, que difere unicamente da quele nas suas propriedades físicas, em virtude da diferente estrutura do seu núcleo atómico. Os núcleos do carbono 14 tendem para uma forma mais estável, o que sucede pela transformação dum neutrão num protão, com a consequente emissão duma partícula beta do núcleo.



Assim a desintegração do carbono 14, é acompanhada de dois importantes fenómenos — um que consiste na transformação dum átomo de carbono num átomo de azoto, o outro que consiste na emissão duma partícula beta.

Embora ambos os fenómenos tenham interesse no aspecto biológico (não esqueçamos que um átomo de carbono, que faz parte duma dada molécula que se transforma num de azoto, origina uma nova molécula e também a acção importante das radiações ionizantes sobre a matéria viva), para o datamento pelo carbono 14 interessa apenas considerar o efeito da radiação beta.

Uma vez que as propriedades químicas do carbono 14 são idênticas às do carbono mais abundante, que é o carbono 12, segue-se que é análogamente incorporado nos tecidos vivos.

Se a produção de ^{14}C é constante com o tempo,

a sua actividade será constante também, uma vez que a desintegração dos átomos de ^{14}C é equilibrada pela produção de novos átomos. A actividade devida ao carbono 14 na biosfera de há 20 anos é a mesma do que aquela há 50 000 anos atrás. O equilíbrio radioactivo já deve estar estabelecido há muito mais tempo.

Após a morte dum organismo, as trocas de anidrido carbónico entre ele e o exterior (fotossíntese) cessam — e o «relogio atómico» começa o seu funcionamento. O carbono 14 presente vai decrescendo (período igual aproximadamente a 5570 anos), sem no entanto, agora ser substituído. Compreendemos assim que a medida da actividade específica da amostra nos indique o tempo que decorreu após a sua morte. Sendo I_0 e I_t as actividades do ^{14}C ,

existentes, respectivamente, na biosfera e na amostra, e se for lá medida a constante desintegração do ^{14}C , a idade da amostra (ou melhor, o tempo que decorreu após a morte do organismo do qual a amostra fez parte), será dada por uma fórmula, cuja dedução, relativamente simples, não interessa aqui fazer, que é a seguinte:

$$t = 1.85 \times 10^4 \times \log \frac{I_0}{I_t}$$

A produção dos átomos de carbono 14 por cm^2 da superfície da Terra é de 2 por segundo. A quantidade total de carbono 14 presente é de 80 toneladas, que comparada com a quantidade total de carbono presente, representa uma fracção pequena, sensivelmente,

$$10^{-10}$$

A análise mostra que num grama de carbono encontra-se sempre a mesma quantidade de átomos de radiocarbono:

$$5 \times 10^{10} \quad (1)$$

Esta é a razão porque para a actividade do ^{14}C dos seres vivos resulta simplesmente 15 toques por minuto, por grama de carbono. Para uma amostra cuja actividade em carbono 14 é simplesmente 1.5 toques por minuto, por grama, a sua idade, pela fórmula anterior, será

$$t = 1.85 \times 10^4 \times \log \frac{15}{1.5} = 18.500 \text{ anos.}$$

A medição da actividade devida ao carbono 14

Como se medem estas actividades? Técnicas muito especiais têm sido desenvolvidas para a medição do carbono 14 nestes tão baixos níveis de actividade. Radioactividades tão fracas evidenciam a delicadeza e dificuldade que resultam nos processos de medida. Contadores muito sensíveis e com

protecções convenientes para a redução do fundo cósmico tem de ser utilizados. O trabalho pioneiro de Libby consistia na avaliação da medida do número de partículas beta que se libertavam num tempo dado dum peso conhecido de carbono puro proveniente da amostra a examinar, que era depositado na parede interna do contador. Ainda hoje é usado em alguns laboratórios limitando a quantidade de carbono, para redução da espessura da camada.

Hoje, de preferência, usam-se contadores para gases radioactivos, no nosso caso, CO_2 , CH_4 , C_2H_2 .

Infelizmente, uma amostra submetida a estas determinações é destruída, pois como dissemos ou teremos de obter carbono puro ou os referidos gases. Laboratórios típicos, extremamente complexos, são montados só para a execução destas operações químicas — a química do carbono 14. A descoberta do passado histórico e arqueológico pelo presente da química-física.

Os níveis de radioactividade que se esperam são sempre muito inferiores ao chamado «fundo», devido à radiação cósmica e às impurezas radioactivas dos materiais constituintes do contador, como seja por exemplo o isotopo 40 do potássio, isotopo de longa vida, o qual contribui para a contaminação do fundo, pelo que se devem usar vidros isentos de ^{40}K . Libby e seus colaboradores reduziram ao mínimo este efeito. Para evitar a absorpção das partículas beta do carbono 14, trabalhavam com uma camada muito delgada de carbono depositada na parede cilíndrica interna dum condutor especial de grande superfície. O rendimento do contador é estudado

CIÊNCIA

dor com chumbo e mercúrio, de vários centímetros de espessura que absorve parte da radiação cósmica e diminui o fundo para uma centena de toques. Para reduzir a componente mais penetrante da radiação seria necessário trabalhar com aparelhos protegidos por toneladas de chumbo ou a grandes profundidades. Utiliza-se, de preferência, um método chamado de «anticoincidenças» que permite reduzir o fundo para 5 toques por minuto.

Além do método pela circulação do gás que também falamos, o carbono 14 pode ser medido por cristais cintiladores, acoplados a sistemas de fotomultiplicações. O carbono 14 pode ser incorporado no tolueno de soluções fluorescentes. Em carbono de amostra e reduzido, a anidrido carbónico, purificado libertado do radão, gás radioactivo existente na Terra. Se se pretende carbono sob a forma de negro de fumo, há então que reduzir, por exemplo, pelo magnésio, o anidrido carbónico purificado.

O aumento do carbono 14 devido às experiências nucleares

Ao carbono 14, naturalmente produzido, como se disse pela radia-

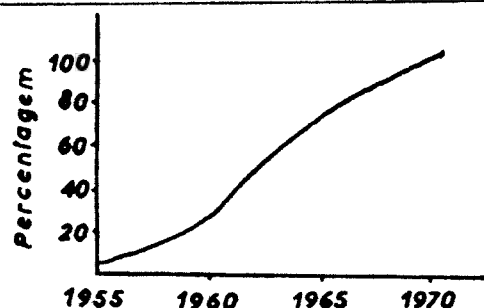


Fig. 3 — Aumento previsto do carbono 14 nos organismos vivos, expresso como percentagem do teor natural em carbono 14

préviamente para uma dada geometria. Assim para 8 gramas de carbono «actual», num contador com uma eficiência de 5%, o número de impulsos que se poderiam registar por minuto seria

$$8 \times \frac{5}{100} \times 15 = 6.$$

Como sabemos 15 é o número de toques devidos à radioactividade em carbono 14, por minuto e por grama de carbono. O contador de Libby apresentava um fundo de 600 ± 50 toques por minuto. Os 6 toques referidos passariam despercebidos se não se registasse extraordinariamente a radiação para a medição. Para isso, protege-se o conta-

ção cósmica vinda do espaço, há a juntar contudo o que é proveniente das explosões nucleares. Este carbono 14, por cuja presença é responsável o homem, tem a sua origem num processo semelhante — os neutrões libertados nas explosões nucleares interatuam com os átomos de azoto formando o carbono 14. (Ver a 1.ª equação). A contribuição para a sua formação tem a sua principal origem nas bombas de hidrogénio, uma vez que são libertados durante a fusão do hidrogénio pesado, fazem muito intensos de neutrões, superiores aqueles libertados nas reacções

(Continua na página seguinte)

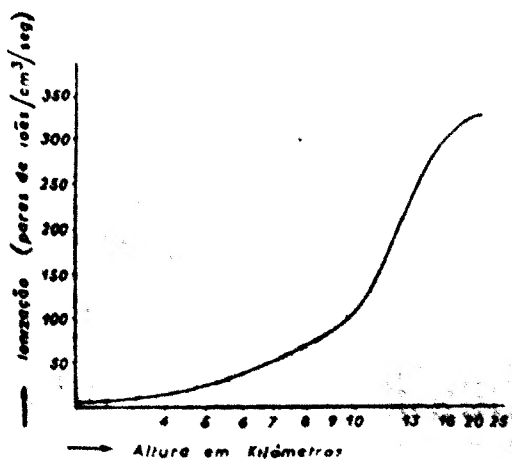


Fig. 1 — Variação da ionização com a altitude



O embaixador americano lendo a proclamação oficial da morte de Eisenhower

Missa por Eisenhower nos Jerónimos

Dezenas de turistas norte-americanos que esta manhã tencionavam visitar o

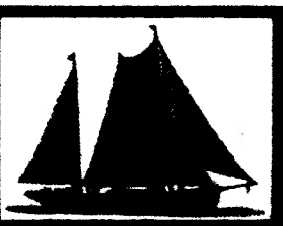
Reunião no Funchal do C. E. D. I.

FUNCHAL, 8 — (L.) — Inicia-se hoje, no Funchal, uma reunião do Conselho Internacional do C. E. D. I. (Centro Europeu de Documentação e Informação), preparatória do congresso anual da organização que decorrerá em Madrid, em Junho.

A fim de participarem na reunião, chegaram já à Madeira o presidente internacional do C. E. D. I., prof. dr. Adriano Moreira, o secretário-geral da Organização, George von Gaupp Berghausen, o secretário-geral adjunto, príncipe Henri Starbemberg e os restantes membros do conselho, individualidades de várias nacionalidades.

Lavadouro público da Musgueira

No Bairro da Musgueira vai ser construído pela Câmara Municipal um lavadouro público. O respectivo concurso realiza-se no próximo dia 29, às 16 horas, nos serviços municipais da Avenida 24 de Julho. Base de licitação: 157 795\$20.



Glasso Glassodur



BELEZA, DURAÇÃO E SEGURANÇA NA PINTURA DE BARCOS

A tinta GLASSODUR para a pintura de iates e outros barcos de recreio e desporto marcou para sempre a sua qualidade de primeira ordem como produto indispensável quando se pretende pintar com inteligência e economia. Briho intenso - poderosa resistência ao ar e água do mar - maleável e de grande duração. Um barco pintado com GLASSODUR é sempre um barco NOVO!

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:
SOCIEDADE GILCAN, LDA.

R. de Santa Catarina, 591
Porto Tel. 20585-20586
R. de Santa, 52-54
Lisboa Tel. 22361-24964

Cronologia pelo carbono 14 Não causou vítimas

(Continuação da pág. anterior)

de fissão, para os mesmos níveis energéticos. E essa relação é calculada como 6:1. Assim o carbono 14 tornou-se um importante componente das poeiras radioactivas, originadas pelas armas nucleares uma vez que os ensaios feitos com as bombas de fusão se tem sucedido.

As explosões nucleares até à data aumentaram a quantidade de carbono 14, localizado na atmosfera e nos níveis mais superiores dos oceanos.

No gráfico da figura 3, vê-se que o aumento de carbono 14 na atmosfera foi acelerado a partir de 1861 e que por volta de 1970 o nível de carbono na atmosfera duplicará em relação ao nível de carbono 14 inicialmente existente. Isto é, antes dos ensaios nucleares. Este aumento de carbono 14 não se afigura muito dramático sob o aspecto biológico, segundo Purdom, radiobiólogo de Harwell.

O prof. Kouzine, radiobiólogo soviético, no entanto, no seu livro «Les dangers des explosions nucléaires» diz o perigo é tanto mais gra-

ve uma vez que o radio-carbono está incorporado às substâncias que constituem os cromossomas das células sexuais, o que poderá aumentar de modo sensível a taxa de mutações desfavoráveis para a descendência.

Kouzine adverte, portanto, do perigo genético que acarretará fatalmente o aumento do carbono 14 na atmosfera e, portanto nos seres vivos.

No próximo artigo ocupar-nos-emos da determinação de idades no domínio da Geologia e Arqueologia.

$$\frac{1}{6.03 \times 10^{18} \times \frac{1}{12} \times \frac{1}{10^3}}$$

Vão ser recobertos com betume a Av. da Liberdade e os Restauradores

No dia 2 de Maio próximo, às 15 horas, na Direcção dos Serviços Técnicos Especiais da Câmara Municipal de Lisboa, na Avenida 24 de Julho, n.º 171, realiza-se o concurso público para adjudicação da empreitada para recobrimento betuminoso dos pavimentos da Avenida da Liberdade e da Praça dos Restauradores. A base de licitação é de 1.609.800\$00.

CONSELHO DE MINISTROS

Sob a presidência do prof. Marcello Caetano, reuniu-se esta manhã, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros para os assuntos económicos.

De tarde, com início às 15 e 30, também sob a presidência do Chefe do Governo, reuniu o Conselho de Ministros.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

OS CHINESES CONTINUAM A BOMBARDEAR DAMANSKY

MOSCÓVIA, 8 — (F. P.) — Os chineses continuam a bombardear com morteiro a ilha de Damansky evacuada pelos guardas fronteiriços soviéticos, revela o jornal soviético «Sovetsky Sport».

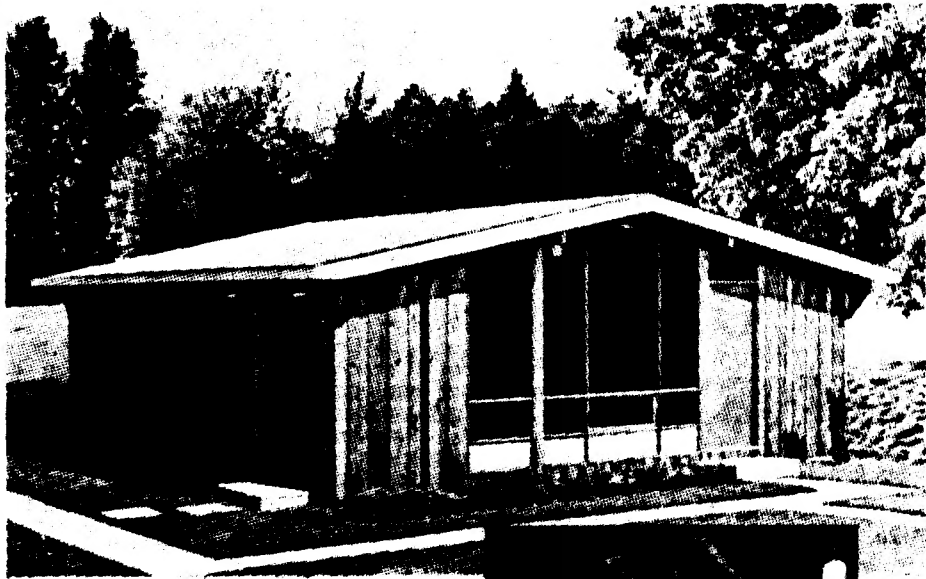
Numa entrevista concedida a esse jornal, G. P. Setchkin, comandante adjunto das tropas na região do Pacífico, declara que não se passa um único dia sem que os chineses não disparem morteiros ou tiros de metralhadora contra a ilha de Damansky que está «deserta».

Os malaios esforçam-se continuamente por meterem o nariz na ilha de Damansky e como não são capazes atacam-na de raiva e difundem citações dos pensamentos de Mao pelos altifalantes instalados na margem chinesa, acrescentou o oficial. «Mas nada pode fazer medo aos nossos homens. Estão alertas e calmos e prontos a repelir seja que ataque fora».

FRIGORÍFICOS EMERSON A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

MÓVEIS IMPÉRIO
COMPRAM-SE
Telef. 32 27 28

CEDARWORTH HOMES



Modelo patente frente ao Clube de Tennis, Estoril. Dias úteis: 15 às 19 h. Sábados e Domingos: 14 às 19 h.

CASAS DE MADEIRA EM CEDRO DO CANADÁ

Agora à sua disposição em Portugal, as célebres casas de madeira em Cedro do Canadá as quais, de fácil construção e grande resistência são ideais para habitação de férias ou fins de semana. Na praia ou na montanha, em climas quentes ou frios, no Verão ou Inverno, as casas em Cedro Vermelho do Canadá valem bem quanto custam. Construídas para enfrentar os anos, são atraentes, confortáveis e possuem, além disso, extraordinárias qualidades de isolamento.

Venha por si próprio as casas em Cedro Vermelho do Canadá, dirigindo-se a:

FALCONER

FALCONER (IMPORT. - EXPORT.), LDA.

Av. Duque de Loulé, 47-3.º — Telef. 591 37 — LISBOA - 1

Tribuna livre

Os atractivos turísticos da bela região do Vouga

Quando da inauguração das novas instalações do Clube de Caçadores do Porto o sr. director-geral do Turismo, espalhou-se em largas e justíssimas considerações sobre o turismo em Portugal, enaltecendo as virtudes do enquadramento paisagístico do Norte do País. A região do Vouga, que em nada lhe fica atrás, pode enquadrar-se nessa subtilidade espectacular, tão característica nacional.

Se nos propusermos analisar com olhos perscrutadores a beleza típica e sugestiva da região, veremos como ela se impõe, tornando-se motivo de realce como autêntico cariz de turismo de categoria verdadeira.

Desde os limites do distrito, seja em que sentido for, a nascente até o mar, só encontramos belos motivos de atraente curiosidade, que aos mais avidos de emoções alicia. A par dessas fulgurantes paisagens serranas, há motivos regionais de maior interesse. Os atractivos são tantos e tão variados, há panoramas tão extraordinários, que podem rivalizar com os melhores de quaisquer paragens turísticas.

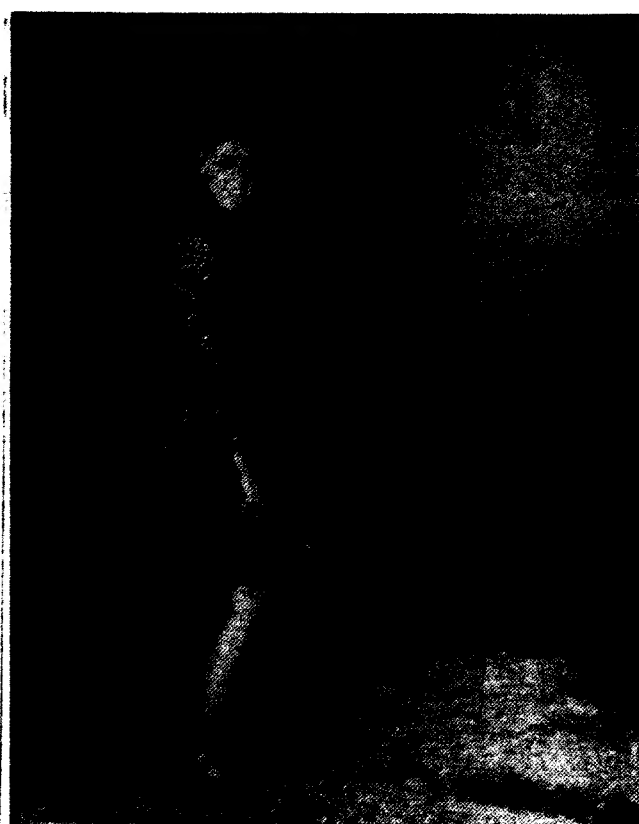
Tudo encanta seguindo pela estrada que serpenteia junto à margem do rio, desde São Pedro do Sul a Carvoeiro: a beleza das encostas, os campos verdejantes emoldurados por arvoredo variado, os miradoiros de onde se avistam sobrebaixas panorâmicas, locais convidativos ao repouso, a atracção da pesca, a aliciente gastronomia em que o leitão assado e as enguias têm especial relevância, etc. E, se tudo isso não fora o bastante, basta apontar a beleza da famosa padeira de Fermentelos, hoje muito concorrida e onde já existe, na parte sul, um bom restaurante, com possibilidade de satisfazer os apetites mais exigentes. A padeira de Fresos é já considerada zona turística e ali se encontram as casas típicas da paragem obrigatória para os apreciadores de manjares regionais de pescarias e carnes assadas, etc. E, por último, a ria de Avelro, que alicia ao passeio nos característicos barcos moliceiros, deixando inapagáveis lembranças de uma paisagem única e empolgante.

Nalguns locais já foram oportunamente construídas pousadas

que muito vieram contribuir para o desenvolvimento turístico numa zona tão privilegiada como as de Serém e de São Jacinto. Mas há um local de muito interesse, com todas as condições indispensáveis para outra pousada, pois dispõe de motivos inigualáveis de atracção turística: panorama encantador, água para a prática de remo e de natação e da pesca, lugares abundantes de caça, etc. É um enlevo o trecho sobranceiro à margem direita, junto da ponte de São João de Loure, lugar de larga confluência dominical da gente da região, tanto das povoações como cidadina. Dispondo de uma avenida, de um quilómetro de extensão, parte através de pontes e parte sob túnel de arvoredo — tudo isso constitui importante valor turístico.

Assim é de esperar que essa região tão pródiga de beleza e atractivos para o visitante entre em amplo desenvolvimento, com a valorização turística que trará inúmeras vantagens para a economia da região e do País.

JOSÉ MARQUES BAETA



Gigliola Cinquetti (vêmo-la, aqui, quando da sua mais recente estada em Portugal) volta ao primeiro plano da canção italiana graças à interpretação que oferece à melodia «La Pioggia». Gigliola (nascida em Verona a 20 de Dezembro de 1947) foi a vencedora da edição-1964 do «Festival de San Remo» e, a 21 de Março desse mesmo ano, triunfou no certame da Eurovisão ao cantar «Non ho l'età». A irmã de Gigliola (Rosabianca) quer, também, enveredar pelo campo artístico: porém, é como pintora que está confiada em triunfar



A artista Stella de Brito junto de um dos seus trabalhos expostos desde ontem no Casino Estoril

STELLA EXPÕE NO CASINO ESTORIL

Stella voltou a expor no Casino Estoril e o êxito renovou-se com o justificado interesse do público por cada um dos trinta trabalhos que a artista realizou neste certame.

«A arte de Stella é a beleza oculta, que passa despercebida aos nossos olhos e à nossa imaginação devido ao seu mistério ser dentro mun-

do, mas que a artista consegue dominar e cristalizar em arte» — segundo se diz no catálogo. Insólitos, por vezes, os quadros de Stella merecem uma demorada apreciação, finda a qual poucos serão capazes de não aderir à maneira de pintar da artista.

O certame, que estará patente ao público até ao próximo dia 13, foi inaugurado pelo sr. dr. Manuel Teles, administrador da Sociedade Estoril-Sol.

SORTEIO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE QUELUZ

QUELUZ, 8. — Realiza-se esta noite, pelas 22 horas, no quartel-sede dos Bombeiros Voluntários desta vila, a extração do sorteio que aquela benemérita associação organizou para angariar fundos para a construção do seu novo quartel-sede. A lista dos prémios será publicada na nossa edição de quinta-feira,

UMA BELA EXPERIÊNCIA DE COOPERAÇÃO AGRÍCOLA

O Governo indiano teve a ideia de promover a fundação de cooperativas-piloto em terrenos baldios e emparcelados afim de demonstrar aos agricultores que, se eles pusessem em comum as suas terras, o seu trabalho e todos os seus outros recursos, podiam aumentar a produção agrícola, criar novas possibilidades de emprego e elevar o seu nível de vida. Ao mesmo tempo promoveu visitas a essas cooperativas, de pessoas que poderiam fazer delas uma conveniente propaganda, incluindo deputados da Nação e professores de economia, afim de que, conjugada a acção de todos pudessem resultar, para o País, um considerável benefício.

Fez-se a experiência que foi aliciente. O lavrador acorreu, viu e concluiu, depois do que, ajudado pelo Estado com capitais fornecidos em condições razoáveis, se lançou à prática da Cooperação.

Do que tem sido esse movimento vão dar conta estas linhas, escritas à margem dum trabalho sobre o assunto. Referimo-nos ao que escreveu sobre estas experiências cooperativas o prof. D. R. Gadgil, que foi presidente do Comité de Direcção do Ministério do Desenvolvimento Comunitário encarregado de acompanhar e estimular a acção dos agricultores indianos.

É um trabalho de estatística referente a um curto período (1963-64) e que mostra a extensão que tomou, em pouco tempo, o Movimento Cooperativo agrícola na Índia, a partir das experiências-piloto iniciadas nos anos de 1960-62. Os números que vamos dar referem-se à acção cooperativa entre Junho de 1963 e Junho de 1964.

No fim de Junho de 1964 existiam em todo o país

5850 cooperativas agrícolas, das quais 4016 eram de tipo misto e 1834 de tipo colectivo; em 30 de Junho de 1962, os membros correspondentes eram, respectivamente de 3577, 2381 e 1196. Mais de metade des-

por J. DIAS AGUDO

tas sociedades (pouco mais ou menos 54%) funcionavam nos três Estados de Pendjab, Uttar Pradesh e Rajasthan.

Em Andhra Pradesh o número de cooperativas passou de 84, em 30 de Junho de 1963, a 120 no mesmo dia 30 de Junho de 1964. A extensão das superfícies cultivadas passou de 62,5 km² a 79,30 km² durante o mesmo período de um ano. Quanto ao valor da produção e das vendas, que era, respectivamente de 520 000 e 586 000 rupias, atingiu, no fim de Junho de 1964, 612 000 e 670 000 rupias.

O Governo central tomou o compromisso de fornecer créditos no montante de 4000 rupias a cada cooperativa, e aconselhou e garantiu aos bancos cooperativos os empréstimos que elas, cooperativas, lhes fizessem dentro dum certo âmbito, compreende-se.

Em Assam, no período que vai de 1963 a 1964 — o período em referência — o Governo Estadual organizou 28 Cooperativas nas regiões em que foram implantadas cooperativas-pilotos. Igualmente criou um Conselho consultivo das Cooperativas agrícolas.

No Estado de Bihar, o número de Cooperativas passou de 153 a 300 no mesmo período de um ano. Quanto às superfícies cultivadas passou a sua extensão de 70,5 km² para 83,7 km². O valor da produção e das vendas, que eram, respectivamente, de 302 000

e 230 000 rupias em 1962-63, atingiu, o primeiro 647 000, e o segundo 681 000 rupias. O Governo aprovou a criação de 11 postos de director de exploração agrícola e 11 de vigilantes das cooperativas, afim de acom-

panharem e guiarem as suas actividades.

No Estado de Madhya Pradesh, o número das cooperativas passou de 239 a 478 dentro do mesmo período, ao mesmo tempo que a superfície de terra cultivada passou de 109,9 km² a 147,8 km².

A produção e as vendas aumentaram aproximadamente de 90%, tendo atingido, respectivamente, 1 568 000 e 1 601 000 de rupias.

No Estado de Madras o número de cooperativas passou de 55 a 70 dentro do período considerado, tendo aumentado para 12,1 km² a superfície do terreno cultivado que era apenas de 9,3 km². A importância das vendas igualmente aumentou de 240 000 rupias para 271 000.

No Estado de Maharashtra o número de cooperativas agrícolas passou de 710 para 886, enquanto que a superfície dos terrenos explorados passou de 299 km² para 360 km². Consequentemente, o valor da produção passou, dentro do mesmo período, de 4 045 000 rupias para 5 133 000.

No Estado de Mysore, as 194 cooperativas que existiam em 1962-63, passaram a ser 310 em 1963-64, isto é, um ano depois como sabemos. As superfícies cultivadas passaram de 83 para 118 km². O valor da produção e das vendas que era de 681 000 e 443 000 rupias passou, em 1964 (Junho), a, respectivamente, 817 000 e 573 000 rupias.

Entre os Estados da União, o Pendjab vai à cabeça no número das cooperativas agrícolas — 1225, cultivando uma área de 370 km² de terras. O Governo auxiliou estas cooperativas com empréstimos e subvenções para gestão e construção de entrepostos.

No Rajasthan o número de cooperativas passou de 335 para 493 dentro do período estudado. Os seus domínios totalizavam 600 km², dos quais 440 km² em terras cultivadas. O Governo do Estado concedeu empréstimos a cada cooperativa, a prazo médio, uns; e a longa prazo, outros.

No Uttar Pradesh, o número de cooperativas passou de 510 a 953. A produção e as vendas acusaram grande aumento passando de 2 827 000 rupias a 7 986 000 durante o período indicado, a primeira de 6 715 000 a 9 671 000 rupias, as segundas. O Governo auxiliou largamente também estas cooperativas concedendo-lhes empréstimos a prazo médio. Por sua vez os Bancos cooperativos concederam-lhes alguns a longo prazo. Também houve empréstimos concedidos por bancos hipotecários.

No estado de Bengala Ocidental, o número de cooperativas passou de 139 para 169. As terras cultivadas também aumentaram no mesmo prazo, facto que igualmente se deu noutros Estados, como por exemplo, o de Gujarat. Dispensamos de dar mais números e de tornarmos a nossa exposição mais extensa, visto que o apresentado já revela bem o êxito da experiência cooperativa no velho país da Península Indostânica.

J. D. A.

O DIRECTOR DA SIEMENS COMEMORA 40 ANOS DE ACTIVIDADE

O engenheiro Hans Eismann, muito conhecido e estimado no meio electrónico, completa hoje 40 anos de actividade ao serviço da Siemens. Tendo desempenhado vários cargos em diversos departamentos da Siemens, exerceu, durante os últimos 7 anos, as funções de director técnico da Siemens — Companhia de Electricidade, S. A. R. L., em Portugal.

O jantar de aniversário do nosso jornal

(Continuação da 1.ª página)

Manso Lefevre e Paulo de Barros, presidentes, respectivamente, do conselho de administração e da assembleia geral da Renascença Gráfica.

A mesma mesa, sentaram-se, ainda a sr.ª dr.ª D. Maria do Rosário de Assis Pacheco e os srs. dr. João Ruella Ramos, João Manuel Pinto de Ruella Ramos e Francisco Morgado, dos corpos gerentes da empresa proprietária do nosso jornal; Mário da Silva Braga, agente do «Diário de Lisboa» no Porto; Henrique Pavão, da administração do nosso prezado colega «O Século»; artista Jorge Barradas e esposa; actor Igrejas



Dr. Amadeo Sabino

Caeiro, presidente da direcção do Clube Português de Publicitários; os nossos prezados colaboradores srs. drs. José Ribeiro dos Santos, Rui Grácio, José de Magalhães Godinho e Manuel Bello e escritora Maria Judite de Carvalho; e representantes dos nossos prezados colegas «O Século» e «Diário de Notícias».

A ampla sala do Restaurante da Quinta de S. Vicente, onde decorreu o jantar, encontrava-se repleta. Perpendicularmente à mesa de honra, alinhavam-se as mesas onde se sentavam, por secções, os trabalhadores e colaboradores do «Diário de Lisboa». Uma dessas mesas era quase totalmente ocupada pelos directores das diversas agências de publicidade que dão a sua colaboração ao nosso jornal.

Fala o redactor mais moderno

Fim do jantar e falando na qualidade de redactor mais moderno, o nosso camarada dr. Amadeo Lopes Sabino aludiu ao espírito de convívio que importa manter vivo, em todos os momentos e a todos os níveis, realçando que, para tal, não basta fazer apelos, enunciar palavras de boa vontade, ficarmos-nos pelas boas intenções. Mencionou a confrontação de opiniões e posições no interior do jornal, fazendo votos por

que sejam introduzidas entre nós as instituições que permitam uma expressão e uma resolução das legítimas reivindicações e dos legítimos interesses. Acentuou que só assim estaremos integralmente preparados para «corresponder às funções que nos competem».

Dissertou depois sobre a importância de informação completa e constante, referindo-se à necessidade de os órgãos de vanguarda da imprensa portuguesa, entre os quais realçou a proeminência do «Diário de Lisboa», se prepararem estruturalmente para o futuro e lutarem por que as actuais condições que limitam a imprensa no nosso País sejam abolidas e não substituídas por outras. Terminou com um voto no sentido de que os desejos que exprimiu na sua alocução se vejam já concretizados quando o «Diário de Lisboa» fizer 49 anos.

«JOAQUIM MANSO FICARIA SATISFEITO SE FOSSE VIVO...»

—disse o nosso director

Usou, então, da palavra o nosso director, sr. dr. António Pedro Ruella Ramos, que afirmou:

«Os anos passam quase sem darmos por eles, mas este que findou representa sem dúvida uma etapa definida na vida do «Diário de Lisboa», na medida em que foi em 1968 que se iniciou a fase de renovação que está em curso».

Por outro lado, renovar não significa alterar o rumo, e o «Diário de Lisboa» soube, durante o ano que passou, e saberá no futuro, manter intacta a sua linha de conduta, permanecendo fiel ao pensamento do seu fundador.

Estou certo de que Joaquim Manso ficaria satisfeito se fosse vivo e pudesse verificar que o «Diário de Lisboa» é um jornal jovem, que se faz com muito trabalho e sacrifício mas também com um sorriso nos lábios, dentro de uma tradição de jornalismo responsável.

E o melhor prémio deste admirável esforço colectivo que diariamente se renova é sem dúvida a extraordinária subida do nosso jornal no conceito da opinião pública, que deposita nele uma confiança que nos estimula e que procuramos sempre não desmerecer.

Tal como havia sido anun-



Alvaro Belo Marques



O nosso director, quando pronunciava o seu discurso

ciado, o «Diário de Lisboa» passou já por algumas remodelações, dentro do programa de renovação traçado e que, infelizmente, não se ma-



O actor Igrejas Caeiro saudável, no nosso camarada Amadeo Sabino, presidente do Clube Português de Publicitários

terializa num mês nem num ano, mas cujos progressos se vão sentindo e traduzindo num aumento constante de prestígio do jornal e, felizmente também, da sua venda.

Ao longo deste ano outros passos desse programa se irão cumprindo. Ensina-nos a experiência que é melhor cumpri-los primeiro e anunciar-los depois. A seu tempo, portanto, surgirão novos elementos que, estou certo, vão permitir, guardadas as limitações no nosso país, elevar o «Diário de Lisboa» à verdadeira posição que merece.

Não quero deixar de me referir neste jantar ao desaparecimento de um grande amigo e colaborador desta casa, um homem íntegro e leal que soube sempre manter-se ao lado do «Diário de Lisboa». Refiro-me a Mário Sacramento, brilhante como colaborador e intelectual, e exemplar como homem e cidadão, que a morte tão cedo afastou do nosso convívio.

Vou terminar. Falaria a verdade se afirmasse que 1968 foi um ano igual aos outros quarenta e sete, dos quarenta e oito que hoje ce-

lebramos. Não. Mas serviu para pôr à prova um conjunto de pessoas que de facto formam uma equipa e que souberam manter intacta a independência de um jornal de que nos orgulhamos e o público respeita.

Levanto pois a minha taça por todos os presentes e por aqueles que não puderam vir hoje a este jantar, agradecendo aos que fazem o jornal a boa colaboração e o espírito de iniciativa constantes, e aqueles que nos acompanham e tanto contribuem também para o êxito do «Diário de Lisboa», e de que há aqui ilustres representantes como o sr. Mário da Silva Braga, nosso agente no Norte do País, e a maioria dos directores das Agências de Publicidade portuguesas, a amizade e compreensão com que rodeiam o nosso jornal.

Muito obrigado pela vossa presença e que este 49.º ano do «Diário de Lisboa» seja também para vós um ano cheio de saúde e prosperidade.»

Dois publicitários e um leitor

Em seguida, falou o sr. Alvaro Belo Marques, director da agência de publicidade «Tempo», que aludiu à importância actual da publicidade na imprensa. A propósito, revelou que 30 por cento dos salários das pessoas que trabalham nos jornais provêm do anúncio, pelo que amplamente se justificava a sua intervenção. Salien-

te expendeu a seguir considerações acerca da missão e da dignificação do publicitário no nosso País, manifestando o desejo de que em breve a valorização da função publicitária leve esta a cerrar cada vez mais as suas relações com a Imprensa. Acabou, dizendo que todos os profissionais da publicidade vivem um pouco o trabalho do nosso jornal, de que salientou a juventude dos colaboradores, fazendo votos por que continuemos pela senda do que classificou como magnífica actividade.

Seguidamente, de improviso, Jorge Rodrigues, que disse falar apenas na sua qualidade de leitor do «Diário de Lisboa» e de antigo profissional de Imprensa fez várias considerações com base em ideias anteriormente explanadas sobre a transformação do jornal operada em 1968 e, por outro lado, na permanência de determinados factores condicionantes desse processo de desenvolvimento, chamou a atenção dos presentes para o facto de o País atravessar um momento de particular melindre e significação, em que se exige de todos, seja qual for o sector e níveis da sua actividade, um esforço de ajustamento às circunstâncias, temperando com bom-senso o indispensável «élan» da gente nova. O «Diário de Lisboa» — disse — tem vindo a prestar com êxito, nos últimos meses, uma prova de reconhecida dificuldade: sem perda de viabilidade e nível das suas reportagens e de outros trabalhos que caracterizam o entusiasmo e a base técnica do seu tradicional escol de universitários continuamente valorizado, soube definir e firmar um rumo de construtiva posição crítica face aos problemas que a escala nacional exigem dos órgãos de informação um elevado grau de maturidade e de esclarecida consciência profissional. A sua «Nota do dia», oportuna, desapaixonada e pertinente,

constitui documento impressivo e exemplar desta atitude — concluiu.

A confraternização foi depois assinalada pela evocação saudosista da memória do nosso companheiro de trabalho Edgar de Carvalho, ao que todos os presentes se associaram observando um minuto de silêncio.

Por fim em agradável



Jorge Rodrigues

clima de familiaridade, representantes de quase todas as secções do «Diário de Lisboa» fizeram referência a diversos aspectos da vida do jornal.

ACTIVIDADES DA ORDEM DOS ENGENHEIROS

Organizada pela Comissão de Visitas de Estudo da Secção Regional de Lisboa da Ordem dos Engenheiros, realizou-se amanhã uma visita de estudo ao Laboratório de Física e Engenharia Nuclear, da Junta de Energia Nuclear, em Sacavem.

Também amanhã, às 18 e 30, como tem sido divulgado, o sr. dr. Ing. Edgar Boehm, director da GHH — Gutehoffnungshütte — St. Rade A. G. proferirá na sede daquele organismo uma conferência subordinada ao título «Tendências na evolução das centrais nucleares».

Palestras culturais no Museu de Arte Antiga

Prossegue amanhã, às 18 e 30, a série de palestras culturais para a juventude que, no Museu de Arte Antiga, tem sido realizadas pelo professor Rio Carvalho sob o título geral «Para uma compreensão do século XX».

A palestra de amanhã versará sobre o tema «A Nova Figuração: Pop; Op; «Environement»». Haverá ainda mais duas sessões para completar o ciclo, subordinadas respectivamente ao tema: «Conclusão — linhas fundamentais da arte do século XX», e «Colóquio». Entrada livre pela Rua das Janelas Verdes.

O ANIVERSÁRIO COMEMORADO NO PORTO

Também os elementos e colaboradores da nossa delegação do Porto se reuniram num jantar, no restaurante «Tripeiro», para comemorarem o 48.º aniversário do «Diário de Lisboa».

O repasto decorreu em ambiente de franco convívio e sã camaradagem.



Um aspecto da confraternização dos elementos da delegação do «Diário de Lisboa» no Porto

Subsídio à Cooperativa de Cova da Beira

Foi concedido, pelo Fundo de Abastecimento do Ministério da Economia, à Cooperativa dos Fruticultores da Cova da Beira, um subsídio, não reembolsável, de dois mil contos.

Actualidade internacional

GRAVE INCIDENTE ISRAELO-ÁRABE

(Continuação da 1.ª página)

ções Unidas condenou a semana passada Israel por operações deste género.

Segundo um informador militar israelita, esta acção aérea foi unicamente dirigida contra posições de baterias de foguetes na região de Akaba. Os objectivos visados pela aviação — acrescentou — são provavelmente posições da organização «Al Fatah» pois o Exército jordano não utiliza tais baterias de foguetes.

Cerca de uma hora antes deste ataque tinham sido disparados 11 foguetes contra Eilat onde 13 pessoas ficaram feridas. Há actualmente numerosas turmas em Eilat, disse o informador. Este incidente — sublinhou — deve ser considerado muito grave, já que se verificou numa região geralmente calma. Existe uma espécie de acordo tácito nes-

te sector. Com efeito o porto jordano de Akaba é muito vulnerável, dada a sua proximidade da fronteira israelita.

A RESPOSTA ISRAELITICA CAUSOU OITO MORTOS

AMANN, 8 — (R.) — Um informador militar jordano anunciou que em consequência de um ataque aéreo israelita na madrugada de hoje ao porto de Akaba, no Mar Vermelho, morreram oito civis incluindo uma mulher e quatro crianças e houve nove feridos.

Entre os feridos está o pároco da Igreja católica de Akaba e sua mãe, ambos de nacionalidade belga.

O informador acrescentou que os dois aviões atacaram um dos bairros da cidade com foguetes. A Igreja e um outro edifício sofreram grandes estragos e notou-se a abertura de fendas em doze casas.

Dayan em Eilat

TEL-AVIV, 8 — (F. P.) — O ministro israelita da Defesa, general Moshe Dayan, e o chefe de estado-maior israelita, general Haim Barlev foram hoje de manhã a Eilat para examinar os estragos causados pelo ataque com foguetes ao grande porto israelita do Mar Vermelho e decidir no local as medidas a tomar.

Sublinha-se nos meios israelitas que milhares de campistas instalaram tendas nas praias do Mar Vermelho e que tudo deve ser feito para evitar a repetição de ataques semelhantes ao desta noite.

Afirma-se, por outro lado, que a reacção enérgica da aviação israelita deve fazer reflectir as autoridades jordanas obrigando-as a tomar medidas contra os comandos palestinos. Nesta região desértica onde os comandos dificilmente podem encontrar abrigo, as forças jordanas, podem se quiserem assegurar a calma como já fizeram durante muitos meses.



Lundy, uma pequena ilha do canal de Bristol que foi palco de piratas medievais, encontra-se à venda desde a morte do seu rei sem coroa, Albion Harman. Um grupo financeiro alemão está interessado na compra, para instalar na ilha um centro de diversões, incluindo um casino. Mas muitos ingleses esperam que a Coroa britânica esteja disposta a pagar as 100 000 libras (sete mil contos) pedidas pelos herdeiros de Harman, para que as belezas naturais da ilha possam ser preservadas.

Os «quatro grandes» recomeçam as conversações sobre o Médio Oriente

NAÇÕES UNIDAS (NOVA YORK, 8 — (R.) — As quatro grandes potências prepararam-se hoje para recomeçar as suas diligências a fim de encontrarem uma fórmula de paz para o Médio Oriente, após o inesperado progresso inicial na quinta-feira passada, quando iniciaram na residência do embaixador francês as suas conversações sobre a crise.

Fontes bem informadas porém aconselharam cautela quanto a esperanças de qualquer solução dramática nesta altura.

Após uma sessão inaugural de quatro horas e meia na última quinta-feira, os representantes da Grã-Breta-

nha, dos Estados Unidos, União Soviética e França junto da O. N. U. anunciaram que tinham iniciado imediatamente discussões substanciais, o que levou circuitos diplomáticos da organização mundial a manifestar optimismo cauteloso.

Contudo, fontes bem informadas acentuaram, antes de os «quatro grandes» iniciarem hoje, às 15 e 30 horas T. M. G., a sua segunda série de conversações na residência do embaixador russo, Jacob Malik, que mesmo discussões frutíferas não podem produzir milagres.

Não era esperado novo comunicado sobre o progresso das conversações. No entan-

to, segundo as mesmas fontes, os embaixadores conferenciarão provavelmente duas ou três vezes, sucessivamente, com pequenos intervalos, informarão os seus governos e descansarão depois antes de iniciarem outra série de discussões.

Prometeram manter U Thant, o secretário geral da O. N. U., assim como as partes directamente envolvidas no conflito israelo-árabe, informado sobre o progresso das conversações.

As conversações provocaram intensa actividade diplomática nos bastidores entre os países árabes e Israel.

O ministro dos Negócios Estrangeiros israelita, Abba Eban, visitou os Estados Unidos, incluindo Washington, poucas semanas antes de as conversações começarem. O conselheiro principal do presidente Nasser sobre questões externas, Mahmoud Fawzy, acaba de visitar Washington e encontra-se presentemente em Nova York, e o rei Hussein da Jordânia está a iniciar neste momento uma visita oficial à capital americana.

DE GAULLE: «NEM MAIS UMA HORA»

PARIS, 8 — (R.) — Segundo o semanário «Paris Match», o presidente de Gaulle teria dito que não ficaria «nem mais uma hora» no Poder se fosse derrotado no referendo do próximo dia 17.

PRIMEIRO NAVIO ATÓMICO DO JAPÃO

TÓQUIO, 8 — (R.) — O Japão lançará à água em 12 de Junho o seu primeiro navio ardonado atómicamente, nos estaleiros das indústrias pesadas da Ishikawajima-Harima Limitada (IHI), segundo revelou hoje um informador da firma.

O barco de 8350 toneladas, foi encomendado pela Agência de Desenvolvimento de Navios Nucleares do Japão e custará cerca de 5567 milhões de ienes (aproximadamente 455 000 contos).

Será o quarto navio mercante do Mundo accionado nuclearmente, a seguir ao quebra-geios soviético «Lenin», ao navio de carga americano «Savannah» e ao transportador de minérios alemão-occidental «Otto Hahn».

SÓ PELA FORÇA ISRAEL MUDARÁ A SUA POLÍTICA

— SEGUNDO «AL AHAM» —

CAIRO, 8 — (R.) — Israel não mudará a sua política a não ser que seja forçado a fazê-lo no campo da batalha — segundo afirma hoje o autorizado jornal «Al Aham».

Este comentava num editorial o discurso do ministro israelita da Defesa, Moshe Dayan proferido ontem, no qual afirmou que a acção das condições

das grandes potências para uma solução no Médio Oriente significaria o suicídio de Israel.

«Al Aham» escreve que a firmeza da declaração do ministro poderia parecer diferente da atitude de outros dirigentes israelitas. Contudo, a diferença limitava-se simplesmente aos meios de expressão e à tática de confrontação.

A política de Israel de aumentar o seu orçamento de guerra, a sua insistência em manter territórios ocupados e a deportação de árabes dos seus lares conduzirão à sua rejeição prévia nas conversações dos «quatro grandes» em Nova York.

A sua política não mudaria a não ser que fosse forçado a fazê-lo pela continuação da luta no campo de batalha, pela força das armas, pelo aumento da resistência e pela concentração de todas as capacidades para a confrontação decisiva.

Noutro comentário sobre o discurso do general Dayan, o informador oficial egípcio afirmou ontem que as conversações das quatro potências desmascararam a intenção de Israel de anexar territórios árabes ocupados na guerra de 1967.

O dr. Mohammed El Zayat declarou: Dayan mostra-se confiante em que nunca será expulso de território ocupado. Assim estava Hitler, mas as coisas mudaram».

PROVOCA ESPECULAÇÃO A SAÚDE DO PAPA

CIDADE DO VATICANO, 7 — (Por Ray Moseley, da U. P. I. — A. N. I.) — Paulo VI parece ter uma saúde bastante boa para uma pessoa de 71 anos. Em círculos do Vaticano afirma-se que os seus médicos confirmam esta impressão.

QUATRO MORTOS NUMA EXPLOÇÃO

AARAU (Suíça), 8 — (R.) — Deu-se hoje de madrugada uma violenta explosão numa fábrica de explosivos a 18 quilómetros desta cidade. A Polícia anunciou que há quatro mortos.

A explosão, ocorrida em Dottikon, no norte da Suíça e junto à fronteira com a Alemanha, foi sentida nesta cidade, portanto a uma distância de 18 quilómetros.

Ignora-se ainda o número de feridos.

Um informador da Polícia afirma que, segundo as notícias não oficiais, o número de mortos seria de seis, mas duas das mortes não foram ainda confirmadas.

Desconhece-se por enquanto a causa da explosão, e a Polícia isolou o local com receio de novas explosões.

Nas últimas semanas, porém, tem-se falado insistentemente da saúde do papa e nos círculos do Vaticano, diz-se que o sumo Pontífice está doente — desesperadamente doente.

As pessoas que mantêm contacto com os médicos de Sua Santidade limitam-se a sorrir desses rumores.

«Se se sentisse doente não estaria a preparar uma viagem à África em meados de Julho» — declarou-se com frequência, já que Paulo VI anunciou recentemente que tencionava visitar o Uganda.

Há um ano espalhou-se também em Roma o boato de que o Sumo Pontífice estava doente, quando se encontrava apenas em convalescença de uma operação a que se submetera em Novembro de 1967.

Esses boatos, a que a imprensa largamente se referiu, não vieram a confirmar-se. E os rumores actuais parece terem sido também provocados em parte pelas notícias de alguns jornais.

«O Papa tem-se sentido cansado, ultimamente, e perdeu peso — afirma-se em círculos do Vaticano — «Está também muito preocupado com as dissidências na Igreja. Isso pode ter dado origem aos rumores de que estaria doente, embora não seja verdade».

Oito realizadores para um filme

PARIS, 8 — (A. N. I.) — O cineasta Gabriel Abboecco anunciou aos jornalistas que oito realizadores, entre os quais ele próprio, decidiram unir-se para rodar o filme «Dix filles qui se levèrent à midi». Robert Enrico, Jacques Derray, Claude Lelouch, Doniol-Valcroze, Hodgett, Jacques Rozier e Pierre Pélegri são os nomes dos outros sete realizadores desta película, inspirada num livro de Vahé Katcha.

Japão - Formosa Macau - Hong Kong Libano - Pérsia Tailândia

AVISO 27 DIAS DE VIAGEM (14 DE JANEIRO)
MAIS VISITAS MAIS DESPESAS
Partidas: 8 Abril, 27 Maio, 1 Junho, 1 Agosto e 1 Setembro.
Uma excursão cativante é sempre mais barata porque é melhor...
Colaboração - desde 1966
LISBOA - Avenida da Liberdade, 143
PORTO - Avenida dos Aliados, 27
COIMBRA - Rua de Santa, 2

LUTA LIVRE AMERICANA

GRANDE TORNEIO INTERNACIONAL DE LISBOA
(Quartos de final)
NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS
HOJE, ÀS 21.45 HORAS
DOIS SENSACIONAIS COMBATES

NA MAIS EMOTIVA E ANSIADA Sessão de Luta Livre realizada na Europa

TARZAN TABORDA
Dois colossos das rixas entre as 12 cordas para disputarem um combate feroz, pleno de emoção e entusiasmo e que terminará certamente ainda mais grandioso este excepcional momento. A conquista do monumental troféu ao alcance deste inquebrável combate.

CYCLONE-MIK BARONE
A astúcia e a destreza frente à força e à ferocidade num combate que todos os amantes da luta livre desejariam presenciar. Será o arguto CYCLONE capaz de infligir a primeira derrota neste Torneio ao feroz «Tigre Transalpino»? — Uma dúvida que permanecerá até logo à noite.

A EXTRAORDINÁRIA E EMOTIVA LUTA A QUATRO
MONTORO-MAXIMILIANO contra VELIZ-SHARON e ainda:
GALA contra TÁGUA e GRAM-MANAS contra CASTARISA

ESTA NOITE NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS
O MAIOR ESPECTÁCULO DO MUNDO DO DESPORTO

Os bilhetes que restam estão à venda até às 20 horas nas Restaurantes e depois nos bilheteiros do Pavilhão.

Organizações: INTERLUTA — M/ 17 anos

MAO TSÉ TUNG REVOLTA-SE CONTRA O MOVIMENTO COMUNISTA MUNDIAL

HONG KONG, 8 — (R.)

— Rádio Moscovo continuou hoje os seus ataques contra a China, acusando o presidente Mao Tsé Tung de se revoltar contra o movimento comunista mundial.

A emissora acusou também Pequim de reduzir a sua pressão sobre a Formosa e as ilhas ao largo do

FORAM ADIADAS AS SANÇÕES CONTRA O PERU

WASHINGTON, 8 — (F. P.)

— Vai ser adiada a aplicação de sanções económicas ao Peru pelos Estados Unidos. Espera-se o resultado de um recurso administrativo interposto pela I. P. C., companhia petrolífera expropriada, junto das autoridades peruanas — anunciou William Rogers, secretário de estado norte-americano.

Rogers acrescentou que John Irwin, enviado especial do presidente Nixon ao Peru, tinha voltado a Lima e informado o Governo peruano da decisão norte-americana.

—ALEGA RÁDIO MOSCOVO

continente, em poder dos nacionalistas chineses, de forma a dar ao Governo do presidente Chiang Kai Shek e aos Estados Unidos uma «pausa para respirarem».

Numa emissão para a China, a Rádio disse que «em vez de libertar a Formosa», Mao tinha desviado a sua atenção para a União Soviética, com o envio de 500 soldados do porto de Fukien, no leste da China, para a fronteira sino-soviética.

Entretanto, continuou a emissora, a Imprensa americana reagira a notícias acerca de recontros entre tropas chinesas e soviéticas com a conjectura optimista acerca de possível melhoria das relações dos Estados Unidos com Pequim.

«A «clique» de Chiang Kai Shek mudou também de tom, pois, está satisfeita com as políticas interna e externa de Mao» — prosseguiu Rádio Moscovo.

«Um dia Chiang e os maoístas poderão chegar a um acordo».

«Os elementos de Chiang

Kai Shek tornaram-se, assim, quase aliados, em vez de inimigos, dos maoístas.» «Isso representa a natureza séria da revolta de Mao contra o movimento comunista mundial».

«Mao tem, assim, contentado a «clique» de Chiang Kai Shek e dos imperialistas americanos» — acrescentou a Rádio.

CONFIRMA-SE EM WASHINGTON

A GUERRA DO VIETNAM SERÁ REDUZIDA NOS PRÓXIMOS MESES

WASHINGTON, 8 — (R.)

— Anunciou-se hoje nesta capital que os Estados Unidos estão a adoptar uma



O brigadeiro Kwame Nkrumah, novo presidente do Gambia. Nkrumah sucedeu ao general Joseph Ankrah, chefe do Estado desde a deposição de Nkrumah, ocorrida há três anos.

estratégia conjunta militar-diplomática, destinada a reduzir a guerra no Vietnã dentro dos próximos meses.

Enquanto os funcionários governamentais se mantinham silenciosos, diplomatas aliados disseram que havia fortes indicações de que os seus colegas americanos estavam já envolvidos em contactos secretos com enviados comunistas à margem das conversações de paz de Paris, que duram há 11 meses e que atingiram um ponto morto.

Fontes governamentais confirmaram notícias muito divulgadas de uma nova insistência na negociação, que pressupõe alterações substanciais da política seguida por Johnson, mas recusaram-se a discutir detalhes.

Os observadores disseram que os gestos de apaziguamento incluíam a decisão da semana passada de reduzir de 10 por cento os bombardeamentos dos B-52 no Vietnã do Sul e a recusa do presidente Nixon em ser desviado da sua política pelos chefes militares, que insistiram numa enérgica retaliação, após ter começado a ofensiva da F.N.L. em Fevereiro passado.

Fontes governamentais disseram que o presidente Nixon está convencido de que é possível uma solução negociada e de que as táticas americanas se baseavam agora na suposição de que ambos os lados chegariam eventualmente a uma solução, por menos do que esperavam há um ano.

Diplomatas aliados afirmaram que o objectivo principal do presidente parecia ser uma tentativa de negociar uma retirada por fases do Vietnã do Sul, com os norte-vietnamitas fazendo uma redução correspondente homem por homem com os efectivos das tropas americanas.

Notícias não confirmadas anunciaram que os funcionários do Pentágono tinham programado uma retirada de entre 50 000 a

NIXON E KENNEDY

Continuação da 1.ª página

adversário nas eleições para o próximo mandato, na Casa Branca, em 1972. E parece que Kennedy pensa da mesma maneira.

Raramente se traçaram tão cedo as linhas para uma campanha eleitoral que ainda está a três anos de distância, mas o certo é que nos corredores da Casa Branca se fala já dos candidatos democráticos que em 1972 tentarão arrebatá-la a presidência a Richard Nixon: Kennedy, o antigo vice-presidente Hubert Humphrey e os senadores Edmund Muskie e George McGovern.

Kennedy, contudo, é o que dá mais que falar, com o seu passado, os seus discursos, as suas cartas, a máquina política que o ser-

ve e as pessoas que lhe são hostis.

Não se pretende fazer segredo acerca do que pensam os conselheiros do actual presidente. Sempre foi assim: os Governos em exercício mantêm abertos os processos dos prováveis candidatos à sua sucessão. E desta vez o maior desses processos é o de Edward Kennedy.

Este move-se em todos os sentidos para que, na verdade, possa ser candidato à presidência dos Estados Unidos e faz grande alarde das suas opiniões sobre sistemas de mísseis, relações com a China continental e todos os assuntos em debate.

Além disso, aumenta de actividade dentro do próprio Partido, procurando captar as simpatias do maior número possível de senadores e de deputados. E o mês passado, por exemplo, fez uma série de discursos perante os microfones da Rádio e as câmaras da Televisão.

As suas responsabilidades como dirigente da maioria democrática do Senado e os seus estudos sobre os problemas mais prementes do Partido têm-no mantido, há meses, em íntimo contacto com o seu gabinete em Washington.

Agora, porém, aumenta repentinamente os seus aparecimentos em público, discursando e surgindo nos «ecrãs» da Televisão, como que a garantir de antemão que o público não se vai esquecer dele até à grande corrida de 1972.

Entretanto, no próximo ano, há eleições para toda a Câmara dos Deputados e para um terço do Senado. Tanto Nixon como Kennedy procuram que os lugares em disputa fiquem na posse de políticos que lhes sejam fiéis.

Nenhum deles deixa nada ao acaso. Enquanto Kennedy, com 37 anos, é suficientemente novo para adiar as suas esperanças se o ano de 1972 não lhe for de todo favorável, Nixon tem a vantagem de se encontrar já instalado no Poder, além de uma experiência de oito anos na vice-presidência, como colaborador de Eisenhower.

A partir de agora, os dados estão lançados. E, depois de John (1960) e de Robert (1968), vai haver mais um Kennedy (Edward) para se opor ao Richard Nixon de sempre, aquele que há mais de dezasseis anos é figura gradada da política norte-americana.

O ESTADO DE KARP É SATISFATÓRIO

HOUSTON (TEXAS), 8 — (F. P.) — O estado de saúde de Haskell Karp, a quem o dr. Denton Cooley enxertou ontem o coração de uma mulher de 40 anos, que morrera devido a uma lesão cerebral, é satisfatório — segundo foi anunciado no Hospital St. Luke, desta cidade. A operação durou duas horas e 45 minutos.

Karp, que foi mantido vivo durante 65 horas com um coração artificial, suportou bem o choque operatório, melhor do que outros doentes que sofreram intervenção semelhante, porque o seu organismo tinha podido repousar durante mais de dois dias.



O novo Congresso do P. C. chinês, que foi inaugurado no passado dia 1 do corrente, voltou a ser alvo de críticas por parte da União Soviética. Rádio Moscovo, na sua emissão de hoje, acusou Mao Tsé Tung de se revoltar contra o movimento comunista internacional e de se aliar a Chiang Kai Shek.

Causou um morto pânico

num avião

SEPT-ILES (QUEBEC), 8 — (R.) — Morreu uma mulher e mais seis pessoas ficaram feridas quando passageiros, cheios de pânico, fugiram ontem de um Viscount, de uma linha interna, que efectuou uma aterragem de emergência num aeroporto de Sept-Îles, com um dos motores em chamas.

O motor incendiou-se pouco depois do avião descolar de Sept-Îles num voo interno com dezasseis passageiros e quatro tripulantes a bordo.

O piloto aterrou, com segurança, cinco minutos depois de descolar, mas quando o avião parou, as chamas alastraram a um segundo motor. Dentro de minutos, o aparelho de quatro motores e com capacidade para 48 passageiros, estava a arder, fazendo com que os passageiros, todos de Quebec, e os tripulantes fugissem, espavoridos, procurando salvar-se.

DIAMANTE COR-DE-ROSA

BOGOTÁ, 8 — (F. P.) — Ninguém no Mundo deve ter jogado com berlineses tão preciosos como as crianças de uma pobre aldeia da região colombiana do Choco. Na verdade, os garotos da aldeia divertiam-se com diamantes cor-de-rosa, avaliados agora numa fortuna.

Os directores do instituto «Ayudate» (que significa «ajuda-te»), uma sociedade de beneficência relativamente pouco conhecida (no anuário está indicada como «Instituto para o desenvolvimento social e económico das classes menos privilegiadas e para sondagens da opinião pública»), depositaram ontem no Banco Panamericano de Bogotá 21 quilos desses diamantes brutos. Os dirigentes do instituto «Ayuda-te» anunciaram que na terça-feira farão um novo depósito. O Banco atribui o valor de 350 milhões de dólares (9800 milhares de contos) ao depósito.

Os diamantes vêm de um jazigo descoberto ao nível do mar pelos geólogos ligados à «Ayuda-te». Segundo boatos que correm em Bogotá, os joalheiros dos Estados Unidos e mesmo da Europa, além de alguns Governos estrangeiros, teriam pedido esclarecimentos acerca da descoberta de diamantes na Colômbia.

A região do Choco, em que os diamantes teriam sido descobertos, deve ser transformada em breve numa região de lagos artificiais e de barragens, ligados por um canal transoceânico que poderia substituir o do Panamá. Segundo a lei colombiana, o subsolo do território nacional pertence ao Estado.

LIVROS NOVOS

«PERTURBAÇÕES PSICOLÓGICAS DA NOSSA DELINQUÊNCIA JUVENIL»

por Pádua da Silva Pereira

Os problemas da delinquência juvenil está a merecer, desde há bastante tempo, a atenção não apenas dos educadores e dos juristas, mas ainda o dos médicos e psicólogos. A literatura é abundante sobre o tema e justifica-se que assim seja porque é preparando, cuidando das crianças e dos jovens que curamos do futuro dos cidadãos, do autêntico país.

Aos problemas da educação infantil, sobretudo da reeducação e psicológicos, se tem consagrado Pádua da Silva Pereira.

Estas «Perturbações Psicológicas da nossa delinquência juvenil» de que saiu agora o 1.º volume constituem boa achega para esse estudo. Mais dois virão a público, segundo promessa do autor, que acentua: «O menor delinquente oferece-nos um mundo tão diferente, que para lhe equacionar as leis que seguem e os corolários que o definem, não há nenhuma psicologia, método, sistema ou teoria onde tal multidão de sentidos contraditórios, particularismos e mais complexos e emoções as mais variadas, se possam estruturar ou concatenar num sentido ou noutro que nos informem definitivamente. São universos independentes que gravitam, cada um, dentro da sua órbita; e se alguns são já de sobra conhecidos outros revelam-se-nos cada vez mais estranhos, mais complexos e tão equívocos, que após largos meses de observação e análise nos deixam quase no mesmo pé com que começámos a observá-los».

Pádua da Silva Pereira trata das crises e particularismos da adolescência da confiança de que precisa a criança para agir, para, em seguida encarar de frente os diversos aspectos e motores da delinquência juvenil.

Depositará a Livraria Portugal.

«Obras Escolhidas de Bocage» — Fasc. XV

Val no fascículo 15, esta obra realmente apresentada com gosto e com um critério do melhor orientada que é pelo prof. Hernani Cidade. As «Obras Escolhidas de

A PARTICIPAÇÃO DE FIRMAS METROPOLITANAS NA FACIM - 1969

LOURENÇO MARQUES N. — (L.) — Contrário com o apoio financeiro do Fundo de Fomento da Exportação, as firmas metropolitanas que quiserem fazer-se representar na edição deste ano da Feira Agro-Pecuária, Comercial e Industrial de Moçambique — FACIM 69.

O apoio do fundo será concedido quando os produtos vendidos não sejam concorrentes da produção moçambicana e destinarem-se às despesas relativas a aluguer do espaço, construção, decoração, montagem e desmontagem da stand, encargos inerentes ao seu funcionamento, transporte, despacho e controlo do material de decoração e do mobiliário.

Bocage» ficam a constituir o principal número das «memórias do segundo centenário do nascimento do poeta».

Edição da Artia com ilustrações de Lima de Freitas.

«CARÁCTER UNIVERSITÁRIO DA EDUCAÇÃO FÍSICA», por Américo Cardoso Fonseca

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, pelo seu gabinete de Divulgação, publicou o estudo do professor Américo Cardoso da Fonseca, feito para o II Congresso Latino-Americano de Educação Física, em 1963.

Diz nos o autor, á entrada: «A educação física não é mais um domínio que possa fechar-se em acanhada dimensão. A situação que de direito se lhe confere em plano universal não é paralisada por panoramas de estrita forma local de sentido inconsequente».

O CHANCELER KIESINGER (SEM O SABER) INAUGUROU UMA SALA

Uma sala destinada à recepção de personalidades importantes, e cuja falta se fazia sentir há muito, foi incluída no novo corpo do Aeroporto. Sem o saber, foi o chanceler Kiesinger, quando da sua recente visita ao nosso País, quem a inaugurou, visto que foi a primeira personalidade ali recebida.

Igualmente o sr. prof. Marcello Caetano, no regresso da sua viagem aos Estados Unidos, se utilizou da nova sala.

FELICITAÇÕES AO «DIÁRIO DE LISBOA»

Referiram-se à passagem do 48.º aniversário do «Diário de Lisboa», em termos que muito agradecemos, os nossos prezados colegas «República», «Diário Popular», «O Primeiro de Janeiro», «Mundo Desportivo» e, ainda, «A Capital».

Entre as mensagens de felicitações e cumprimentos que continuam a chegar-nos de todo o País, pelo mesmo motivo, registamos hoje as seguintes: almirante Manuel Pereira Crespo, ministro da Marinha; dr. César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo; dr. Afonso Marchueta, governador civil de Lisboa; dr. Armando Rocha, director-geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar; dr. Caetano de Carvalho, director-geral da Cultura Popular e Espectáculos; dr. Nuno Simões; dr. Joel Serão; G. Lacombe, director da agência «France-Presse»; Luís Lupi, director da agência «Lusitânia»; co-

mandante Galeão Roma; general Raul Cordeiro Pereira de Castro, comandante-geral da Guarda Nacional Republicana; Joaquim Dias de Sousa Ribeiro, presidente da Câmara Municipal de Loures; Teodoro dos Santos, administrador-delegado da Sociedade Estoril-Sol; Alvaro Guerra, inspector-geral do Banco Lisboa e Açores; Grémio Nacional da Imprensa Diária; Sindicato Nacional dos Jornalistas; dr. Jorge Rodrigues, em nome do conde da Covilhã e dr. Miguel Quina, ausente do País; coronel Julio Martins Mourão, director do Museu Militar; dr. Manuel Teles, presidente da União de Grémios dos Espectáculos; Samwell Diniz, presidente do Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais; Beatriz Costa; dr. Paulino Gomes; Raul Solnado; Gilberto de Carvalho, Amílcar dos Santos Cesário; Victor Miguel Vieira de Sousa; Raul Alexandre de Sá Correia; Abel Monteiro; e dr. Manuel Pessoa, correspondentes do nosso jornal, respectivamente, em Viseu, Alcobaca, Albufeira, Vila Flor, Bragança e Cantanhede.

Também nos endereçaram saudações pelo nosso aniversário: D. Maria de Lourdes Tavares da Silva; D. Maria de Lourdes Colen;

realizador de cinema Baptista Rosa; locutor Fialho Gouveia; Agostinho Coelho, agente do «Diário de Lisboa» em Évora; Carlos Barbosa; Mário Marques Rosa Duque; João Minnemann, director da Bayer Portugal; Jaime Mourão Ferreira, das relações públicas da Bayer Portugal; Direcção da Associação dos Inquilinos Lisbonenses e seu presidente, Emílio Santana; Glinásio Clube Português; Mobil Oil Portuguesa; eng.º Mendes Barbosa, presidente do conselho de administração da Companhia Portuguesa Rádio Marconi; Associação Lisbonense de Proprietários; «Celulose»; «Morrisson»; José Silva Baptista, presidente da direcção do Grémio dos Industriais de Panificação de Lisboa; Scandinavian Airlines Portugal; «Latina»; Liga dos Combatentes; coronel José Miranda da Costa; União de Grémios de Lojistas de Lisboa; António Zaccarias da Silva; dr. Saraiva Lima; Damasceno Covão; Manuel Paixão; Farinas de Almeida; Carlos Morais; Fernando Vão da Nazaré; Carlos Liz, de Arroios; Agência Dias da Silva; Basílio Fernandes; Manuel Soares, da Tabacaria Madrid; e Pedro Franco, das Caldas da Rainha.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Etes	Compra	Venda	Ultramarinas	Etes	Compra	Venda
Consolidado 4 1/4% ...	5405	5415	5405	Diamantes Angola ...	14505	14405	14605
Consolidado 3% ...	5405	5415	5405	H. E. Revue ...	—	—	—
Consolidado 1 1/2% ...	6505	6515	6505	Ind. do Príncipe ...	—	—	12005
Contas 4% ...	—	—	—	Macanés ...	1005	1005	1005
Obras 5% ...	10185	10195	10185	Sonete n ...	3605	3555	3635
Ext. 1.ª Série ...	6005	5995	6005	Sonete p ...	645	635	655
Ext. 2.ª Série ...	—	7105	7105	C - Diversas	—	—	—
Ext. 3.ª Série ...	—	7105	7105	Cad. ...	70505	70505	70505
Ext. 4.ª Série ...	—	9005	9005	Cam. Leão ...	—	—	26005
Ext. 5.ª Série ...	—	9005	9005	Cam. Tejo ...	—	—	8005
Ext. 6.ª Série ...	—	9005	9005	Col. Navegação ...	—	—	10505
Ext. 7.ª Série ...	—	9005	9005	C. U. F. ...	—	—	6955
Ext. 8.ª Série ...	—	9005	9005	Ind. Alentejo ...	—	—	27905
Ext. 9.ª Série ...	—	9005	9005	Nac. Navegação ...	—	—	27605
Ext. 10.ª Série ...	—	9005	9005	Petroquímica ...	—	—	23005
Ext. 11.ª Série ...	—	9005	9005	Port. e Colónias ...	13605	13505	13605
Ext. 12.ª Série ...	—	9005	9005	Port. Celulose ...	8805	8505	9005
Ext. 13.ª Série ...	—	9005	9005	Port. Pesca ...	5155	5105	5155
Ext. 14.ª Série ...	—	9005	9005	Port. Tabacos ...	48005	47505	48505
Ext. 15.ª Série ...	—	9005	9005	Sacor ...	12405	12355	12455
Ext. 16.ª Série ...	—	9005	9005	Siderurgia Nac. ...	22505	22305	22505
Ext. 17.ª Série ...	—	9005	9005	Tabacos de Portugal ...	—	—	9305
Ext. 18.ª Série ...	—	9005	9005	Tabacaria ...	—	—	115005
Ext. 19.ª Série ...	—	9005	9005	J. F. Azoto ...	7255	7205	7255
Ext. 20.ª Série ...	—	9005	9005	Aguas Electr. e Gás	—	—	—
Ext. 21.ª Série ...	—	9005	9005	Aguas Lisboa p ...	—	—	4105
Ext. 22.ª Série ...	—	9005	9005	Aguas Lisboa 24 ...	—	—	3955
Ext. 23.ª Série ...	—	9005	9005	Aguas Lisboa 36 ...	—	—	3955
Ext. 24.ª Série ...	—	9005	9005	Elect. Beira ...	39255	3925	39255
Ext. 25.ª Série ...	—	9005	9005	Gás Electr. ...	1605	1605	1605
Ext. 26.ª Série ...	—	9005	9005	H. E. Alto Alentejo ...	—	—	12855
Ext. 27.ª Série ...	—	9005	9005	H. E. Cávado ...	12905	12885	12925
Ext. 28.ª Série ...	—	9005	9005	H. E. Douro ...	—	—	3055
Ext. 29.ª Série ...	—	9005	9005	H. E. Norte Portugal ...	—	—	7005
Ext. 30.ª Série ...	—	9005	9005	H. E. Estrela ...	—	—	3205
Ext. 31.ª Série ...	—	9005	9005	H. E. Zêzere ...	—	—	13405
Ext. 32.ª Série ...	—	9005	9005	Nac. Electricidade ...	13405	13355	13405
Ext. 33.ª Série ...	—	9005	9005	Termoelectr. Port. ...	13705	13705	13805
Ext. 34.ª Série ...	—	9005	9005	U. E. ...	965	955	975
Ext. 35.ª Série ...	—	9005	9005	FUNDOS DE INVESTIMENTO	—	—	—
Ext. 36.ª Série ...	—	9005	9005	F. I. Atlântico ...	—	15855	16355
Ext. 37.ª Série ...	—	9005	9005	F. I. D. E. S. ...	—	10654	10954
Ext. 38.ª Série ...	—	9005	9005	INDICE	—	—	—
Ext. 39.ª Série ...	—	9005	9005	BORGES & IRMÃO	—	—	—
Ext. 40.ª Série ...	—	9005	9005	COIACAO DAS ACCOES Base Dez 65 100	—	—	—
Ext. 41.ª Série ...	—	9005	9005	GERAL ...	113,2	114,1	114,4
Ext. 42.ª Série ...	—	9005	9005	METROP. ...	110,8	111,7	111,6
Ext. 43.ª Série ...	—	9005	9005	ULTRAM. ...	130,9	131,4	134,7
Ext. 44.ª Série ...	—	9005	9005	PAISES	—	—	—
Ext. 45.ª Série ...	—	9005	9005	Compras	—	—	—
Ext. 46.ª Série ...	—	9005	9005	Vendas	—	—	—
Ext. 47.ª Série ...	—	9005	9005	Africa do Sul - Rand	36500	36500	36500
Ext. 48.ª Série ...	—	9005	9005	América	—	—	—
Ext. 49.ª Série ...	—	9005	9005	Dollars de 1 e 2 ...	26370	26380	26380
Ext. 50.ª Série ...	—	9005	9005	Dollars de 5 e 1000 ...	26340	26380	26380
Ext. 51.ª Série ...	—	9005	9005	Canadá - Dollar ...	26320	26370	26370
Ext. 52.ª Série ...	—	9005	9005	Alemanha - Marco ...	7805	7825	7825
Ext. 53.ª Série ...	—	9005	9005	Francia - Schilling ...	308	315	315
Ext. 54.ª Série ...	—	9005	9005	Brasil - Cruzeiro Novo ...	5850	5850	5850
Ext. 55.ª Série ...	—	9005	9005	Espanha - Peseta ...	340	340	340
Ext. 56.ª Série ...	—	9005	9005	Italia - Lira ...	7878	8003	8003
Ext. 57.ª Série ...	—	9005	9005	Inglaterra - Libra ...	67850	69550	69550
Ext. 58.ª Série ...	—	9005	9005	Irlanda - Libra ...	804,45	804,65	804,65
Ext. 59.ª Série ...	—	9005	9005	Países Baixos - Dólar ...	4875	5325	5325
Ext. 60.ª Série ...	—	9005	9005	Suécia - Coroa ...	558,5	558,5	558,5
Ext. 61.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 62.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 63.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 64.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 65.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 66.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 67.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 68.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 69.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 70.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 71.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 72.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 73.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 74.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 75.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 76.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 77.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 78.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 79.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 80.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 81.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 82.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 83.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 84.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 85.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 86.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 87.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 88.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 89.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 90.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 91.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 92.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 93.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 94.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 95.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 96.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 97.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 98.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 99.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855
Ext. 100.ª Série ...	—	9005	9005	Suísça - Franco ...	5855	5855	5855

INDICE

BORGES & IRMÃO

COIACAO DAS ACCOES Base Dez 65 100

	1/4/69	7/4/69	8/4/69
GERAL	113,2	114,1	114,4
METROP.	110,8	111,7	111,6
ULTRAM.	130,9	131,4	134,7

PAISES

Compras

Vendas

Africa do Sul - Rand	36500	36500
América		
Dollars de 1 e 2 ...	26370	26380
Dollars de 5 e 1000 ...	26340	26380
Canadá - Dollar ...	26320	26370
Alemanha - Marco ...	7805	7825
Francia - Schilling ...	308	315
Brasil - Cruzeiro Novo ...	5850	5850
Espanha - Peseta ...	340	340
Italia - Lira ...	7878	8003
Inglaterra - Libra ...	67850	69550
Irlanda - Libra ...	804,45	804,65
Países Baixos - Dólar ...	4875	5325
Suécia - Coroa ...	558,5	558,5
Suísça - Franco ...	5855	5855
Suísça - Franco ...	5855	5855
Suísça - Franco ...	5855	5855
Suísça - Franco ...	5855	5855
Suísça - Franco ...	5855	5

Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 8 de Abril de 1939 publicava:

«ROMA, 8. — Segundo informações da agência «Stefano», chegou a Tirana um regimento de granadeiros, que foi transportado em avião.

«A entrada das tropas italianas na capital albanesa verificou-se às 9 e 30».

«A agência oficial italiana «Stefano» informa: o conde Ciano aterrou em Tirana às 11 horas.»

«A MUNDIAL»

COMPANHIA DE SEGUROS
S. A. R. L.

SEDE: Largo do Chiado, 8
Lisboa

Para os devidos efeitos se declara que pela Assembleia Geral Ordinária, realizada em 31 de Março de 1968, foram eleitos até ao fim do triénio em curso 1967/1969 para o Conselho de Administração os seguintes Senhores Accionistas: Companhia de Seguros CONFIANÇA, José da Silveira Machado, Manuel de Madureira Fialho Prego, Dr. João António de Moraes Silva Leitão e Engenheiro Luis Filipe Pinto Elyseu.

Lisboa, 2 de Abril de 1969.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Tito Castello Branco Arantes

Palavras cruzadas

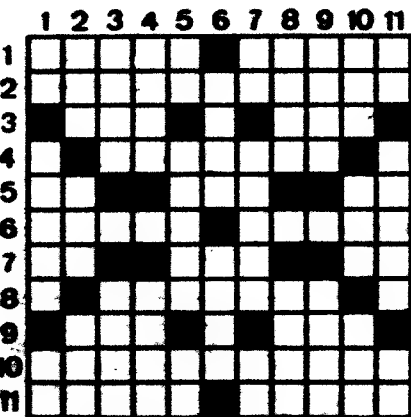
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5141

HORIZONTAIS: 1 — Adicional. Ponto acima e 2 — Ajustar. 3 — Miúdo torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro a que às vezes se junta mel de abelhas. Em os. 4 — Ossos de um cadáver. 5 — Troço Sapo do Amazonas. 6 — Avivar o fogo. Vaguear. 7 — Gálio (s. q.). Arvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Prefixo de negação. 8 — O primogénito de uma família (fam.). Artigo definido. 9 — Muito. Para barlavento. 10 — Aquela que madruga. 11 — Levor à erga. Serra de Portugal.

VERTICAIS: 1 — Apelido. Antiga cidade da Polónia. Cântamo de Manila. 2 — Vazia. Sufixo que designa pequenez. Matemática (abrev.). 3 — Terra. Tempo do verbo ser. O que não fala. 4 — Cinzas. Entontecido. 5 — Item (abrev.). Curar. Cidade da antiga Cadeira. 6 — Manjeira desdentada espécie de tatu. Rei dos Amolecitos vencido por Saul e cortado em pedaços por ordem de Samuel. 7 — Atmosfera. Bate-se em duelo. Amónia (s. q.). 8 — Paço. Oferecida. 9 — Gostas muito. Perfume. 10 — Pedra de moínho. Vai para fora. Rezo. 11 — Artigo definido. Gorgulho. Preposição e artigo definido.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo pensamento o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5140

HORIZONTAIS: 1 — Apontam. Ita. 2 — Rêdo. ANDAR. 3 — PELO. Troço. 4 — Ala. Farças. 5 — Rê. Remates. 6 — Por. Vês. 7 — Alêtas. PL. 8 — Alêtas. 9 — Limera. Rota. 10 — Bêtas. Dêtas. 11 — Aos. Amoroso.

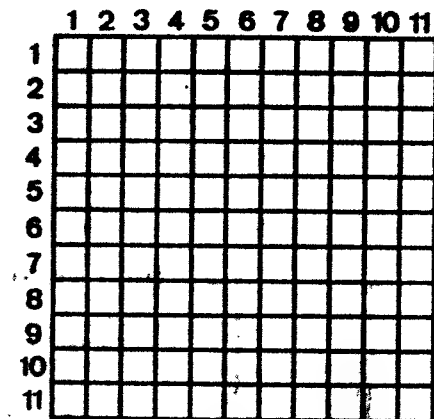
VERTICAIS: 1 — Aspar. Albo. 2 — Pêta. Alfa. 3 — Ota. Pluma. 4 — Não. Roerça. 5 — Ta. Fênica. 6 — Tem. Tia. 7 — Morroça. DEL. 8 — Jêdas. SATO. 10 — Taras. Pêta. 11 — Aos. Amoroso.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8984

HORIZONTAIS: 1 — Serra de Portugal. Possessão portuguesa na Ásia. 2 — Cursos de água natural e abundante. Infimos. 3 — Apelido. Freguesia do concelho de Espôsende. Cólora. 4 — Fútil. Canção. Campanião (inv.). 5 — Esmonça. Freguesia do concelho de Guimarães. 6 — Prefixo de negação. Pertences. 7 — Cobalto (s. q.). Camareira. Rio da Rússia. 8 — Em partes iguais. Experimento, vestindo. Estréito de desmoronamento. 9 — Atraição. Verbais. 10 — A Irlanda. Antiga Cidade da Grécia. 11 — Isolado. Move com frequência. Antes do meio-dia.

VERTICAIS: 1 — Lavar. Prendas. 2 — Freguesia do concelho de Coimbra. Viatura. 3 — Rota. Fecho as asas para descer mais depressa. Nesse lugar. 4 — Pertences. Colorido. Antiga cidade da Itália. 5 — Língua negro-africana, grupo volcânico, falada em Leo e na região do sul. Anel. 6 — Rio de Portugal. Irmão do pai. Pronome pessoal. 7 — Ovário dos peixes. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. 8 — Grito aflitivo. Medida de superfície. Enfeita. 9 — Novecentos e um em romano. Sufixo que designa abundância. Nesse ponto. 10 — Gorgulhos tropicais. Vento brando. 11 — Gostas. Empregam.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8983

HORIZONTAIS: 1 — Catanga. 2 — As. Crior. Pê. 3 — Rê. Aôs. Til. 4 — Gelam. Traco. 5 — Amura. Remor. 6 — Oor. Olá. 7 — Ayis. Adro. 8 — Ler. Sic. Ais. 9 — Cê. Lutam. Pt. 10 — Edeia. Negai. 11 — Samar. Alara.

VERTICAIS: 1 — Capa. Alces. 2 — Siem. Veado. 3 — Alêda. Em. 4 — AC. Aros. Lia. 5 — Tramar. Suar. 6 — Aio. Ma. 7 — Maetro. Cera. 8 — Gr. Reta. Mel. 9 — Tornado. Gel. 10 — Aio. Ma. 11 — Color. Gêta.

HIDRO-ELÉCTRICA DO ZÊZERE

S. A. R. L.

Avenida Sidónio Pais, n.º 24-1.º — Lisboa

CAPITAL — 640 000 CONTOS

DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1968

São avisados os Senhores Accionistas de que, a partir do próximo dia 14 de Abril, se encontra a pagamento o dividendo do exercício de 1968 (cupão n.º 19) votado em Assembleia Geral realizada em 20 de Março do corrente ano, à razão de 80\$00 por acção, cativo de impostos.

Este pagamento efectuar-se-á na sede da Companhia ou nas sedes e dependências, quer de Lisboa, quer da Província, dos seguintes estabelecimentos de crédito:

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (Lisboa e Porto)
Banco de Fomento Nacional
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Totta-Aliança
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Nacional Ultramarino
Banco Português do Atlântico
Banco de Angola
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Lisboa & Açores
Banco Borges & Irmão
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Crédit Franco-Português
Montepio Geral
Companhia Geral de Crédito Predial Português
Augustine, Reis & C.ª
Almeida, Basto & Piombino & C.ª
Manuel Mendes Godinho & Filhos (Tomar)

A importância líquida a pagar, por acção, é a seguinte:

ACÇÕES NOMINATIVAS

Averbadas ao Estado e a entidades que beneficiem de isenção de impostos	80\$00
Averbadas a instituições de Previdência	79\$35,5
Averbadas a particulares	79\$79,5

ACÇÕES AO PORTADOR

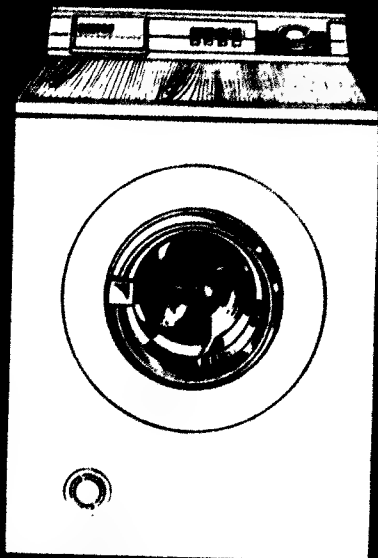
Registadas	71\$44
Não registadas	58\$33,6

Lisboa, 3 de Abril de 1969

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CASTOR

DESDE HA MUITO A MELHOR
MAQUINA DE LAVAR ROUPA



3 modelos desde 5.760,00
incluindo o modelo
SUPERDRY a maquina
que lava, centrifuga e seca
totalmente a roupa

A Venda nos Agentes:

BARATA & MANGORRINHA, LDA.

Rua Morais Soares, 23-C — LISBOA

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Capital: 450 000 000\$00

Sede: Rua Alexandre Herculano, 244
PORTO

Dividendo de 1968

Avizamo-se os Srs. Accionistas de que, a partir do dia 21 do mês corrente, está em pagamento o dividendo do exercício de 1968 pelos valores líquidos correspondentes às diversas categorias de acções, as quais constam dos respectivos impressos e são os seguintes:

Acções de n.º 1 a 3 630 000

— nominativas	8583 (8)
— ao portador registadas	8593 (2)
— ao portador	7584 (4)

Acções de n.º 3 630 001 a 4 500 000

(Não liberadas)

— nominativas (contra apresentação do documento provisório)	2520 (8)
---	----------

O referido pagamento efectuar-se-á no Banco Pinto & Sotto Mayor ou no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa ou no Banco Português do Atlântico, no Porto e em Lisboa, a partir do estado dia 21 do mês corrente, inclusive, todos os dias úteis, excepto nos sábados.

Porto, 1 de Abril de 1969.

Pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

O Engenheiro-Geral,
a) MAMEDE FIALHO

CAPITALISTA

Que disponha de 2 a 3 mil contos poderá tomar posição de valor em florentino e prometedoras empresas industriais lançadas em franca expansão.
Certe a Administração deste jornal ao n.º 254.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Lapa, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Baixa e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
**VALENTIM
DE CARVALHO**
Comércio e Indústria, s.
A. R. L. — 95, Rua Nova
de Almeida, 99 — LISBOA

CAMINHOS DE FERRO

Excursões — 1969

A C. P. acaba de editar um folheto descriptivo com o plano das «EXCURSÕES» a realizar no corrente ano, que poderá ser solicitado nas Secções de Informação de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais e nas Agências de Viagens autorizadas.



DONA MARIA DE FÁTIMA D'OREY PEREIRA COUTINHO

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

D. Luiz Pereira Coutinho e sua Mulher D. Maria das Dores d'Orey Pereira Coutinho, seus Filhos e Netas, participam que será celebrada Santa Missa pelo eterno descanso da sua muito querida Filha, irmã e Cunhada, amanhã, quarta-feira, dia 9, pelas 12.30 na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, das Orlas de São José.

P. N. A. W.

NOVO EDIFÍCIO PARA AS ESCOLAS EM MONCORVO

MONCORVO, 8 — Pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, foi aberto, com base de licitação de 829 840\$00, concurso para a construção de um edifício de oito salas, para a instalação das escolas des-

ta vila, no sítio da Romaneira em terrenos adquiridos pela Câmara Municipal, o que causou grande regozijo na população, tanto mais que as escolas estão instaladas em casas particulares, sem comodidade nem conforto, dispersas com prejuízo para o ensino.

O único edifício escolar aqui existente, construído em 1910, situa-se na Corre-

doura, no lugar da Seira, com graves perigos para as crianças que as frequentam.

Uma nova era parece surgir para Moncorvo. É certo que têm sido grandes os melhoramentos efectuados em todo o concelho, mas a vila tem as suas necessidades, que são bem conhecidas; e todos desejamos a continuidade do progresso da nossa terra.

SOCIEDADE NACIONAL DE FÓSFOROS

S. A. R. L.

Rua S. Julião, 139 — Lisboa-2

DIVIDENDO DO ANO DE 1968

Cupão n.º 34

São avisados os senhores Accionistas de que o pagamento deste dividendo será efectuado de 14 a 18 do corrente mês de Abril, como segue:

Esc. 3\$52,1 por cupão — contra apresentação do respectivo cupão carimbado;

Esc. \$17,6 por cupão — contra apresentação do respectivo cupão não carimbado ou das cautelas representativas de fracção de acção carimbada;

Esc. 4\$46,5 às acções registadas nos termos do art.º 111.º do Decreto n.º 45 399 de 30 de Novembro de 1963, contra apresentação do respectivo cupão, somente na sede da Sociedade, Rua de S. Julião, 139, Lisboa.

O pagamento será efectuado:

Em Lisboa — na sede da Sociedade, Rua de S. Julião, 139, das 14.30 às 16.30 horas;

No Porto — no Banco Borges & Irmão, filial da Rua do Bonjardim, 57, das 10 às 12 e das 14 às 15 horas, com excepção das acções registadas.

Passado o prazo acima indicado este dividendo, bem como os dividendos anteriores continuarão a pagamento às quintas-feiras, às mesmas horas e nos mesmos locais, onde se fornecem as necessárias fórmulas de recibo.

Lisboa 7 de Abril de 1969

O CONSELHO
DE ADMINISTRAÇÃO

AVISO IMPORTANTE

Alteração ao horário do «Sud-Express» LISBOA/PARIS

Comunica-nos a C. P. que não estando ainda normalizada a circulação dos comboios, entre as estações de Vale de Santarém e Santarém, manter-se-á, até aviso em contrário, às 14 e 10, o horário da partida da estação de Lisboa (Santa Apolónia) das carruagens que conduzem os passageiros destinados ao comboio «Sud-Express» (Lisboa/Paris).

Os passageiros ocuparão os seus lugares na composição normal estacionada em Santarém, após transbordo em autocarro entre Vale de Santarém e aquela estação.

EIS A REGISTRADORA QUE LHE CONVÉM...



O novo modelo Valentin

A máquina alemã de alta qualidade!

É uma caixa registadora robusta, completa, eficiente e... bonita! É a máquina digna do seu estabelecimento, que fará aumentar os seus lucros melhorando o seu controle.

DISTRIBUIDORES:

SOC. DE REP. SIDA SUECA, LDA.

R. DE S. NICOLAU, 15/17 • TELEF. 349231 • LISBOA

ESTABELECIMENTOS SIDANORTE, LDA.

Rua Formosa, 445, 447 - L.º — PORTO

Madrid

aguarda a sua visita

O COMBOIO

Lisboa-Expresso Ter

transporta-o-a com rapidez e comodidade à encantadora capital espanhola

COMBOIO RÁPIDO E MODERNO, COM AR CONDICIONADO E MÚSICA, SENDO OS PASSAGEIROS ASSISTIDOS POR SENTIS HOSPEDEIRAS

DURANTE OS MESES DE ABRIL E MAIO OS CAMINHOS DE FERRO TÊM O PRAZER DE LHE OFERECER O ALMOÇO DURANTE A VIAGEM

Preços de Lisboa a Madrid para uma viagem de simples ida:

1.ª CLASSE
437\$00

2.ª CLASSE
329\$50

CAMINHOS DE FERRO LEILÃO

Em 14 do corrente e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido retiradas.

Avizamo-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas e que podem ainda retirá-las, pagando à Compa-

Nas estações onde estejam Avizos, os que se apresentarem ao público, pelas referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

J PIMENTA

ANDARES

AMADORA PAÇO D'ARCOS
FRENTE A ESTAÇÃO DO C. P.
REBOLEIRA ESPARGAL
LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SERRA E CARCAM
ESPECIALMENTE
AMADORA, VENDA NOVA E PAÇO D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187\$50 MENSAIS

Garantido no acto de escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZENS E GARAGEM DE RECOLHA
REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios, porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

S.A.R.L.

PROPAGANDA

DE TURISMO

NA REGIÃO DE VISEU

VISEU, 8 — A Comissão Municipal de Turismo, à qual preside o sr. Eduardo Faro, editou uma «plaquette», bem ilustrada, com excelente apresentação de propaganda de lugares turísticos e com textos sugestivos.

Vamos a ver se ao contrário do que sucedeu com a celeberrima propaganda turística do Museu de Grão Vasco e da cidade, há anos editada (reproduções do São Pedro) — alguns daqueles exemplares chegam para serem distribuídos à Imprensa e por outros elementos de propaganda da nossa terra.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

manca nada mais senão conversa.

E a verdade é que sobre a situação do rúgbi; sobre os problemas da selecção; sobre o génio mau do profissionalismo em futebol, muito poderia ser dito. Fernando Pires, o entrevistador, foge sistematicamente aos problemas. Tem medo. Não gosta de fazer ondas. Quando o vejo ao longe, flico logo a saber que vamos navegar sempre com a terra à vista. E numa entrevista nada existe de mais desagradável do que a sensação da falta de aventura.

A sua intervenção sublinhou-se, até, por uma posição demagógica - futebolística - patriótica. Ao contrário da opinião de Juca, Fernando Pires opinava que o resultado contra o México influiu no prestígio do futebol português. Claro que se tratava de um jogo particular, amável, quase (conforme se reparou pela televisão) uma partida entre solteiros e casados, de qualquer forma um jogo lúdico, jogo teste, como quem diz. Nenhuma pretensão. Pois o ex-gente Pires via naquilo perigo para o prestígio do!

Por estas e por outras é que os jogadores ganham neurões, se diminuem, ficam

angustados ao piso da responsabilidade, como se viu pelas declarações de Manuel António. O que seria mero passatempo transforma-se numa tarefa de insustentável importância para o prestígio e mais não sei quantos! Os muitos Pires deste país não doíam. Pois é.

MÁRIO CASTRIM

NOS PALCOS DO MUNDO

■ Na «Teatro Colón» começaram os ensaios da coreografia de «El Sombrero de Tíes Picos», de Falla. A coreografia estará a cargo do bailarino espanhol Angel Pericot e a estreia deste espectáculo está marcada para o dia 17 de Abril.

■ O «Teatro Apolo» está a ser objecto de ampla reforma, tanto no interior como no exterior, estando marcada a inauguração para o Domingo de Pascoa, com Angel de Andries, Alicia Tomas e Mary Francis na estreia da peça «Tíes Mujeres para M», de Fernandez de Sevilla e Tejedor.

Impõe-se o reequipamento das infra-estruturas portuárias
— salienta-se no relatório da Companhia Nacional de Navegação

O relatório da Companhia Nacional de Navegação, agora distribuído, acerca da conjuntura económica mundial, diz que «o ano de 1968 terminou sem que o sistema monetário instaurado em Bretton Woods tenha recuperado a instabilidade que o impôs, com sucesso, por tão longo prazo».

A Libéria manteve, no último ano, a primazia entre as nações marítimas, alargando a distancia que a separa da Grã-Bretanha (em segundo lugar). Seguem-se o Japão, a Noruega, os Estados Unidos e a Rússia (esta com metade da frota da nação anterior). A Libéria e o Japão foram os países que mais se expandiram.

No capítulo das linhas regulares, o relatório salienta que «se nota certo entusiasmo pelos contentores, na África do Sul». Isso poderá originar que, dentro de três a quatro anos, a costa de Moçambi-

que venha a ser servida por grandes unidades portuárias.

Declínio no transporte de passageiros

«Continuou a verificar-se o declínio registado no transporte de passageiros por mar», afirma-se no relatório, que sublinha que, «em contrapartida, expande-se consideravelmente o mercado de cruzeiros e dos ferries para transporte de

passageiros com os seus carros».

Por sua vez, a indústria construtora naval manteve, em quase todo o mundo, um alto nível de actividade, encontrando-se em franca recuperação os estaleiros britânicos. Os alemães, por outro lado, receberam poucas encomendas.

Desenham-se depois as perspectivas para o corrente ano, as quais têm em conta a competição dos

transportes aéreos, em apreciável expansão.

O progresso da frota nacional

A frota mercante nacional acusou, em 1968, um «relativo progresso», cuja principal base foram as ligações com as Ilhas e o Ultramar. No entanto, o congestionamento quase crónico de uma boa parte dos portos ultramarinos e baixos rendimentos portuários foram elementos adversos.

O relatório acrescenta que «se o reequipamento e a configuração das infra-estruturas portuárias não forem encarados com a urgência que o caso requer e se a mão-de-obra portuária não adoptar atitude mais cooperadora, todos os investimentos dos armadores, quer na racionalização das unidades existentes, quer em equipamento moderno, serão inoportunos e estarão condenados a um fracasso total».

Sobre a actividade da Companhia, salienta-se o facto de se ter acelerado a rotação de numerosos navios. O tráfego de passageiros acusou uma ligeira variação para menos, na volta do Ultramar, em especial de Angola.

Na linha do Oriente, a C. N. N. continua a operar em condições deficitárias, tendo sido solicitado superiormente que os «deficits» acumulados sejam cobertos pelo Estado.

A actividade no domínio dos fretamentos ao Estado (viagens para o Ultramar) foi mais intensa que no ano anterior.

No capítulo de produtividade, ascendeu a 379 328 contos o valor acrescentado bruto ao custo dos factores, o que representa um acréscimo de cinco por cento em relação ao ano respondente foi de 146 contos, ou mais 28 por cento que em 1967.

O saldo da conta de ganhos e perdas foi de 65 172 711\$38.

Sovado por um colega quando cavavam uma vinha

LEIRIA, 8 — Estendido num leito do hospital, o António Augusto Pereira, de 35 anos, casado, trabalhador rural, residente no lugar de Lavramento (Porto de Mós) lamentava a sua sorte. Foi para ali levado, nem ele sabe como, com a fronte, o rosto e os olhos crivados de hematomas que no seu todo se assemelhavam a um opulento repolho. Se o estado do homem fosse originado por qualquer acidente involuntário no trabalho, como tantos outros, não mereceria a pena registá-lo, pois passaria despercebido no registo rotineiro do banco hospitalar onde foi tratado.

O seu caso, porém, parecia digno de menção especial, se atendermos às razões que o motivaram. Uma rixa com um colega de trabalho, quando se entregavam com outros homens à cava de uma vinha, propriedade do sr. João Luzio, daquela localidade, já um tanto sob a acção do álcool, pois não podem prescindir de uns copos, tratando-se de tão pesado mister, foi a causa de tudo aquilo.

Já refeito da exaltação por que passara, ele próprio conta o seu caso, a sua desventura, as dores que sentiu... E, no fundo, quedamo-nos em congeminações, perante tão estranha razão para levar um homem ao hospital a receber a cura de um mal provocado por tão absurda origem. Ele ali estava, contrafeito com a cara inchadíssima, a pedir que o deixassem seguir na primeira camioneta da carreira para casa, alegando que não tinha nada... De permissão, amaldiçoava o mau génio do António, o «Arrebita», o colega de trabalho, que ali aparecera, oriundo da Abrunhosa e o pusera naquele estado à força de socos e «directos», só por que tivera o triste desabafo, enquanto arroteava o barrento terreno dizendo que cavava mais do que ele...

Os brios de cada um reagiram à sua maneira e, incitados pelos companheiros, engalfinharam-se de tal modo que só o aparecimento do sangue saciou o prazer dos comparsas... — M. J. P.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

AMÊNDOAS
damos nós...

Máquinas de lavar 5kg	4.690,
(oferta da montagem)	
Televisores UHF- 59cm.	4.990,
(com cx. madeira)	
Esquentadores distrib.	1.190,
Frigoríficos 140 lts	2.050,
" 175 lts	2.590,
" 215 lts	3.080,
QUANTIDADE LIMITADA	

ASTROTECNICA
AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 59 b Tels.
RUA DOS ANJOS, 71 b (Ld de Sts Bárbara) 568 834
568 997
561 531

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Um Sporting «operário» convenceu Paris

ONTEM: VITÓRIA SOBRE O RED STAR (1-0)

Todos sabem que a nossa equipa não está bem. Mas com este calor, até mau para nós e perante esta equipa que foi surpresa pelo valor e capacidade.

Demonstrados, temos de estar satisfeitos com o resultado e a exibição.

Disse-nos isto, Armando Ferreira no final do encontro. Equilíbrio e verdade numa apreciação clara e honesta. Que traduz o jogo, que o define, que lhe dá o recorte oferecido pelos 90 minutos. Uma partida dominada por diversos factores: calor sufocante de Verão, desejo de apagar a marca dolorosa deixada pelo Benfica, vontade de conquistar público na estrela em Paris, não quer desiludir milhares de portugueses que, como sempre, não faltaram. E o que é facto é que o Sporting alcançou, em certa medida, o objectivo (difícil).

Porta arrombada...

Saint Quen é para Paris assim como a nossa Alges é para Lisboa. Não se chega a perceber se ainda é cidade ou se já está a tomar o arzinho diferente de subúrbio. Pois foi aí, num pequeno e aconchegado estádio municipal que — «residência» do Red Star — o Sporting, ontem à tarde, fez a sua estreia parisiense. A festa de Bernard, 21 vezes guardião internacional que há duas épocas representa o clube parisiense, foi o motivo. E como não podia deixar de ser, a colónia portuguesa foi «mobilizada». Para o jogo (os do Benfica, do Porto, do Belenenses, de Guimarães, todos lá estiveram para ver os compatriotas). Aplaudiram, vibraram, chegaram a arrombar o portão de um dos topos quando os bilhetes se esgotaram e começava a tomar o aspecto de impossibilidade a entrada no rectângulo. O pormenor da porta arrombada só surge para se ter uma ideia de como o Sporting era ansiosamente aguardado.

«Vite, vite, vite...»

Com Mekloufi (uma lenda do futebol francês, talvez o seu mais expressivo jogador depois de Ben Barek) e Jean Claude Bras (o extremo do Valenciennes que entusiasmou Paris no jogo das «esperanças» com o Real Madrid) o Red Star fez a «partida» de não ajudar as intenções sportinguistas. Em vez de

certas facilidades, um tremendo «osso» muito duro de roer. Valeu o facto de o Sporting ter começado muito bem: rápido, envolvente, a fazer girar a bola e a marcar um golo ainda dentro do segundo minuto de jogo.

O tento, porém, despertou os franceses que se lançaram para o ataque com singular decisão, ganhando o domínio do meio-campo e correndo sempre. De fora vinha a ordem: «vite, vite, vite» e os gaulises faziam a vontade galgando o campo a «cem

E foi assim que o Sporting pôde suportar as tentativas do Red Star e revestir a segunda metade de uma verdadeira noção de igualdade na produção de jogo e nas oportunidades. Tem de se aceitar portanto o êxito do Sporting, porque ele foi obtido por uma equipa que ainda está em fase de recuperação e que o alcançou em casa do adversário. E isto pesa sempre.

A. F.

MARINHO



AS EQUIPAS

RED STAR — Bernard, Mouton, Moy (Garrigues), Monin e Merelle, Richard e Jackie Bernard (Ahache), Farias, Milosovic (Le Donche), Mekloufi e Bras.

SPORTING — Damas, Celestino, Armando, José Carlos e Hildrio, Alexandre Baptista (Gonçalves) e Pedras; Chico, Lourenço (Sitoe), Marinho e José Moraes.

O golo sportinguista foi obtido por MARINHO, aos 2 minutos de jogo.

à hora». O último quarto de hora da primeira parte foi até preocupante para o Sporting, obrigado a grande esforço, aplicação e sacrifício para manter a vantagem do golo. Essa circunstância começava no meio-campo onde os franceses, com dois homens, levavam vantagem sobre três «leões» dos quais só José Moraes, em grande forma, correspondia às exigências. Na 2.ª parte entrou Gonçalves para o lugar de Alexandre Baptista e o Sporting alardeou então mais equilíbrio global e mais penetrante sentido de ataque. Insistiu o Red Star da mesma forma. Mas agora já não tinha tanto espaço no «miolo» do rectângulo e, atrás precisava de maior atenção na cobertura da área.

F. C. Porto, vencedor brilhante do 2.º Torneio Ibérico de Juniores

Girândota final. O 2.º Torneio Ibérico de Juniores, teve o cenário que merecia. O tempo aliou-se à beleza do espectáculo, contribuindo com uma noite amena, sem chuva, nem frio, para que o Estádio das Antas apresentasse uma moldura humana compatível com a categoria dos finalistas e pelo eterno feitiço da saudável rivalidade desportiva luso-espanhola.

Cerca de 10 000 pessoas assistiram à proclamação do vencedor desta esplêndida parada de juventude do futebol peninsular. A receita atingiu cerca de 150 contos, números sem dúvida notáveis e deste modo foi pequeno o prejuízo financeiro, se é que de facto houve prejuízo.

Corunha, 4-Belenenses, 0

Arbitro — João Gomes. **CORUNHA** — Canedo; Vasquez, Barrero, Panchuelo e David; Falin e Collazo; Lopez, Mallo, Vales e Manolo.

BELENENSES: Conde; Santos, Montão, Mateus e Silva; Carlos Alberto e António José; (Camilo aos 59 m.); Serafim, Silveira, Ribeiro e Jaime.

Ao intervalo, 1-0.

MARCADORES — Lopez aos 25 minutos e Vales aos 57, 61 e 78 m.

A equipa corunhesa, mostrou-se mais lúcida, melhor organizada e prática nos primeiros 20 minutos de jogo. Sempre cautelosa, porém. Panchuelo era o libero corunhês. Manolo completava o terceto interme-

diário quando a equipa defendia e o quarteto ofensivo quando atacava. Perfeita, portanto, a estratégia espanhola. Mas passado o vigésimo minuto, o Belenenses começou a espralar-se por todo o campo e a incomodar o possante Canedo e seus pares. Carlos Alberto, fulgurante e empreendedor, transformou-se em poderosa alavanca da afolteza belenenses. Essa era a face do jogo, quando a defesa lisboeta depois de roubar a bola ao seu guardião, deixou-se espolar por Lopez, que colheu um ressalto e atirou o couro para as malhas vazias. Tudo fez a turma azul, ontem de branco, para dar mais verdade ao resultado do primeiro tempo e só não o conseguiu por manifesta pouca sorte. Deve-se-lhe, apesar de tudo, o mérito de ter metido em verdadeiros apuros, o «gigante» Canedo, o maior guardião do torneio, em estatura e talvez em classe. Veleo o segundo tempo e com ele, chegou a breve trecho, o rotundo fracasso belenense, com o seu quê de espec-

O ADVERSÁRIO É O GRÉMIO

O BENFICA JOGA HOJE EM PORTO ALEGRE (BRASIL)

PORTO ALEGRE, (Rio Grande do Sul), 8 — (A. N. I.) — O Benfica vai disputar hoje o seu segundo e último encontro desta visita a Porto Alegre, nas festas comemorativas da inauguração do Estádio Beira-Rio. Desta vez defronta o Grémio.

Otto Glória declarou aos jornalistas que a equipa poderá agora mostrar melhor o que vale, já recuperada da longa viagem e mais ambientada. E teve esta definição curiosa do futebol português: uma mistura da objectividade dos húngaros com o malabarismo dos brasileiros...

tacular, por inesperado. Os corunhenses pressentindo a fadiga adversária, incrustaram no ataque Vales, um moço chelo de categoria, que sabe como deve organizar a sua equipa e desorganizar os adversários. Ele passou pelo meio da defesa belenense como nabo nas suas sete quintas. Fez três golos, e fez «gambeito». O arbitro, que é da 1.ª Divisão, parecia um sujeito que estivesse ali a «fazer um biscate». Muito teatro e nenhuma personalidade.

F. C. Porto, 1-Bétis, 1

Arbitro — Caetano Nogueira.

F. C. DO PORTO — Pinto; Bartolo, Tomás, Zeca Ribeiro e Eurico Paulo; Monteiro (Duarte aos 72 m.) e Vitor Silva; Paulo Nogueira (Soeiro aos 87 m.), Rui Manuel, Helder Ernesto e Eduardo.

BÉTIS — Currales (Franco aos 59 m.); Rúbio, Portillo (Garrido aos 18 m.), Chico e Vilches; Bigochinho e Pedrito; Molina, Caleiro, Baena e Carlitto.

Ao intervalo, 0-0.

MARCADORES — Carlitto, aos 51 minutos e Paulo Nogueira aos 72 m.

Tirando excelente partido dos ares cascais, a equipa do F. C. do Porto, bem fez por merecer, sobretudo no primeiro tempo, os calorosos incitamentos, que generosamente lhe foram dispensados. Seguros e autoritários na defesa, com realce para o internacional Tomás, «mandões» no meio-campo, onde a maior categoria e experiência de Vitor Silva se combinou perfeitamente com o entusiasmo e vivacidade de Monteiro, e desembaraçados no ataque, não obstante certo pessoalismo de Eduardo e alguma inadaptação de Helder Ernesto aos terrenos da vanguarda, os portistas, ontem envergando de novo e talvez sem motivo o equipamento branco que lhes rouba tradicionalismo, tiveram as redes espanholas sob constante ameaça dos seus ar-

tilheiros, particularmente de Rui Manuel, que remata como um verdadeiro goleador, mas ontem apenas pôde contribuir para um «festival» de Currales...

Dominavam ainda entusiasmaticamente os portugueses, na segunda parte, quando o contra-ataque andaluz, que embora intermitente nunca deixou de estar engatilhado, despejou um balde de água no «onze» portista, com o seu ar de coisa injusta para quem vê o futebol superficialmente, mas sempre esperada e menos surpreendente para quem está habituado a mergulhar numa análise mais profunda das incidências do jogo. Espectataram os portistas. Substituíram o raciocínio pelo coração. Perderam oportunidades, que antes teriam aproveitado. Iam já a caminho da descrença quando o bulhoso Paulo Nogueira se meteu com desembaraço pela retaguarda andaluza, passando a bola com um toque precioso sobre a cabeça de Franco que saíra ao seu encontro. Assim se concretizou uma vitória lusa no torneio.

Um protesto do Belenenses

Invocando irregular aplicação dos preceitos regulamentares do torneio, o Belenenses jogou ontem sob protesto denunciando pela voz do sr. Egídio Vieira, o propósito de enviar uma exposição à F. P. F. Determinava o artigo 7.º do regulamento do 2.º Torneio Ibérico de Juniores, que, em caso de empate em pontos, teria vantagem a equipa com menos cantos sofridos. Desto modo, feitas as contas aos dois jogos realizados pelas equipas do Bétis e do Belenenses, o Bétis, com nove cantos sofridos discutiria o terceiro lugar e o Belenenses com cinco cantos sofridos seria finalista. Todavia, a organização desempatou os clubes pelo golo-average (3-1) para os lisboetas, provocando assim, o desacordo dos belenenses.



Os juniores do F. C. Porto que venceram o 2.º Torneio Ibérico de Juniores

Maior conforto no uso de Dentes postigos

Esta é a maneira agradável de evitar o desconforto de uma placa solta. DENTOFIX, um pé especial que se polvilha nas placas superiores e inferiores, fixa as mesmas firmemente de modo a dar maior conforto. Evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. É silencioso (não ácido). Não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Adquire, hoje mesmo, Dentofix em qualquer farmácia, drogaria ou parafarmácia.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

OS JUNIORES DO SPORTING VENCERAM O TORNEIO DE ROUBAIX

ROUBAIX (França), 8 — (A. N. I.) — A equipa do Sporting Clube de Portugal foi a vencedora do torneio de juniores disputado em Roubaix, pois na «final» derrotou por 1-0 a turma local.

Nas meias-finais, o Sporting conseguiu vencer o Lille por número de «cantos» (já que o marcador não chegou a funcionar) ao passo que o Roubaix derrotara o Lodzianka (Polónia) por 1-1 em golos e 4-0 em «cantos».

A seguir, classificaram-se Lille, Lodz, Torino, Argel, Leeds, Nuremberga, Anderlecht, Reims, St. Etienne e Genebra.

Modo como se estabeleceu esta ordem:

3.º e 4.º lugares — Lille-Lodz, 0-0 (o Lille foi declarado vencedor, pois transformou quatro grandes penalidades, enquanto o adversário só transformou duas. O número de «cantos» no final do jogo era o mesmo para as duas equipas: três).

5.º e 6.º lugares — Torino-Argel, 0-0 (Torino foi o vencedor pelo número de «cantos»: sofreu três e marcou cinco).

7.º e 8.º lugares — Leeds-Nuremberga, 0-0 (o Leeds ganhou o encontro porquanto sofreu somente dois «cantos» contra quatro do adversário).

9.º e 10.º lugares — Anderlecht-Reims, 3-1.

11.º e 12.º lugares — St. Etienne-Genève, 2-1.

Sorteio dos jogos da 2.ª Divisão

Na sede da Associação de Futebol de Lisboa efectuou-se ontem o sorteio dos jogos da fase final do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão.

São os seguintes os jogos a disputar: Vencedor da Zona A-União de Lamas e Sporting-Farense; Atlético-Madriense.

Os desfechos efectuam-se a 20 e 27 deste mês.

Acontecimentos DE ONTEM

Hóquei em patins

Resultados ontem à noite verificando-se a continuação da nona jornada do Torneio de Abertura de Lisboa de hóquei em patins.

SÉRIE A

Parade-Liga de Algués 8-2
P. de Azevedo-Belenenses 5-0
C. Tejo-Azeitonense 2-1
Forman apurados o Belemenses e o Parade.

SÉRIE B

J. Salsolana-C. U. F. 2-2
F. Boifca-Cascais 2-4
Nesta série a C. U. F. e o Oeiras disputam a fase seguinte.

SÉRIE C

Sporting-Sp. de Torres 10-1
Educ. Física-H. Sintra 1-3
O Campo de Ourique e o Sintra continuam em prova.

DE CALCULADORAS A COMPUTADORAS...

BURROUGHS EQUIPAMENTO ELECTRÓNICO

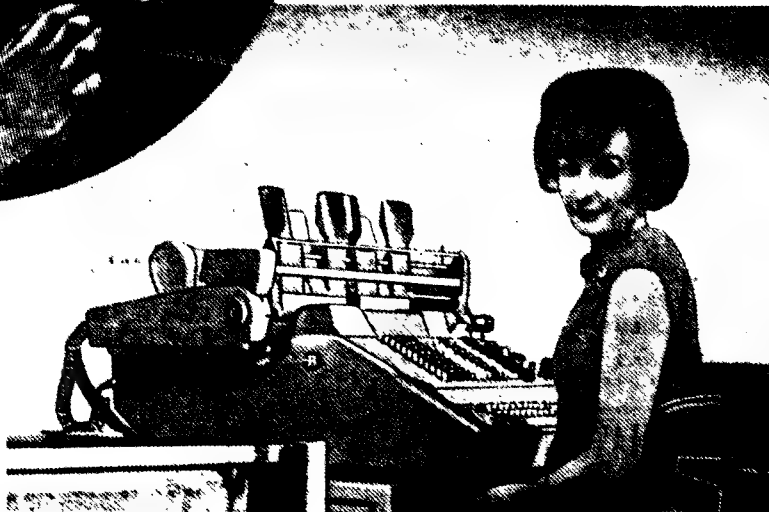
INDISPENSÁVEL
PARA O PROGRESSO DO SEU NEGÓCIO



BURROUGHS C3000
CALCULADORA ELECTRÓNICA
Executa todos os cálculos mais complexos num milésimo de segundo. Completamente silenciosa, leve e portátil.



BURROUGHS E3000
COMPUTADORA ELECTRÓNICA
30 a 100 memórias electrónicas
• Fichas de fitas magnéticas
• Alinhamento automático de documentos • Circuitos transistorizados • Controle simplificado de programação • Leitor selectivo automático de fichas • Perfuração em banda



Consulte o representante da **Burroughs**

ROBINSON, BARDSLEY S.A.R.L.

LISBOA R. S. Sebastião da Pedreira, 122 - Tel. 56 02 60 — PORTO R. do Rosário, 100 - Tel. 22 27 42

XVII SAFARI DA ÁFRICA ORIENTAL

ROBIN HILLYAR (FORD 20 M) E A DATSUN (POR EQUIPAS) PROVÁVEIS VENCEDORES

Terminou ontem em Nairobi o 17.º Safari da África Oriental que começou na passada sexta-feira com a participação de 85 equipas.

A competição, uma das mais duras do mundo, no seu género, compreende 5096 quilómetros pelas picadas da selva africana e, nas primeiras fases foi comandada pelo «Datsun» de Jack Simonian.

Depois a poderosa equipa Ford dominou e o sueco Soderstrom num «Ford 20 M» passou para o primeiro lugar que viria a ceder a outro «Ford», o «Cortina Lotus» de Vic Preston. Soderstrom viria a desistir com o diferencial partido e Preston não concluiu a prova, já perto do fim, em virtude de um acidente.

Também a única equipa feminina Pat Moss Carlsson-Seigle Morris, no «Lancia Fulvia», seria forçada a abandonar, em virtude de

se ter partido o para-brisas do automóvel.

Entretanto foi dada a conhecer a lista provisória dos dez concorrentes melhor classificados, como segue:

1.º, Robin Hillyar (Quénia), em «Ford 20 M»; 2.º, Jogindar Singh (Quénia), em «Volvo 142 S»; 3.º, Jamal Din (Uganda), em «Datsun»; 4.º, Zasada (Polónia), em «Porsche»; 5.º, Michael Armstrong (Quénia), em «Peugeot»; 6.º, Vic Preston (Quénia), em «Ford Cortina»; 7.º, Reuben Randall (Quénia), em «Datsun»;

8.º, John Greenly (Quénia), em «Datsun»; 9.º, Rauno Aaltonen (Finlandia), em «Lancia Fulvia»; 10.º, Nick Nowicki (Quénia), em «Peugeot».

Quanto à classificação por equipas, a «Datsun», que classificou 3 carros nos dez primeiros lugares, e que chegaram ao fim da competição seis dos oito carros que se apresentaram à partida deve ter a posição garantida.

Os resultados definitivos devem ser conhecidos ainda hoje.

TÊNIS DE MESA

Nova derrota portuguesa frente à equipa do Peru

No pavilhão da tapada da Ajuda disputaram-se ontem os encontros entre as equipas de seniores de Portugal e do Peru, quer masculinas, quer femininas.

A jornada de ontem valeu mais do que a da véspera, tendo atraído público mais numeroso e assistido o sr. director geral dos Desportos e o embaixador do Peru, em Portugal. Surpreendeu, no entanto, que os sul-americanos tivessem apresentado os mesmos elementos que, na véspera os haviam representado nos encontros de «esperanças».

A superioridade das jogadoras voltou a ser clara, traduzida num expressivo 5-0, absolutamente certo, porquanto, Gladys Mariyama e Amparo Delgado domina-

ram, francamente, Elena Settinelli, Madalena Gentil (em singulares) e Gilberto Ferreira-Anabela Marques (no par).

Entre equipas masculinas é que foi grato verificar a vitória dos portugueses, por margem clara de 5-2.

A selecção portuguesa apresentou-se constituída por João Campos (2-0), João Rui (3-0) e Miguel Costa (0-2). Indicados entre parentes os resultados feitos por cada um destes jogadores, facilmente se conclui o que foi a sua actuação.

A selecção peruana foi formada por José Viacava (0-2), António Gomez (1-2) e Walter Arruganetti (1-1).

Hoje, à noite, realiza-se o anunciado torneio aberto individual (masculino e feminino).

FUTEBOL INTERNACIONAL ELIMINATÓRIA DO CAMPEONATO DO MUNDO

IX Portugal-Suíça ESTÁDIO DE ALVALADE

Quarta-feira, 16 de Abril de 1969
Às 21.30 horas

PREÇOS DOS BILHETES

LUGARES DE CAMAROTE	80\$00
BANCADA CENTRAL	80\$00
BANCADA LATERAL	60\$00
SUPERIOR	30\$00
GERAL	20\$00

LUGARES CATIVOS

Os sócios do Sporting Clube de Portugal têm prioridade na aquisição dos bilhetes para os seus lugares habituais que estão à venda, na Secretaria do Clube, a partir de 8 do corrente até ao dia 12 às 12 horas.

LOCAIS DE VENDA

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL
Praça Marquês de Pombal, 16-2.º — Das 10 às 13 e das 15 às 18,30 (sábados das 10 às 13 horas)

ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE LISBOA
Travessa da Trindade, 25-3.º

SPORTING CLUBE DE PORTUGAL
Rua do Passadizo, 86

SUCURSAL DE «O SÉCULO»
ROSSIO — Das 9 às 20 horas

TABACARIA DINA — Avenida da República, 8

CARTAZ DOS CINEMAS

OUTROS ESPECTÁCULOS

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 81113
As 15.15, 18.15 e 21.30
Uma verdadeira pandega cinematográfica
A FESTA
com Peter Sellers e Claudine Longet

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 53742
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE SENSACÃO!
Charles Hutton e Maximilian Schell no mais arrebatador espetáculo do ano!

SINFONIA PARA UM INIMIGO
(TECHNICOLOR)
Rigorous exclusivo de época
METRO: Estação Picos

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 21.15
O FILME DOS 10 OSCARES E TUDO O VENTO LEVOU

70 mm — Metrocolor
c/ Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland

Atenção: o filme projecta-se 10 minutos após o início da sessão

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 336223
HOJE: 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30

2.ª SEMANA DE GARGALHADA
com Sylvia Koscina e Robert Hirsch
A VIOVA SOLTEIRA
(Scope-Col.)

O documentário de grande oportunidade: «Eisenhower — O Cidadão do Mundo»

RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 616375
As 21.30 h
MILLIE — RAPARIGA MODERNA

com Julie Andrews
TECHNICOLOR

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
MATAR PARA NÃO MORRER
A GRANDE AVENTURA DE MARCO POLO

EDEN

(Adultos) Tel. 236708
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Uma comédia maliciosa e picante!
David Niven e Leta Strogan

A MINHA FILHA É UM PROBLEMA
Scope-Color

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
As 15.30 e 18.30 e 21.45

3.ª SEMANA
O filme que deu significado à palavra «cruspes»
AS DIABÓLICAS
A obra-prima de E. G. Clouzot

com Simone Signoret, Paul Meurisse, Vera Clouzot e Charles Vanel

EUROPA

(M. 6 anos) Tel. 661018
As 15.15 e 21.30

EASTMANCOLOR
FLINTSTONE

O AGENTE 777 1/2
Um filme de desenhos animados, colorido, de grande metragem, com os heróis da televisão.

CONDES

Telef. 225223-226710
As 15.15 e 21.15 (Adultos)

70 mm — Metrocolor
E TUDO O VENTO LEVOU
c/ Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland

O filme começa a ser exibido 10 minutos depois do início das sessões

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
Invencível! Invulnerável!
ARGOMAN SUPERDIABÓLICO

Technicolor — Techniscope
com Roger Brown e Dominique Boschero

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 280729
As 17 e 21.30

MORTO OU VIVO
com Frank Sinatra e Raquel Welch

MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 553131
As 15.00 e 21.30
3.ª SEMANA
FUNNY GIRL
Uma rapariga endiabrada com Barbra Streisand e Omar Sharif

QUINZENA CINEMA MODERNO
Amanhã — Adultos — 18.30 h.

O ÚLTIMO ANO EM MARIENBAD, de Alain Resnais, com Delphine Seyrig, Giorgio Albertazzi, etc.

Dia 11: ACIDENTE (Adultos)

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595
As 8 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite

Em 3.ª SEMANA
CHITTY, CHITTY, BANG BANG
com Dick Van Dyke e Sally Ann Howes

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 226305
HOJE: 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30

SENSACIONAL ÉXITO com MARLON BRANDO
• ANJINETTE COMER
UM HOMEM SEM MEDO

Um filme de violência, paixão, ternura, amor e crueldade (Technicolor)

SÃO LUIZ

(M. 17 anos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30

Um filme empolgante
UM HOMEM EM LEILÃO
com Robert Wagner e Jill St John

ALVALADE

(M. 17 anos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45

Um filme empolgante
UM HOMEM EM LEILÃO
com Robert Wagner e Jill St John
As 18.30 — WALT DISNEY (Crianças)

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917
As 21 horas

A NOIVA ESTAVA DE LUTO ASSIM MORREM OS BRAVOS

IMPERIL

(M. 12 anos) Tel. 553134
A maior produção cinematográfica do mundo!
3.ª SEMANA
AUSTERLITZ

1.º episódio de «GUERRA E PAZ»
70 mm — Moscolor

Realiz. de Sergei Bondarchuk segundo a obra de Leo Tolstoy

Horário das sessões:

Sessão Filme
15.00 18.15
21.30 21.45

ESTUDIO

(M. 12 anos) Tel. 48568
As 15.30, 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA
Technicolor — Techniscope
CHARLY

Um filme de Ralph Nelson com Cliff Robertson e Claire Bloom

LIDO

Praça D. João I — Amadora
(M. 17 anos) Tel. 937593
As 21.30 h.

Um filme de suspense passado no mundo elegante do crime

QUEDA MORTAL
com Michael Caine e Giovanna Ralli

LIZ

(Adultos) Tel. 48568
As 21 horas

O GRANDE MESITRE DO CRIME
UMA AVENTURA EM JUNHO

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno F

AJUDA — Lúcia Almeida, Colégio da Anjo, 10 (6373 8)
ALCANTARA — Proibido, R. Alcantara, 5-A-B (638589)
ALFAMA — Anunciada, R. do Vigário, 4 (866360)
ANJOS — Guerra, R. Andrade, 32-36 (8455 3)
AREIRO — Central de Areiro, Av. Paris, 2 e 2-A (720820) e Belo, Avenida de Roma, 53-A (7763 4)
ALTO DO PINA — Essil, R. Barão de Sabrosa, 04 (84 9 2)
ALVALADE — Alentejo, Av. Igreja, 28-B (712682) e Relíquia Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (765262) e Estados Unidos, Av. Estados Unidos do América, 6-B (725859)
ARROIOS — Alentejo, Av. Alameda, 45-B-C (50487)
AVENIDA DA LIBERDADE — G. M. L., R. das Pretas, 2-14 (322588)
AVENIDAS NOVAS — Cardeto, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B-C (77229 1) e Saldanha, Av. Praia da Vitória, 52-56 (43938) e Letina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (42312)
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Acença, R. 27, n.º 4 (7312 6)
BAIXA — Internacional, R. do Ouro, 228 (322017-30203)
BELÉM — R. Teófilo, R. Duarte Pacheco Pereira, 1-C (Padroaria) (61074 1)
BENFICA — Marques, Est. de Benfca, 648 (700096) e Vite Est. Benfca, 373-5 (780548) e São João — Estrada da Luz 24-A (Tel. 780548)
CAMPO DE OURIQUE — Almeida, R. Silva Carvalho, 36 (631726) e Condestável, R. Coelho do Rocha, 9 (666206)
CAMPOLIDE — Imperial, R. General Taborda, 28 (68093 1) e R. Santa, R. do Alto do Carvalhoso, 5-A, 5-B (65172 1)
CAMPO GRANDE — Santa Maria, Avenida 5 de Outubro 283-A (7630 6)
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paula Jorge — Galinheiro (780979)
COMDE DE REDONDO — Contemporânea, R. Conde de Redondo, 26-30 (45048)
ESTRELA — Azeite, R. C. C. da Estrela, 39 (66 758 1)
GRACA — Progressiva, R. de St. Maria, 8 (863619) e Alves de Carvalho, R. do Vale do Santo António, 7-9 (840 25)
JANELAS VERDES — Infante Santo, R. Oval, 290 (66 003)
LUMIA — Infante Santo, R. Lumiar, 22-24 (90332)
MARQUES DE POMBAL — Vieira

TEATROS

CAPITÓLIO — As 21 e 45: «Tango» (17 anos).
GIL VICENTE — As 21 e 45: «Mário Soares» (17 anos).
TRINDADE — As 21 e 45: «A espera de Godot» (17 anos).
A B C — As 20 e 45 e às 23: «Eles é que sabem» (17 anos).

CINEMAS

COLISEU — As 21 e 15: «As garças do amor» (6 anos).
CINEARTE — As 21: «O Perseguido» (12 anos).
PARIS — As 21: «Mille, o rapariga moderna» (12 anos).
ROYAL — As 21: «A morte espera em Atenas» (17 anos).
ARCO IRIS — As 21: «As aventuras do Santo» (12 anos).
JARDIM — As 21: «Peter Gun, detective especial» (17 anos).
OLÍMPIA — As 19: «O roubo dos jóias» (17 anos).
SALÃO LISBOA — As 19: «Flint, Agente Secreto» (17 anos).
CINE-ORIENTE — As 21: «A hora de furia» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — As 21: «A fera amansada» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — As 21: «Os cavaleiros do terror» (12 anos).
UNIVERSAL — As 21: «O Reino Budo» (17 anos).
SPORT L BENFICA — As 21: «Os filhos do Leopardo» (12 anos).

Linha de Cascais

ALGAS — STADIUM — As 21 e 30: «No calor da noite» (17 anos).
OIRAS — OIRAS-CINE — As 21: «El Dorado» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «Morto ou vivo» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSE — As 21 e 30: «Diabros de Anjos rebeldes» (12 anos).

Linha de Sintra

ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 15: «Guerras em furia» (12 anos); ACADEMIA — As 21 e 15: «Em ponto de rebuço» (17 anos).

Outra Banda

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «O cinto da castidade» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21: «Os canhões de Navarone» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Os bolos verdes» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «Epitáfios e Assaltos» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As 21 e 30: «30 Winchester» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21 e 30: «Adieu amigos» (17 anos).

O «Ballet» DA ÓPERA NACIONAL DE BUCARESTE EM S. CARLOS

Em S. Carlos a Companhia do «Ballet» da Ópera Nacional de Bucareste surpreendeu ontem a numerosa assistência presente com «O Lago dos Cisnes», numa nova versão de Oleg Danowsky. O clássico bailado foi pretexto de um espectáculo de excelente nível, que constituiu prova concluyente, dos progressos verificados neste sector artístico, na Roménia. Todos os elementos da companhia demonstram uma larga experiência e exibem uma técnica sem a qual não é possível corresponder às exigências de um repertório de alta qualidade, como é o seu.

Esta noite repete-se «O Lago dos Cisnes», que o público de Lisboa não deverá deixar de ver, pela invulgar qualidade de que se reveste o espectáculo.

BOM APETITE

XANGAI

Av. Duque de Loulé, 20-B
Tel. 373 78
(franco)
• Embaixada Americana
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA YO LYN
• e outros pratos
CHAO CHAO

FREQUENTE

O CONVÊS

Av. Fontes Pereira de Melo, 45
Tel. 51232-51368
RESTAURANTE
SNACK e
PASTELARIA
E TODAS AS NOITES
PARA M/ 17 ANOS
VA AO

PORÃO DA NAU

AMBIENTE FAMILIAR
PRESENTES
OS ROCK'S com
EDUARDO NASCIMENTO
Tel. 50529-5150

MINABELA

Restaurante
Churrasqueira
Pastelaria
Diariamente
várias especialidades
AMADORA — Tel. 938181/2
QUELUZ — Tel. 951611

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ

NO (POSTO SHELL) EM
AZEITÃO
ESTRADA - Lisboa - Setúbal
Tel. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA
ALMOÇO, TOMAR CHÁ
E JANTAR

MONTE ALTO

Rua Filipe Folque, 10-B-C-D
Tel. 51005
TODOS OS DIAS PRATOS
VARIADOS
SERVEN-SE MANQUETES
LANCHES DE CASAMENTO

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144
Tel. 790211

JANTARES

DANÇANTES

com o conjunto privativo
Aos Sábados e Domingos
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para
automóveis

VIRIATO

RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA
PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 53-57
(Aberto até às 2h)
Telef. 53 07 58

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361358
• Companhia Resúndas, 537011
• Gasdita 538821 • Gasdita dom e feriados 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 822222 • Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 • Segurança Pública, 366141 • Judiciária, 535380 • Marítima, 326436 • Internacional, 362721 • Viagem e Trânsito, 42205 • G. N. R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 • Enfermagem permanente, 766161 • Enfermagem de urgência, 43738 • Hospital de Santa Maria, 775171 • Hospital de S. José, 860131 • Sangue, oxigénio e soro, 771168 • 771169 • Transfusões, soro e oxigénio, 538524 • Centro de Intecções (Informativa), 767777, 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 • Caminhos de ferro (C. P.), 869029 • Caminhos de ferro (Estoril), 861121 • Estação Fluvial (T. Paço), 325345 • Estação Marítima de Alcantara, 663195 • Estação Marítima de Rocha, 672445 • Estação Fluvial (Belém), 638531

APÓS AS REFECÇÕES CHAVE D'OUTRO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa



Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2/3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

DEMITIU-SE O DIRECTOR DA CENSURA CHECA

PRAGA, 8. — (R.) — Josef Vochout, chefe dos serviços de censura da

Checoslováquia, apresentou a sua demissão, segundo anuncia hoje a agência Ceteke.

Vochout, que assumiu a chefia dos serviços de imprensa e informação do Governo quando a censura foi imposta, após a intervenção de Agosto, será substituído por Josef Havlin.

A demissão de Vochout segue-se à intensificação

das medidas repressivas ordenadas pelo Governo na semana passada, incluindo a censura prévia à imprensa.

Fontes bem informadas dizem que Vochout se opunha a determinados aspectos das novas restrições feitas aos jornais.

A agência Ceteke disse que Vochout já tinha pedido por diversas vezes a sua demissão a qual só foi aceite no dia 4 de Abril.

CENSURADO O «ISTY»

PRAGA, 8. — (F. P.) — O semanário «Isty», órgão da União dos Escritores Checoslovacos, foi completamente censurado pelo que não sairá amanhã.

Por enquanto, não se sabe se o jornal será proibido com carácter definitivo ou se ele próprio cessará a publicação.

CARIDADE DE LADRÃO

HOUSTON (Texas), 8. — (A. N. I.) — Arthur Howard entrou num pequeno restaurante de Houston e ordenou a empregada, sob a ameaça de uma arma, que lhe entregasse todo o dinheiro que tinha na caixa.

Mas Mary Franklin contou-lhe uma triste história: «Já tinha sido roubada e não tinha dinheiro, nem sequer o seu, que também se foi». Howard ficou tão comovido com a história que até lhe ofereceu uns dólares.

Entretanto, a cozinheira tinha saído pela porta das traseiras e chamara a Polícia, que deteve o «caridoso ladrão», acusado de tentativa de roubo à mão armada.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

Em Portugal continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Lisboa, 17,2; mínima: Penhas da Saudade, -0,5.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 9°; Faro, 13°; Funchal, 15°; Lisboa, 12°; Penhas Douradas, 2°; Portalegre, 9°; Porto, 8°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera 10,5; na água do mar: 3,8.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado. Vento fraco ou moderado do norte. Agulheiros fracos, diminuição de frequência. Possibilidade de nevoeiro durante a madrugada. A partir da noite de hoje, vento fraco e diminuição de nebulosidade nas regiões do Sul.

Amãhã
Nascer às 7 e 10
Osser às 20 e 7



De 9 De 16 De 24 De 2

MARÉS:
PRELA-MAR: Dia 8 — 8 e 08 (3,4 m); Dia 9 — 9 e 22 (3,2 m); Dia 10 — 10 e 52 (3,3 m); Dia 11 — 11 e 55 (3,4 m); Dia 12 — 12 e 58 (3,5 m); DIA-XA-MAR: Dia 8 — 1 e 30 (1,3 m); Dia 9 — 2 e 32 (1,5 m); Dia 10 — 3 e 34 (1,7 m); Dia 11 — 4 e 36 (1,9 m); Dia 12 — 5 e 38 (2,1 m).

ACIDENTES VÁRIOS

Deram entrada na sala de observações do Hospital de S. José: Carlos Alberto Ferreira, 48 anos, barbeiro, morador na Rua Engenheiro Maciel Chaves, 9, 3.º, d.º com contusões pelo corpo, devido ao automóvel que conduzia se ter despedido em S. Romão de Seix, terra da sua naturalidade; José dos Santos de 8 anos residente em Briviel, Alentejo, atropelado por um automóvel próximo da sua residência, sofrendo grave ferimento na cabeça; Vítor Manuel Duarte Brito, 20 anos, empregado de escritório e morador na Rua do Arrabalde, no Cartaxo, com ferimentos devido a queda com a motoneta que conduzia, naquela vila; António dos Santos, 62 anos, jornalista, residente na Baixa da Banheira, com contusões, por ter caído da bicicleta que conduzia, no Barreiro; e Joaquim Fontainhas, 75 anos, proprietário, residente em Rosil-Aljezur, com contusões, devido a ter sido colhido por um automóvel naquela vila.

Está em curso a modificação do sistema político paquistanês

CARACHI, 8. — (A. N. I.) — O presidente Yahya Khan tomou as primeiras medidas tendentes a eliminar a «democracia básica» do antigo presidente Moamede Ayub Khan, anuncia a Rádio Carachi.

As autoridades encarregadas de aplicar a lei

marcial no Paquistão Oriental ordenaram já um inquérito aos «democratas básicos», chefes que exerceram o Governo local e elegiam o presidente, no tempo de Ayub Khan.

Serão substituídos sem demora todos os «democratas básicos» — sublinha-se no comunicado hoje difundido.

«As democracias básicas» serão mantidas, para não criar lacunas no sistema de Governo local, mas apenas a título provisório — conclui-se.

O presidente Yahya Khan continuará, entretanto, a exercer as funções de comandante-chefe das Forças Armadas, até 18 de Setembro de 1970, anuncia-se numa nota distribuída pelo Ministério da Defesa, com a data de 25 de Março, dia em que resignou o antigo presidente Ayub Khan.

Curso Jurídico de 1954-1959

COIMBRA, 8. — O Curso Jurídico de 1954-1959 vai reunir-se no próximo mês de Maio, com o seguinte programa, dia 11 almoço de confraternização na Figueira da Foz; 12, cumprimentos ao reitor e director da Faculdade de Direito; 13, participação no cortejo da Quilina das Filas e banquete.

As adesões podem ser enviadas ao sr. dr. António Duarte Arnaut, advogado em Análio.

V RALLYE ÀS ANTAS

Confirmada esta tarde a desclassificação de Francisco Santos

O V «Italiye» às Antas que o Futebol Clube do Porto levou a efeito na noite de 29 para 30 de Março último teve esta tarde o seu epílogo.

Na verificação técnica a que foram submetidos o carro de Sarmiento Rebelo vencedor do Grupo 1 (Turismo de Série), e o de Francisco Santos foram constatadas irregularidades mecânicas que levaram à desclassificação deste último em cujo automóvel e contra a respectiva regulamentação foram notados pela respectiva Comissão Técnica de Verificação a falta do filtro de ar, o volante do motor aligeirado e menos uma espira nas molas dianteiras.

O carro de Sarmiento Re-

belo foi considerado correcto sob o ponto de vista regulamentar e confirma-se portanto a sua posição de vencedor do Grupo de Automóveis de Turismo de série. O caso de Francisco Santos foi apreciado esta tarde na reunião da Comissão Desportiva Nacional que confirmou os pareceres da Comissão Técnica de Verificação e da Comissão Desportiva Regional, do Porto, quanto à desclassificação do concorrente em causa por falta de conformidade nas especificações do automóvel face aos modelos de série.

Assim, com Francisco Santos desclassificado, as classificações do «Grupo 1» ficam: Sarmiento Rebelo (vencedor) seguido respectivamente de «Xanatos», Ant. Pile, eng.º Alberto Aragão, Rui Freitas, dr. Hermínio Martins e Correia Pinto.

Dado que Francisco Santos era o 8.º da classificação geral da prova, a partir da 9.ª posição, todos os concorrentes sobem um lugar. A Comissão Desportiva Nacional, no entanto, não aplicou

qualquer sanções disciplinares ao concorrente desclassificado.



DESASTRE NO TRABALHO

ILHAVO, 8. — Na Cule da Vila (Gafanha da Nazaré), trabalhava com um motor, numa oficina, o operário sr. José Alves de Sousa, de 24 anos, casado, natural de Santa Marinha (Vila Nova de Gaia) e residente no lugar de Sanidade. Inesperadamente, foi apanhado pelo motor, que lhe causou ferimentos de gravidade. O pobre homem, que recolheu ao Hospital Sub-regional, apresentava ferimentos na cabeça, com suspeita de fractura do crânio e graves contusões pelo corpo.

Conselho Regional da Casa de Trás-os-Montes

O conselho regional da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, reeleito por aclamação, em assembleia-geral no dia 30 de Março findo, reúne-se amanhã, às 21 e 30, na sede da sua casa regional.

DESLUSTRAGEM A SECO

Com o objectivo de reduzir os custos de produção e de melhorar a qualidade do produto, a ATLAS COPCO, a maior organização mundial de ar comprimido, reuniu na última semana de Março, na sua Sede, em Estocolmo, os directores de mais de trinta países e de administradores das subsidiárias.

REUNIÃO DOS DIRECTORES ATLAS COPCO

A ATLAS COPCO, a maior organização mundial de ar comprimido, reuniu na última semana de Março, na sua Sede, em Estocolmo, os directores de mais de trinta países e de administradores das subsidiárias.

Na foto, tirada durante a conferência, vemos ao lado do director da Atlas Copco de Portugal, Sr. Göran Lundborg, lado a lado com o Sr. Kurt-Alan Heineke e Sr. Erik Johansson, respectivamente.

HÁ ÁGUA NO SINAI

JERUSALÉM, 8. — (R.) — Vastas reservas de água encontram-se por explorar no subsolo do deserto do Sinai há milhares de anos e o seu aproveitamento poderá permitir a fixação de colonos em larga escala, segundo afirmam cientistas israelitas.

Segundo afirmou o geólogo Joseph Mart numa conferência realizada na Universidade Hebraica desta cidade, essas reservas totalizam 100 mil milhões de metros cúbicos e em cada ano aumentam em um milhão de metros cúbicos.

Essas correntes de água subterrâneas, a s. s. sinaladas no Sinai contém uma percentagem de salinidade nove vezes inferior à que se encontra na região de Eliah.

Por outro lado, os técnicos israelitas já provaram no seu próprio território que a agricultura pode prosperar com água muito mais salgada do que aquela que se encontra no Sinai, uma vez que a água é tratada antes de ser usada para a irrigação.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

CIGANOS

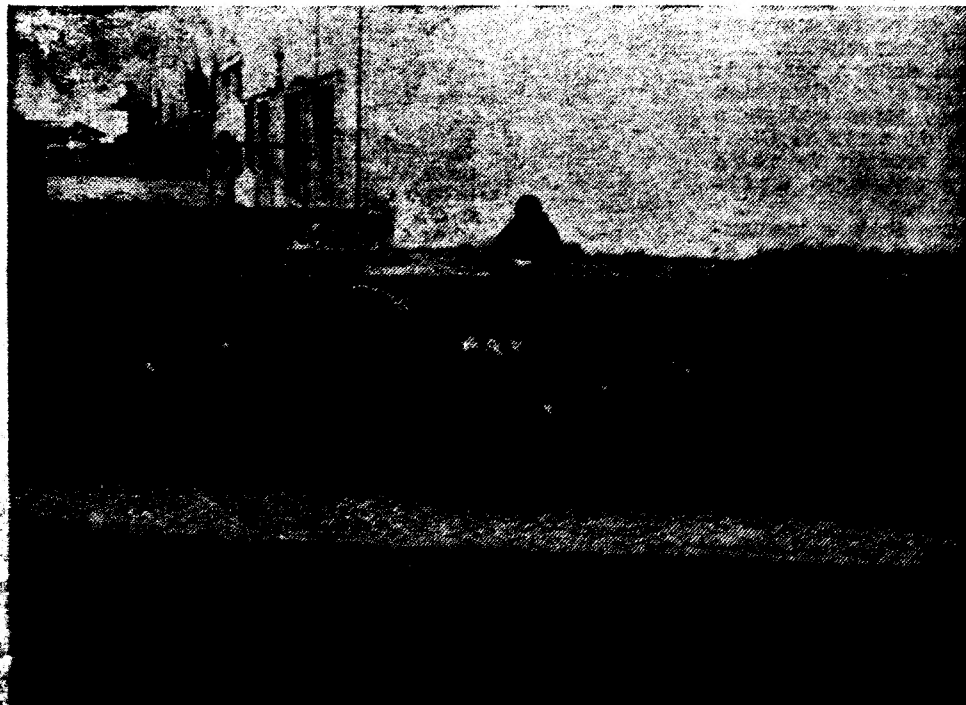
Por JOSÉ AGOSTINHO BAPTISTA

Não se sabe donde vêm não se sabe para onde vão mas sabe-se que batem à porta com malas nas mãos e seu rosto é escuro como o bronze e sua voz é própria como um sotaque que desperta curiosidade mas sabe-se que sim que andam de porta em porta de terra em terra de país em país e sabe-se que habitam na pobreza de qualquer bairro perdido na cidade onde as mulheres vestem roupas a roçar o chão e essas mulheres revelam-se em olhos grandes grandes negros negros que parecem falar a cada momento porque brilham muito e muito enquanto a volta crianças dizem do frio mas os pais esses andam sempre aí, fora andam distribuindo sorrisos e palavras importantes até que às vezes sempre vendem qualquer coisa que para pouco dá e no entan-

to ei-los que em certas noites se reúnem em grupos à procura de alegria e então bebem e bebem e tocam e tocam e cantam ao mesmo tempo que as mulheres dançam e dançam e as crianças gritam e lutam como até os mais velhos o fazem descobrindo afiadas navalhas que cintilam na noite breves alistras cortantes e logo gritos impotentes rasgam a noite vindos da aflição das mulheres que pedem paz que pedem tréguas tréguas que acabam por surgir e a noite prossegue e a festa continua com as vozes já roucas mas cantando sempre cantando a nostalgia de qualquer região sem nome porque não se sabe donde vêm sim apenas onde estão porém nem sequer onde estarão pois amanhã ou depois um dia enfim ei-los que partem e talvez não

mais voltem mas outros virão porque essa raça grupo ou homens simplesmente transportam uma memória falsa desde que em tempos remotos começaram atravessando montanhas pradarias ou rios e para eles nunca havia uma palavra nem ao menos um aviso quando eram descobertos mas só uma bala que podia ser certeza ou não que importava isso dizia o guarda com um sorriso que importava isso eram ciganos e até cuspiam no chão e por isso talvez ainda desses tempos seja bom falar pois havia as noites em que escondidos pelo escuro das serras pelo recanto de cada monte na margem de um rio esperavam a ocasião em que poderiam atravessar a fronteira atravessá-la sem o estampido de um tiro perseguindo as costas sem a blasfêmia de quem não

lhes conseguindo deitar a mão os via desaparecer no horizonte curvados sobre um cavalo saldo da noite um cavalo que depois era um ponto negro que se perdia e um cavaleiro que era uma existência continuando por além na vida e talvez ainda importe lembrar o nome secreto e o apego de uma terra que trazem no fundo dos olhos e de si mesmos porque quando olham além além perpassa no seu olhar uma sombra de saudade que até pode ser o apelo de um país de um nome de uma proximidade com os outros homens de tudo isso que nunca tiveram e por isso aí vão de terra em terra de sonho em sonho vão por aí fora sem que se saiba donde vêm sem que se diga para onde vão mas vão ao sabor de um vento capaz de melhores promessas que quase nunca se cumprirão.



ALFAMA

Por
FERNANDO MANUEL
FARELO LOPES

O ESCRITÓRIO

Por ANTÓNIO MADEIRA

Novas horas. A partir de agora, o relógio de ponto só está à disposição dos atrasados que, de espuma na boca, se desfazem em mil desculpas diante do chefe.

O sr. Maia, chefe de secção, é pessoa que não tolera atrasos. Por isso, quando alguém chega atrasado, de cabeça baixa, olhos nos papéis, mostra-se irado. Pois, só assim poderá manter uma personalidade de que há tanto tempo é possuidor.

O pessoal está todo a trabalhar. O sr. Maia, dá uma vista de olhos (demorada), pelo jornal. O Silva faz o mesmo. O Silva, empregado exemplar, no dizer da administração, todas as manhãs vai à casa de banho ler o jornal desportivo. Ele e o sr. Maia são grandes amigos (até almoçam juntos).

Quando se ouvem vozes na secção, o sr. Maia levanta a cabeça e, todos se calam. Eles sabem, que a administração tem conhecimento de tudo o que se passa.

Começa a haver grande movimento. O Bento corre

de um lado para o outro. O Bento, continue, era cavador na Beira Baixa. Arranjou esta profissão após dias e dias de longas caminhadas. Até que, acabou por encontrar o emprego ideal. Hoje, é considerado o melhor continuo da firma. O seu trabalho é fazer a limpeza dos móveis, abrir portas, sorrir, fazer vénias, fazer recados e, principalmente, ter os timpanos bem abertos, a fim de poder elucidar a administração de tudo quanto se passa.

Na correspondência, temos a D. Celeste e a D. Irene.

A D. Irene não mexe uma palha, conforme opinião geral. É preciso não esquecer que ela é sobrinha de um dos directores lá da casa. Nem o sr. Maia se atreve a repreendê-la. A D. Irene, pessoa muito alegre, entra de manhã, quase sempre, cantando uma canção em voga. Sabe várias linguas. Está sempre a dizer que se vai embora. Pensando na velhice, a D. Irene é sócia de uma organização que admite os inválidos do trabalho.

O sr. Jorge, um dos empregados mais antigos, passa o dia a tirar o portamonedas a fim de contar o dinheiro nele existente. Tem por hábito meter, constantemente, o dedo no nariz. Está quase sempre a pensar na reforma, mas, tem de pagar a casa que mandou construir no Algarve. O sr. Mário, rapaz dos seus vinte e poucos anos, mal começa a trabalhar, concentra todo o seu esforço na máquina de escrever. Às vezes lá vai à casa de banho e, frente ao espelho, olha para aquela figura de cabelo em pé, olhos cansados, mãos sujas dos quimiosos, e deseja de se revoltar. Depois, lá se vai encaminhando direito à secretária (e é vê-lo o resto do dia). O Eduardo, rapaz novo, muito sossegado, tem subido na vida com muita facilidade. Quase ninguém gosta dele, visto andar sempre a fazer queixas dos colegas ao chefe. O sr. Maia vê nele o seu sucessor. O Eduardo, todos os dias faz serão, a fim de pagar as prestações do carro que comprou. O sr. Fi-

lipes, encarregado da Tesouraria, é um homem muito reservado. Ele acha que não deve dar conversa aos colegas, pois tem grandes responsabilidades. Durante o dia é vê-lo contando o dinheiro com grande rapidez e agilidade. Há quem diga que ele em casa, dorme com as chaves do cofre debaixo do travesseiro.

O sr. Conde de Oliveira, administrador da firma, é a pessoa mais temida por todos. Quando entra no escritório, os empregados dão o mais que podem (até o sr. Maia começa a escrever lá nuns papéis). Com fatos de bom corte, bom calçado, bons automóveis, o Conde de Oliveira lá está à secretária, vinte minutos por dia, assinando alguns documentos.

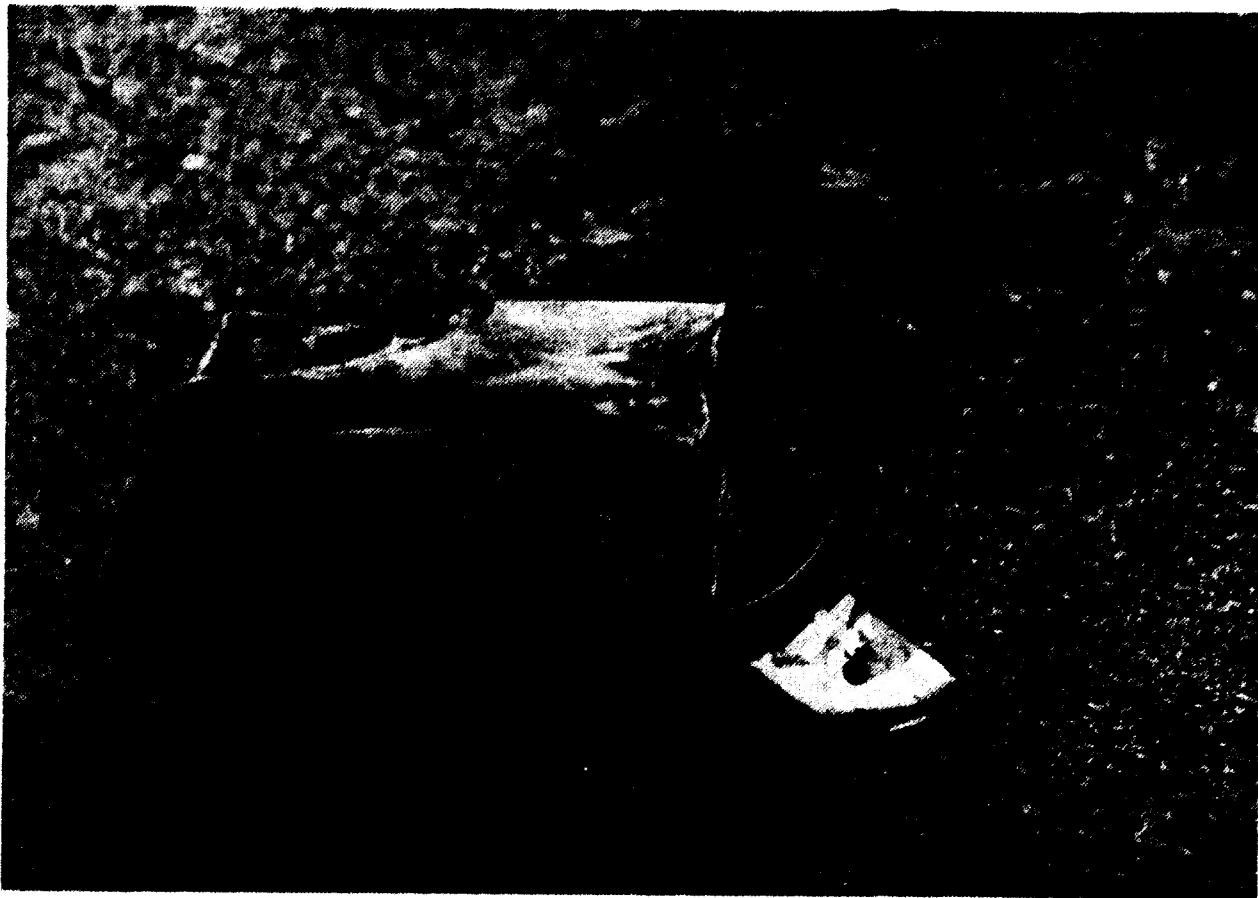
Seis horas. O relógio de ponto regista a última saída. Agora vazio, o escritório ainda possui um ambiente de trabalho. Parece ouvir-se o carimbar, as canetas a chiarem nos impressos, vozes. Pairam ainda as sombras que parecem ficar agarradas aos armários metálicos, escuros.

KOLBERG

Por DINIS CINTRA

«Ich hatt' einen Kameraden
...
Mein guter Kamerad»
Ludwig Uhland

Kolberg é uma cidade.
Tem casas altas e casas baixas e tem uma mulher bonita.
Há hoje três anos que minha história começou num cais abandonado em ruínas também.
Não havia casas não havia barcos não havia homens havia uma única mulher bonita.
«Minha campá há-de ser verde e nunca branca como baptismo porque ainda há dias nasci e não quero sentir a morte».
Disse-me também a mulher bonita que vendia violetas ali mas eu não vi nem casas nem barcos nem homens só uma mulher bonita.
Kolberg é uma cidade porque tem casas e pessoas. Kolberg é uma cidade só por isso. No porto de Kolberg há só uma voz que diz que vende violetas a quem as quiser comprar. Em Kolberg há grande movimento há milhões de pessoas mas ali no cais de Kolberg há só uma mulher bonita.



PEDRO BRANDÃO

PAREDE

A PALAVRA

de Carl Theodor-Dreyer

por...

Carl Dreyer, o consagrado realizador de «A Paixão de Joana D'Arc» chega até nós, com exagerado atraso (catorze anos), no filme «A Palavra».

De salientar, a apresentação do filme sem intervalo, o que vem facilitar a melhor compreensão do mesmo, evitando assim, «fugas» capazes de baralhar tudo aquilo que já se tinha arrumado.

Dreyer, um clássico do cinema, apresenta-nos um filme que se debaterá por muitos anos, juntamente com «A Paixão de Joana D'Arc» (cinema mudo) e «Gertrudes».

O FILME

1) Aspecto técnico:

O filme tem duas partes distintas: a primeira é caracterizada por uma lentidão, que não se coaduna com o movimento acelerado do nosso tempo e, que só damos conta dela no final; a segunda parte, caracteriza-se por um andamento rápido, consequentemente das situações catastróficas que impressionam o espectador. Este, por sua vez, refugia-se, nunca se libertando da tensão de que é portador. No que diz respeito à música, que compõe o cenário recordo as palavras de Heinrich Heine: a música faz vibrar quando a palavra não o consegue.

Em «A Palavra», o fundo musical que marca os diversos tipos de situações em que os personagens es-

tão empenhados, é substituído tanto nas cenas de exterior como em algumas de interior, pelo vento. Vento esse, que consegue penetrar nos nossos corpos, nos momentos mais dramáticos.

Do maior grau de Beleza são certamente os diálogos que, pela forma correcta como estão construídos, fazem com que uma cena que parecia estar a um passo de cair no ridículo, se fixe em terreno firme, chicoteando uma vez mais o espectador.

«Os pontos culminantes do drama são muitas vezes momentos de silêncio». Dreyer, ao afirmar isto, consegue provar-nos que tudo o que disse está certo e, val mais além. Conseguir economizar movimentos à câmara, fazendo com que se dê conta da cena principal, com todos os pormenores, tendo o actor muitas das vezes, de entrar no enquadramento do plano de focagem da câmara, tornando a cena mais fria, mais primitiva.

A direcção dos actores é excelente, sendo a sua interpretação colectiva extraordinária, não caindo em vedetismo este ou aquele personagem, o que iria alterar o sentido do filme, o que certamente Dreyer não pretendia.

2) O enredo & Dreyer e o público:

Para aqueles de diversas opiniões religiosas, que se manifestaram contra algumas cenas de «A Pala-

vra», lembro as palavras do seu realizador: «o que se passa no «écran» não é nem pode ser a realidade — o naturalismo não é arte».

Numa herdade, na Dinamarca, uma família alheia aos fenómenos e problemas que se passam no mundo, vive o seu dia-a-dia sem a menor preocupação. Vivem como se o presente tivesse parado e, a evolução não passasse por eles. Nota-se no seu quotidiano alguns reflexos de transformações culturais que se deram na Dinamarca, como por exemplo, o prazer de viver que terá ligação com o Existencialismo de Kierkegaard.

Dreyer põe em confronto dois tipos de seitas protestantes, completamente opostas.

Uma delas representada pelo velho Borgen, tem como principal fim religioso, a vida.

O outro tipo de religião, é a do alfaiate Peter, em que a morte e a autoflagelação representam o ponto máximo das suas ambições.

Johannes, um louco, filho de Borgen, que leu Kierkegaard, estudou teologia e teleologia, tem um papel importantíssimo no decorrer do filme. É ele, que vai criticando todo aquele facciosismo religioso bem como o tradicional puritanismo que o rodeia.

Ele representa a Verdade. Apesar de louco, ele

tem quem acredite nele: uma criança.

Que maior símbolo de Pureza, poderemos nós imaginar senão uma criança que, olhos inocentes e sem vícios, acredita que o tio irá fazer ressuscitar sua mãe.

Dreyer mostra-nos uma Dinamarca onde se caminha sobre a Liberdade mas, onde faltam algumas revoluções como por exemplo a emancipação da mulher, que é direito humano.

A «Palavra», mostra-nos vincadamente, uma mulher, tida como objecto de trabalho e de produzir filhos que, ainda hoje poderemos encontrar nos países subdesenvolvidos.

É-nos dado a ver toda uma série de elementos, que nos farão deduzir o estado da actual Dinamarca, produto de toda uma estruturação deficiente.

Dreyer desde o momento em que a máquina de projectar começa a funcionar, apossa-se do público e, domina-o.

Depois, é sentirmos os gritos aflitivos de Ingers, que falecerá depois do parto.

Depois, é sermos nós que começamos a acreditar em Johannes e que lhe pedimos para que faça o tão desejado milagre.

Depois, é sermos alguns de nós, a assobiar Dreyer.

É caso para perguntar: se Dreyer ainda nos tivesse dado mais alguns filmes, quais seriam do agrado do público? Quanto lucraria a arte das imagens?

O SONHO DOS MIL E UM DIAS

por Vítor de Sousa Ilharco

a) recusei terminantemente deitar-me hoje.

b) ontem sonhei, foi um sonho estúpido mas sonhei, era uma cidade diferente a cidade do meu sonho, a rua principal tinha um milhão e vinte e três casas caladas e quinze por cair, era a cidade onde os escritores iam buscar personagens para os seus livros, usavam-nas e depois levavam-nas novamente para lá mas já vazias, tiravam-lhes muitas alegrias e davam-lhes muitos problemas, por exemplo o guarda do jardim a quem a malta chamava Romeiro — baixo, roto, apolando os permanentes 39° de febre a uma bengala torta e que passava o dia a dizer quem és tu? ninguém!... — que tinha ficado mais ou menos avariado desde que o escritor obrigou a mulher a abandoná-lo, e parece que eles se davam muito bem mas aquele escritor não sabia fazer histórias e o homem porque assim é que a história tem valor, agora o guarda vinga-se e não deixa as crianças (nem o Oliver, nem o Emílio, nem o Marcelino, nem os cinco, nem...) pisar o alcatrão, quem quiser brincar que brinque na relva pois caso contrário os paisinhos (ele até só dizia pais mas isso não é linguagem decente para um sonho) terão que pagar uma multa, havia também um grupo de pessoas-todas-chelas-de-boavontade que iam por aí a dizer que

queriam fazer festas aos olivers e davam um espectáculo de variedades com o drácula que fazia caretas para os catraios rirem e depois xás! comia três como remuneração e o grupo falhou porque desapareceram as crianças todas mas agora já estavam a organizar a campanha-de-ajuda-moral-aos-velhinhos-sem-conforto e os velhinhos-sem-conforto estavam desejosos das caretas do senhor drácula.

c) quando acordel (parece que cheguei a acordar) tive logo a preocupação de correr a cidade para ver dos olivers e dos Romeiros e só depois de ver centenas deles e de lhes tocar transmitindo preocupações agravando chagas é que me convenci que tinha sonhado, se num bocadinho tinha visto tão grande número de habitantes da cidade dos sonhos dos mil e um dias eles ainda deviam lá estar todos e fiz um grande discurso sobre os perigos da visita do drácula e quase todos disseram sim senhor mas havia lá alguns que o senhor desculpe mas se cá vier o drácula vou-lhe pedir um autógrafo que eu até o tenho em estima e parece que ele agora está em regime vegetariano e todo desdentado e eu que vocês é que sabem mas eu fujo porque tenho medo dele.

d) para não sonhar eu recusei terminantemente a deitar-me hoje.

VENÇA O SEU ESGOTAMENTO

O INTENSO RITMO DA VIDA MODERNA EXIGE UM TRABALHO E UM ESFORÇO EXCESSIVOS, O QUE FREQUENTEMENTE ORIGINA UM DESEQUILÍBRIO DO SISTEMA NERVOSO E A FALTA DE ENERGIAS PARA A LUTA COTIDIANA. ANTES DE CHEGAR A TAL EXTREMO, CONSULTE O SEU MÉDICO E PREVINA-SE TOMANDO FOSFORO FERRERO.

BEBA SEMPRE O LIQUIDO

Fosforo Ferrero

RECEPÇÃO

por Alice Vassalo Pereira

SÉRGIO P. F. (Lisboa) — «Desfazamentos temporais? Meu amigo, são coisas que acontecem. Bem fazemos para que tudo saia muito certinho mas às vezes... Enfim, como nos programas dos cinemas, o espectáculo pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto... A propósito dos teus últimos poemas — muito diferentes, realmente, dos anteriores — sairá em breve o «Ler». Parece-me que esta tua reviravolta é muito positiva. Aproximaste-te mais das pessoas, sentiste melhor a realidade das coisas. Vai dando notícias. (E desculpa as futuras possíveis alterações de programa...)»

A. M. CRUZ (—) — Fico à espera dos trabalhos prometidos. Depois te farei uma crítica. Com estes dois é impossível. Posso dizer-te apenas que são muito fracos, muito sem sabor nenhum. Mas podem ser poemas muito antigos, posso perfeitamente admitir que já tenhas evoluído.

A. JORGE (Covilhã) — O único conselho que te dou é que te dediques à prosa. Nunca li nada teu em prosa. Já isso é verdade. Mas li os poemas. Todos. Um por um. Por favor, amigo, dedica-te à prosa!

ZE EMIGRANTE (Coimbra) — Ouve uma coisa: já experimentaste dedicar-te à prosa? É que, de tudo o que eu li, foi a tua carta, que me agradou mais! Tu, no fundo, fazes os poemas por brincadeira e é evidente que coisas feitas por brincadeira nunca resultam.

TIAGO (Cova da Piedade) — O teu conto não é nada, amigo. É uma brincadeira de palavras mais ou menos vagas e abstractas, num estafadíssimo estilo epistolar. Tu que és universitário não terás coisas mais interessantes para comunicar aos outros? Põe de lado esta pieguice e anima-te, homem! O mundo não acaba amanhã, vais ver.

M. E. R. P. (Coimbra) — Tu és muito incerta, nunca sei quando posso confiar em ti! Agora apareces-me com esta «coisa» em prosa que se resume no «estava-só-vieste-fiquei-acompanhada» (óbvio...). sem o mínimo interesse (e com o mínimo de palavras...) deves compreender... Cá fico eu à espera de melhores dias...

MANUEL BASÍLIO (Carcavelos) — Os teus poemas não sabem ainda que caminho escolher... Ora se perder em únicas cogitações —

«quem diz que não tem medo de morrer?»...

«achovia o céu estava triste pedi um pouco de alegria...»

— ora, de repente, lá deixam escapar uns momentos felizes:

«... pessoas que não reparam [em mim] têm a cara dumas semanas [de escuridão]»

«... tendo bons momentos com [pessoas] e dá notícias [de]»

O teu poema «Ti'Ana», por ser o melhor (o mais verdadeiro) será brevemente publicado.

JOÃO L. S. (Lisboa) — Realmente, com seis meses de aprendizagem não se pode exigir muito mais... Mas talvez se possa exigir um pouco mais, que dizes? Em primeiro lugar, enquanto tiveres de explicar previamente um poema para que as pessoas o entendam, convence-te de que não escreveste um bom poema. Os bons poemas não se explicam, dizem tudo por si próprios — embora, é evidente, cada qual lhe possa dar a sua interpretação. O teu poema «Requiem Universal» teresse. Posso mesmo dizer que terá bastante interesse. Mas, por razões muito várias (uma delas, por exemplo, é o tamanho — um poema destes ocuparia um «Juvenil» quase todo — mas há muitas outras...) não pode ser publicado. No entanto, espero mais colaboração tua.

VÍTOR M. G. (Lisboa) — «a tragédia é que fico sempre entre mim e o que quis!»

Agora continuo eu: a tragédia é o Sá-Carneiro ter existido antes; a tragédia é tu teres 23 anos, seres estudante de Medicina e perderes o teu tempo a escrever coisas destas...

EMANUEL C. S. R. (Lisboa) — Na mesma, meu amigo, exactamente na mesma. E, para te ser franca, não vejo muitas esperanças de melhoras...

MÁRIO S. C. (Lisboa) — O teu único poema tem palavras a mais e poesia a menos. Palavras banais («chuva copiosa», «vendaval tremendo», «cidade ignóbil») e um assunto que, por muito paradoxal que pareça, não me deixou bem certa se se tratava do tremor de terra de Lisboa ou de uma apreciação em quadras do «Romeu e Julieta», do Zeffirelli... Vá, põe um pouco mais de ordem na tua cabeça, não te deixes levar por exaltações momentâneas — e, por amor de Deus!, não me venhas com a história da «Lisboa garri-da», que eu até fico quase sufocada...

JOSÉ FERNANDO ALMEIDA RIBEIRO (Viseu) — Como a tua carta visava dois colaboradores do «Juvenil», tomei a liberdade de a enviar para um deles (são amigos, ambos a lerão) e certamente que em breve terás notícias. Por minha parte senti-me muito importante com aquela acusação de «camusianamente criminosos»... Não é lá qualquer coisa... Quanto à bibliografia indicada, já a conheço. Quando o quiseres, podes mandar mais.

ROGÉRIO RODRIGUES (S. Cavém) — Com um bocadinho mais de esforço e o «poema numa rua da cidade» tra um bom poema. Repara, por exemplo, nas aliterações b) e c), que me pare-

cem muito fracas, diria mesmo desnecessárias dentro do poema. O outro é nitidamente inferior; de qualquer modo, estão a anos-luz de distância dos primeiros que enviaste! Espero mais colaboração.

LAILA NANTES (Lisboa) — A tua poesia não se pode pôr numa questão de eu-achar-que-sim ou eu-achar-que-não; tem de se pôr, antes de mais, numa questão de tempo. Escreves agora a poesia que toda a gente, na tua idade, geralmente escreve. Resta saber se, daqui a uns tempos, continuarás ainda a escrever do mesmo modo. Nesse caso — nada feito. Mas é evidente que, com tanta antecedência, não posso dizer nada. Conheces a poesia de Cabral de Melo Neto, ou a de José Gomes Ferreira, por exemplo? Ser-te-ia muito útil.

JOSÉ V. S. C. (Lisboa) — Sim, talvez esta seja uma poesia um pouco mais adulta mas ainda não atingiu a maioridade... Só tens a ganhar em simplificar os teus poemas, mas cautela: simplificar não implica banalizar! «A imagem / vibrante e colorida» é uma expressão que já não diz nada de novo. E a poesia tem de ser sempre nova, sempre viva. E «o que vive / incomoda de vida / o silêncio, o sono, o corpo», como escreve Cabral de Melo Neto.

JOSÉ F. LEAO (Lisboa) — Depois de ler os teus dois contos penso que «Quase um Diário» está muito mais bem elaborado e tem muito mais interesse do que o outro. No realidade, as tuas qualidades de futuro escritor vão-se manifestando. Este teu conto é já um indicio disso. Espero, com muito interesse, mais trabalhos teus.

J. A. C. RODRIGUES (Covilhã) — Não, a tua carta não me maçou nada. Só há uma coisa que eu não entendo: sendo tu tão directo na tua carta, com ideias tão assentes e tão concretas, afirmando que já ultrapassaste a «fase dos poemas da solidão e da chuva que caía», como é que os trabalhos que mandas são exactamente o contrário? «Dirigi-se para a porta da realidade e abriu-a». Que realidade há nesta frase?

«A minha solidão é feita das lágrimas expulsas dos olhos cansados...»

«Rodei os dedos no universo e imaginei-te...»

Procura libertar-te desta poesia amorfa e bafienta e não queiras seguir um caminho que não é o teu. Porque eu sei que não és.

SOUSA PACHECO (—) — Os dois poemas que enviaste têm momentos bastante fracos e momentos já razoáveis. Por vezes aparece até uma ou outra ideia bastante feliz:

«já não sou um instrumento dum fato apresentável»

CRÍTICA AOS TRABALHOS RECEBIDOS

ou ainda

«antes ia para a rua e lia as notícias no rosto dos vizinhos»

Quando te agarras ao concreto, à realidade que tu conheces, que te toca de perto, é evidente que a poesia acaba por aparecer. Apesar dos tais poemas de há quatro anos, de que tu falas eu acredito na tua poesia, nos teus próximos trabalhos. Até breve.

J. C. B. V. (Loures) — Esse número do «Juvenil» de que falas foi um número especial, que esperamos não repetir, mas que era necessário na altura por várias questões levantadas acerca da qualidade ou não qualidade dos trabalhos que recebíamos. Chamámos a esse número o «Salão dos Recusados» e publicámos nele umas amostras do «muito mau» que todos os dias recebíamos (e, infelizmente, recebemos...) nas cartas que chegavam às mãos. Creio que o número saiu no dia 24 de Dezembro. Parece-me que, com isto, respondo a tudo o que perguntas na tua carta...

GUIOMAR (Lisboa) — A minha «sincera opinião», amiga, é que te dediques à medicina. Escolheste este curso, não te deve sobrar muito tempo... e os teus poemas não me parecem assim muito urgentes.

S. SOARES (Queluz) — Francamente, meu caro senhor, pensa que é natural a sua filha com a idade que tem, escrever coisas tão desesperadas como estas:

«Criança... me chamavas quando outrora sentada em teus joelhos eu ouvia as mesmas lindas histórias que eu agora recordo com saudade e alegria...»

ou

«Porquê esta tristeza no meu ser Porquê este cansaço de viver...»

Tome cuidado, olhe que deve haver qualquer coisa errado no meio de tudo isto... Deixe passar o tempo, não tenha pressa de ver o nome dela no jornal. Dê-lhe livros de bons autores contemporâneos, que é o melhor que lhe pode fazer agora...

J. M. R. MARTINS (Lisboa); SOLRAC SEDNEM (Lisboa); MIQUE (Lisboa); A. SEIXO (Póvoa de Varzim); A. J. L. FONSECA (Figueira C.º Rodrigo); FERNANDO A. S. (Sintra); O. M. P. L. (Lisboa); PAULO C. A. (Lisboa); JORGE M. A. S. (Damaia); F. ASSUNÇÃO S. (Sintra); R. M. S. (Lisboa); A. J. INACIO S. (Quejuz); A. JOSÉ R. (Silves); M. N. ANDRADE (Lisboa); MILUXA (Cascais); JOSÉ CARLOS F. H. (Coimbra); A. T. RODRIGUES (Viseu) — As vossas produções não têm, por enquanto, qualidades que justifiquem a sua publicação no «Juvenil».

POEMA

por Carlos Ortil

as noites entravam por nós dentro.
eram umas noites negras e profundas nesse ano não tinham luzes nos
becos e nas vielas.
havia gatos olhos e lixo erguido no
suor das paredes. janelas mortas no espaço sem lua e nas horas sem conto
só nós continuávamos.
havia uma flor de lábios roxos e olhar negro situada entre os dois.
era a nossa flor.
havia uma sorriso de adeus situado para além de nós.
era a nossa vida.

POEMA

por António Barbedo de Oliveira

falo de ti
como de uma árvore sem raízes
ou com raízes nos cabelos
e nos dedos ramos
onde os frutos verdes
persistem o ano todo

falo de ti
como da terra madura e quente
em que os pés são arados
rasgando caminhos à água
e as espigas se prolongam
no duro pão suado

falo de ti
como de um rio sem margens
ou rompendo as margens
onde crescem desoladas as cidades
com o frio e a alegria
adormecidos lado a lado

falo de ti
sem ódios nem punhais
como quem abre os pulsos
e com o fogo dos olhos
dá o sangue a beber
sem nada esperar em troca

POEMA para a HÉLIA CORREIA

por Sousa Fernando

Mas elas não «vendiam pentes»

Elas brincavam nas poças
na lama da rua contentes

E naquele tempo havia ainda uma esperança

Descobri-o na chama do fósforo
ao ler o teu poema

Eu também saí à rua

Só depois corri e saltei
triste pelos passeios
e farei sempre assim
se as ruas amanhã não tiverem mudado

Agradeço-te.
«Foi então que eu fiquei com um poema cego.»

Hoje penso que
a vida é tão outra que
morri quando antigamente pensava que
ficaria sempre criança.

QUASE UM DIÁRIO

Por JOSÉ MANUEL F. LEÃO

• 1 São dez horas da manhã. Já tomei o pequeno-almoço e não irei ao café do Pantufa antes de o correio vir. Talvez o patrão me escreva a dizer que não me ter faltado todos estes dias. Sinto-me bem aqui à janela e quer no emprego depois de tendo passado os eléctricos. Acho que o meu cancro também é amarelo e isto identifica-me, de certo modo, a eles. As mulheres passam na rua de alcovas na mão e por vezes formam pequenos grupos onde sabem as últimas novidades. O carneiro está encostado à porta do talho a fumar e a olhar para uma poça de água. A minha vizinha, dona Laura, atravessa agora a rua com o gato debaixo do braço e entra na mercearia.

Uma ambulância irrompe dum esquina com um grito agudo e os carros pararam todos ao mesmo tempo que as pessoas ficam a olhar.

Ontem à tarde encontrei a Ana no Chindo e perguntei-lhe como ia. Fiquel a saber que ia bem, contou-me muitas coisas e com-

binámos sair esta tarde se não chover.

• 2 A Ana vinha muito pintada e eu disse que achava estupidéz pintar-se tanto. Disse-lhe também que vinha muito bonita. Sorriu e deu-me o braço. Andámos às voltas e por fim sentámo-nos num banco de jardim. Disse-me então que não acreditava que eu tivesse um cancro e que se ríamos muito felizes. Acomodi um cigarro, atirei um bocadinho de madeira para o lago e fiquei a olhá-lo a botar.

A Ana agarrou-me o braço disse que a sociedade era ridícula e outras coisas mas eu não percebi bem o que ela queria significar com aquilo. Bucelei e ela continuou: «Nem sequer os meus pais me compreendem e tão pouco me defendem e acho que me querem pôr na rua. Parece que comecem a odiar as pessoas». Depois disse ainda que no estrangeiro ninguém ligava a estas coisas e que não havia chatice. Perguntei-me se eu a compreendia e eu disse que não compreendia nem deixava de compreender. Ela

fizesse o que quisesse que eu não tinha nada com isso.

• 3 A dona Laura pediu-me esta manhã que ficasse um bocadinho com o gato na minha casa enquanto ela ia às compras. Disse-lhe que não me importava nada e ela entregou-me. Depois fui atender o telefone. Era o patrão que queria saber por que motivo não ia eu ao emprego há quinze dias. Expliquei-lhe o que tinha ele confortou-me mas eu achei que não valia a pena fazê-lo e deixei-o.

Depois do almoço a Ana bateu-me à porta e participou-me que vinha para a minha casa. Pouco depois chegou a notícia de que a dona Laura morrera. Olhei para o gato e não soube se o lamentar a ele se a mim.

Depois fui para a janela com a Ana que me perguntou se eu gostava dela. Respondi que ainda não pensava nisso e ela começou a choramingar. Mas em seguida bebeu e disse-lhe que não fosse parva. Que interessava eu gostar dela? Resolvi que não acreditava

no meu cancro e que se eu quisesse havíamos de ser muito felizes. «Tu és bom e compreensivo. Nunca odiei ninguém mas agora sinto que o ódio é bom. Torna-nos maus, mas é bom. Liberta-nos». Beijou-me e foi lá para dentro.

• 4 Entrei no meu último mês de vida. O gato já se afeiçoou à nova casa e não desgosto dele. A Ana diz que esta noite não dormiu nada por causa dos miados dele mas eu não ouvi nada. De manhã fui ao café do Pantufa. Fiz lá as palavras cruzadas e quando me vinha embora apareceu a Ana que bebeu uma gasosa. Pela primeira vez na minha vida pensei que era aborrecido morrer dentro de pouco tempo. Mas pensei logo a seguir que já agora era melhor a data não ser adiada porque isso obrigava-me a alterar os planos para os dias que faltavam e fazer outros. Concluí que o melhor era não pensar no assunto. Assim como assim que interessava morrer um mês antes ou um mês depois.

O PASSEIO DO SR. DOUTOR

Por HENRIQUE MANUEL

O senhor doutor conseguiu hoje arranjar tempo para reviver os antigos passeios ao longo do «canal». O «canal» é o lugar onde aos sábados e domingos à tarde, especialmente após a saída do cinema, todos vão representar. Curioso: até nisto os homens são mais realistas que as mulheres; nem sequer fingem ver as montras. E o nosso doutor sabia isto, recordava os velhos tempos e ria lá dentro de si, lá caminhando lentamente. Resolvera fazer um pacto consigo mesmo: não estragar a simetria do quadro.

Mas para ficando a olhar para a primeira página suja e rasgada de um jornal. A primeira impressão assaltou-o a vontade de pegar na folha; baixou-se mas hesitou no momento preciso, teve medo, medo que alguém estivesse a ver o senhor doutor. Foi-se contentando em olhar uma fotografia: duas mulheres estarrapadas, sujas, com os filhos ao colo feridos e sem-nus. Até que uma rapariga inadvertidamente lhe passou por cima enquanto sorria para o namorado e o fez esvoaçar acabando por se rasgar no chão completamente.

E o senhor doutor continuou a andar por entre uma multidão de rostos onde bailava a mesma expressão de curiosidade e de descanço.

— Boa tarde senhor doutor, como está?

— Boa tarde como está senhor...

Era um dos momentos a que já se habituara. As palavras eram acompanhadas dum sorriso automático e um erguer hesitante da mão para o chapéu. Só em seguida se voltava para trás a ver quem o tinha cumprimentado, enquanto levava um encontrão comentado no outro passeio em tom de benevolência por um arquitecto conhecido.

— ...anda hoje com azar. Ele marchava calmamente, alheio ao que diziam do outro lado.

Ah! mas aí está o que essencialmente queria rever.

Tudo tão normal, tudo como antes: a mesma paragem do autocarro, a mesma entrada do café e como sempre, rostos jovens; eles à entrada do café elas junto à placa à espera do autocarro que nunca chegava. Mas seria tudo como dantes? Até a placa que dizia «paragem» tinha sido pintada de novo com um amarelo brilhante. Ainda por cima estava a sentir-se vago, intimidado, olhando aquilo que já não compreendia nem sequer sabia justificar. E um rapaz de cabelos compridos ri-se de o ver assim aparvalhado. Houve quem se voltasse dissimulando um olhar ignorante.

Não tinha dado bem conta da mudança mas reagiu deslizando no meio das pessoas que se apinhavam até chegar, desiludido, ao fundo do «canal».

APONTAMENTO

Por MARIA HELENA ANÇÃ

Hoje vim arrumar a gaveta. Entre folhas soltas de dossier (onde se encontram escritos os mais diversos temas, desde o resumo dos «Luasadas», até as cábulas de Oecografia) descobri uma fotografia que me tiraste, na esplanada. Se ela não existisse, creio bem, que não faria qualquer alusão às minhas férias grandes.

Faço uma pausa. Tento coordenar as imagens soltas que tenho de Agosto. Revejo o mar, que vinha com ondas largas bater nas pedras; as dunas cobertas de verdura, de papéis de jornal e cascas de bananas; os fatos de banho coloridos dos nossos amigos; os sacos das meninas. (Todas nós tínhamos um saco, que vocês julgavam misteriosos. Tu nunca chegaste a saber o que eu tinha no meu).

Tinha cartas dos meus amigos de Lisboa: da Tuxa, do Beto da Edu, do João. Eu falei-te neles. Tu já os conhecias a todos.

Havia um espelhinho redondo, de cabo da cor que tem o mar quando o sol se põe. Lembras-te, uma vez, que vimos o por-do-sol por entre as dunas? O meu espelho era da cor do mar, nessa tarde. Outro dia caiu no chão e rachou-se.

E havia um pente rosa-velho, que tu conhecias.

E um caderno, onde eu escrevi versos. Um dia eu mostrei-te um pensamento de Jean Cocteau, na capa dum caderno. Tu sorriste porque era verdadeiro. E nesse caderno que agora te faço.

O meu saco tinha diversas cores formando círculos, rectângulos e figuras

sem forma definida, onde apareciam flores azuis.

Uma noite fomos para o teu terraço (o terraço da casa dos arcos) porque estava uma noite boa. (Gosto muito do lago oval que está no meio do terraço). Senão teríamos ido para o «Agaxa-te» (a casa de arrumações que vocês arranjaram com estrelas e luzes indirectas. Era preciso fazer uma ginástica incrível, para entrarmos lá dentro — a janela era tão pequena.)

Estavam muito alegres nossos amigos. Eles estavam sempre assim. Menos eu. Menos tu.

Depois, um por um, todos se foram.

Excepcionalmente não havia frio. A lua era chela e branca.

Nós continuámos no terraço, sentados nos degraus. Tu puseste a tocar um long-play dos Moody Blues. Então nasceu o silêncio, apesar de haver ainda o murmúrio das vozes dos nossos amigos.

Eu estava de costas para o lago. Imaginei-o coberto de nenúfares. Lembrei-me dum conto que li há muito tempo. Apeteceu-me contar-te. Dizer-te que a melancolia, os nenúfares saíam dos lagos, transformavam-se em meninas e dançavam, quando havia luar.

Pensavas. Quis imaginar em quê e não conseguí. Agora vejo que é fácil. (Foi nessa mesma tarde que na esplanada me tiraste, sem eu saber, uma fotografia). É sempre mais fácil, quando as coisas passam, a gente pensar neles.

A música continuava. Foi nessa altura que tu me perguntaste se estava a

gostar do disco. Respondi que sim. E continuámos a pensar, até que chegou o teu irmão pequenino (chamo-lhe sempre assim por ele ser o mais novo de vocês os três. Ele diz-me sempre que já tem catorze anos.)

O teu irmão tirou do bolso das blue-jeans, um maço Porto. Acendeu um cigarro, depois de me ter perguntado se eu queria um. Recusei. Então ele afastou-se de nós. Com o fumo do cigarro do teu irmão, vi formarem-se muitas mãos.

Um dia já tinha visto, quando estava em Lisboa, aparecerem palavras, do fumo dos cigarros do André. Nessa altura eram necessárias as palavras.

Olhei as tuas mãos vagamente: muito magras com dedos esguios. Gostei. Olhei em seguida as minhas. Achei-as diferentes.

O fumo vinha e diante de mim, continuava a dar-me imagens de mãos. Quis que houvesse relação entre o real e o não real. Se a tua mão tocasse na minha, haveria unicamente as mãos. Tudo o resto se perderia.

Tu olhaste-me. Se calhar até olhaste as minhas mãos, para as aches diferentes das tuas.

O cigarro do teu irmão acabou no cinzeiro verde. Aproximando-se de nós, confessou-nos que os teus pais o tinham posto de castigo, porque o viram a fumar. E estava proibido de sair de casa nessa noite. E pediu-te que não disseses nada.

Eu sorri. O disco acabou. A minha prima chegou

com o Zé. (Tinham estado a ver um desafio de futebol).

Despedimo-nos. O Zé ficou contigo. Eu fui para casa com a minha prima. Ela veio a contar-me o jogo a que tinha assistido. Não ouvi nada. Via o reflexo da luz da lua, na ria, perto do teu barco. Estava triste, por ter tanto que te dizer e ter ficado calada. (É sempre assim, eu nunca digo nada às pessoas...) Mas havia quinta-feira, o último dia que passaria contigo. E era já uma esperança.

Quinta-feira veio. E foi diferente, porque todos os dias são diferentes uns dos outros. De manhã havia o mesmo colorido dos fatos de banho, no mar; as mesmas dunas sujas de cascas de bananas e papéis rasgados de jornal. De tarde fomos até ao «Agaxa-te». A minha prima cantou e tocou viola. O Mário acompanhava à bateria. Depois tocaste tu e o Henrique cantou.

As luzes eram mais vermelhas.

Eles continuavam a cantar.

Tu viste ter comigo e eu não soube que as tuas mãos eram iguais às minhas. Só depois quando eu vinha de comboio, de regresso a Lisboa. Lembrei-me do cigarro, da véspera, do teu irmão pequenino (Ele agora não ouve posso chamar-lhe assim).

E depois disto vieram as aulas. Mas eu guardei segredo.

Em Outubro, a tua carta chegou. (A única coisa que me diz que tudo isto é verdade.) Encontrei-a há dias, no meu saco de diversas cores, onde há flores azuis,

OUTRORA O TEMPO COM AS MÃOS

Por MÁRIO CONTUMÉLIAS

Ficar ali difusa entre todos os outros a vê-lo partir, a acenar a ninguém, que ele do barco não a via nem sabia ser ela ali a reconstituir o gesto das suas

mãos longas e nervosas que levavam dentro as mãos dela. Voltar a casa o quarto parecer-lhe de repente nu como se não tivesse aquela enorme carpe que o avô trouxe uma vez e ficou lá. E cartazes nas paredes onde até afizavam anúncios de produtos que nunca tinham existido. Enrolar-se no frio, segurar o seu corpo no orgulho de não tremer. Deixar arrefecer o café totalmente, pegá-lo, levá-lo aos lábios como se tomasse marijuana, saber que na cidade havia raparigas que usavam mini-saia e fumavam cigarros estrangeiros. Ignorar o tempo como se fosse numa exposição de pintura. Afastar com um gesto de cimento os poemas panfletários que trazia na face. Sorrir com os dentes para o espelho e ver surgirem os dentes de leite, seus olhos de febre vívidos de um não estar senão — uma pessoa — à frente com os cabelos a correm no no-

nho como rios. Procurar um objecto para poder chorar e ver o quarto sem um grito sequer para fender o tecto.

Achar o tempo em que sabia ainda o nome do país e rapidamente acender um cigarro e dissolvê-lo no fumo. Sentir de repente a cabeça pesada. Aceitar o estreitar dos ombros como uma recusa e ver que sobre as árvores na avenida continuam os pardais a fazer um barulho tremendo mas de que dantes gostava. Transportar-se para a rua, lembrar-se de como o ajudara a saber, sentir os seus lábios grossos e secos.

Afagar o imenso cordão umbilical que a liga ao copo de água e ao comprimido para dormir. Levantar-se ir até ao meio do quarto, deixar cair lentamente, lentamente o copo de água no chão. Chegar à janela, lançar o comprimido ao alar vermelho a brilhar, correr a persiana. Despir-se, deitar-se como se fosse uma descoberta nova. Apagar a luz. Adormecer entre as lençóis de linho branco, mas suado, quente, e a pele dela,